

Dissertação de Mestrado

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2009

DO ESPAÇO PÚBLICO E DO SAGRADO

os casos do Obradoiro, em Santiago de Compostela e da Mesquita-Catedral de Córdoba

Sara Borges Matias

Orientadora:

Doutora Arq^{ta}. Maria Teresa Saraiva Pires da Fonseca Dias Fonseca

Figura da capa: perspectiva geral da Praça do Obradoiro sobre uma fotografia da cúpula central da macsura da Mesquita de Córdoba. A primeira é um espaço público aberto que, pela presença da Catedral de Santiago, se reveste de carácter sagrado; a segunda é a entrada do espaço mais sagrado e a zona mais restrita da Mesquita e albergava as principais funções do governo civil islâmico.

À Elsa e ao João,
os verdadeiros patrocinadores deste trabalho e os meus apoios omnipresentes.

ÍNDICE

ÍNDICE	5
ABSTRACT	6
RESUMO	7
1. PRÓLOGO	9
2. REVISÃO DE CONCEITOS	15
2.1. Monumentos e Património, História e Lenda	17
2.2. Cultura Cívica e Cultura Religiosa	21
2.3. Modalidades Urbanas da Alta Idade Média	25
2.4. Arquitectura Civil e Arquitectura Religiosa	35
2.5. Espaço Público e Espaço Sagrado	43
3. PRAÇA DO OBRADOIRO EM SANTIAGO DE COMPOSTELA	51
3.1. Origens	53
3.2. Assentamento	57
3.3. A Praça do Obradoiro	61
3.4. Contexto Urbano da Praça	73
3.5. Património da Humanidade desde 1985	83
4. MESQUITA-CATEDRAL DE CÓRDOVA	85
4.1. Património da Humanidade desde 1984	87
4.2. Contexto Urbano da Mesquita	91
4.3. Mesquita-Catedral	97
4.4. Assentamento	113
4.5. Origens	117
5. DO ESPAÇO PÚBLICO E DO SAGRADO	123
CRONOLOGIA	127
BIBLIOGRAFIA	131
CRÉDITOS	135

ABSTRACT

This work explores the shape of collective space as an expression of a culture and therefore it finds in universal elements the foundation of permanent architecture and in circumstantial elements the image of each culture.

The Obradoiro Square in Santiago de Compostela and the Mosque-Cathedral of Cordoba are the case studies that support this research on types of space. The first, public, *a priori*, is the Plaza Mayor of the city, but as part of the acropolis of Compostela, it shows its sacred value towards the Christian religion. It combines emblematic buildings which depend on the outstanding presence of the Cathedral of Santiago. The Square totally submits itself to that building. The Mosque-Cathedral, by contrast, is a sacred building which close study shows that it has functioned, throughout the centuries, widely related to the civic life. More than a sacred building, the Mosque-Cathedral is a forum.

To humankind, as heritage classified by UNESCO, these cases of collective space accumulate monumental value and become sacred objects to a universal community which goes beyond ethnic and religious differences.

The urban principles of the early middle ages and the sociologic concepts of civic and religious culture put the Obradoiro Square and the Mosque-Cathedral of Cordoba in the context of their origins. These, together with the study of the city, architecture and monuments give rise to this thesis.

The research of heritage values of each space and the analysis of their shapes and current programmes have produced a synthesis that justifies their universal value in the contemporary cultural environment.

The consensual recognition of “architectural monsters”¹ is promoted by the conservation of their shapes, as much as by the reflection on their relevant functions that allows its changes and, therefore, its suitability today. Through the survey of specific urban and architectural elements, of socio-cultural concepts and feelings of collective fascination, this dissertation aims to contribute to the clarification of categories granted to public or sacred space or even both.

¹ NIETO CUMPLIDO, “La mezquita-catedral de Córdoba y el ICOMOS”, in: RECIO MATEO, “La Mezquita-Catedral de Córdoba: símbolo universal de alianza de civilizaciones”, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?pag=sanvicente3>.

RESUMO

Este trabalho explora formas de espaço de uso colectivo como expressão de uma cultura e, conseqüentemente, encontra nos elementos universais o fundamento das permanências arquitectónicas e nos elementos circunstanciais de cada obra, a representação dessa mesma cultura.

A Praça do Obradoiro, em Santiago de Compostela e a Mesquita-Catedral de Córdoba são os casos de estudo que suportam esta investigação sobre categorias de espaço. O primeiro, público, *a priori*, é a Plaza Mayor da cidade mas, como parte da acrópole da Cidade Santa que é Compostela, assume valor sagrado perante a religião cristã. A Praça conjuga edifícios emblemáticos em função da Catedral de Santiago e subordina-se-lhe totalmente. A Mesquita-Catedral, pelo contrário, é um espaço sagrado cujo estudo mostra que os programas que integrou ao longo dos séculos estavam, estritamente, relacionados com a vida cívica. Mais do que um edifício sagrado, a Mesquita-Catedral é um Fórum.

Para a humanidade, enquanto património classificado pela UNESCO, estes casos de espaço colectivo acumulam valor monumental e tornam-se objectos sagrados para uma comunidade universal que ultrapassa diferenças étnicas e religiosas.

Os princípios urbanísticos alto medievais e os conceitos sociais de cultura cívica e religiosa contextualizam a origem da Praça do Obradoiro e da Mesquita-Catedral de Córdoba e, juntamente com o estudo da cidade, da arquitectura e dos monumentos, alavancam esta investigação.

A pesquisa sobre o valor patrimonial de cada uma das obras e a análise das suas formas e programas actuais permitiram produzir uma síntese que justifica o seu valor universal, no panorama cultural contemporâneo.

O reconhecimento consensual dos “monstros arquitectónicos”² é fomentado pela conservação das suas formas, tanto quanto pela reflexão sobre a sua pertinência funcional que permite a sua adequação ao presente. Através do levantamento de elementos arquitectónicos e urbanos específicos, de conceitos sócio-culturais e de sentimentos de fascínio colectivo, esta tese pretende contribuir para o esclarecimento da atribuição de categorias ao espaço, públicas, sagradas ou ambas.

² Ibid., <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?pag=sanvicente3>.

1. PRÓLOGO

Uma breve revisão de acontecimentos, mais ou menos casuais mas significativos, que emergiram durante o meu curso de arquitectura, evidenciou a recorrência de experiências pedagógicas em espaços ou edifícios públicos marcados por algum significado ou função religiosos, ao ponto de motivarem a sua escolha para releitura e aprofundamento nesta dissertação. Alguns desses espaços, como a Praça do Obradoiro em Santiago de Compostela e a Mesquita-Catedral de Córdoba, tornaram-se mesmo, pela sua excepcional importância, um desafio fundamental, que assumi como fundação deste novo trabalho.

Dos antecedentes referidos constam, só ao nível académico, estudos práticos e teóricos da Igreja dos Santos Passos, em Guimarães, da Praça do Obradoiro, em Santiago de Compostela, de espaço público em Sevilha e do Largo do Priorado em Cedofeita. Simultaneamente, fizeram-se viagens e visitas de estudo. Por fim, um estágio na Câmara Municipal de Aveiro envolveu, entre outras solicitações, as obras de reabilitação da Baixa de Santo António, do Convento das Carmelitas, da Sé, das Igrejas: Paroquial de S. Paio de Requeixo, de Sto. Amaro, de S. Francisco e de Santo António. Tudo isto pareceu abrir canais de pesquisa no âmbito dos espaços públicos e dos espaços que, aqui, designaremos de sagrados.

A escolha estratégica, quer do objecto, quer dos casos de estudo, ponderou o alcance do trabalho em função dos recursos, sobretudo de tempo, disponíveis como a recuperação de material de pesquisas anteriores, visitas já empreendidas, o restabelecimento de contactos preciosos, sobretudo em Santiago e Córdoba e a solicitação de um antigo professor para orientar o novo trabalho, para o avanço de métodos, aprofundamento e desenvolvimento crítico.

Na atribuição de categorias ao espaço estabelecem-se limites que nem sempre são precisos. O objectivo deste trabalho é descobrir circunstâncias de limite, de fronteira, de articulação, mas também da composição inerente a espaços públicos e sagrados. A par do estudo da geometria das implantações, eventuais traçados reguladores e sistemas proporcionais, procura perceber-se a alteração dos valores culturais que os explicam.

Os casos de estudo, podendo inscrever-se na categoria de espaços sagrados, vêm-se, actualmente, inseridos na categoria de espaços públicos. A Praça do Obradoiro, em Santiago de Compostela e a Grande Mesquita de Córdoba serviram de laboratório a esta investigação sobre categorias do espaço. Deles resultaram argumentos explicativos destas categorias, através da análise directa das suas circunstâncias espaciais e até da exploração de modalidades da sua representação arquitectónica. A complementaridade histórica e teológica presente na fundação dos casos de estudo, como causa e efeito de um compromisso formal de elementos arquitectónicos, torna-os especialmente pertinentes para uma análise crítica que visa descobrir e revelar as soluções expressas em relações geométricas, subjacentes à situação destes espaços públicos com formas de equipamentos sagrados notáveis. No estudo dos casos, encontraram-se argumentos explicativos das circunstâncias sociais impulsionadoras da criação desses espaços públicos e sagrados, corroborando a relação da arquitectura, civil e religiosa, em função de valores sociais mutantes no tempo.

Esta dissertação explora os conceitos de espaço nos sentidos antropológico e arquitectónico e na relação entre uma cultura e a sua expressão.

Na era da globalização, a crise de valores integra um debate contemporâneo para o qual esta tese, também, espera contribuir com a apresentação de factos arquitectónicos que transcrevem valores intemporais. Com a análise de dois casos concretos, pretende apresentar-se uma reflexão crítica, quanto à categoria desses espaços e à influência da classificação da UNESCO, no sentido da promoção ou da cristalização do património da humanidade.

Este trabalho procura “descobrir e identificar factores que, eventualmente, caracterizem e distingam espaço público e espaço sagrado através de exemplos da história da arquitectura”³. Desenvolvem-se, em continuidade, as vertentes teórica e prática. O levantamento de dados necessários ao conhecimento dos casos incluiu fontes bibliográficas e documentação gráfica, não só ilustrativa da informação escrita, mas suficiente

³ FONSECA, “Conversas de Orientação”, 21 de Abril de 2009.

para que possa servir para análise, indagação de argumentos e produção de resultados.

O recurso à história procura fundamentar os factos urbanos e a sua estrutura, através da abordagem ao contexto remoto da fundação das obras estudadas. “À revisão bibliográfica comum a todos os campos do saber científico, no caso da arquitectura acrescenta-se a leitura de desenho e obras. A fase de revisão de obras de arquitectura de referência foi indispensável para a escolha criteriosa dos casos de estudo”⁴. Pela exposição exaustiva de formas, medidas e materiais, tentou-se inscrever os traçados dos casos de estudo em tipologias e sistemas espaciais, na teoria e história das formas arquitectónicas, sagradas ou laicas, buscando as razões da composição das próprias obras.

Foram fundamentais novas visitas a Santiago de Compostela e a Córdoba. Ali, para a recolha de meios para análise, foi determinante a total disponibilidade dos Ayuntamientos locais, onde se obtiveram planos urbanos, e dos responsáveis pelos Arquivos de cada uma das catedrais que facultaram desenhos de arquitectura. Além disso, foi feito o reconhecimento directo de materiais, medidas de elementos arquitectónicos e análise de formas urbanas.

Na clarificação de categorias de espaço, a arquitectura reflecte sobre o tipo de uso, estuda conceitos bipolares, como público e privado, colectivo e doméstico, civil e religioso, e constrói obras capazes de exprimir valores culturais e artísticos, respondendo, simultaneamente, a exigências funcionais. Para entender os valores sociais, transmitidos pela arquitectura e pelo espaço público e/ou sagrado, foi necessária uma revisão de conceitos como património, cultura, história e mito, nas suas vertentes civis e sagradas.

Como introdução ao estudo dos casos optei por uma abordagem comparativa entre espaço islâmico e cristão, na Península Ibérica, para que resultasse num processo imparcial.

A apresentação da Praça do Obradoiro e da Mesquita remete para a aproximação pessoal estabelecida com cada uma, sendo, por isso, fiel ao método praticado, em vez de artificializar os passos dados. Filha de um ambiente marcadamente católico, cresci dentro de parâmetros culturais que favorecem o meu entendimento do espaço cristão. O Islão, apesar de integrar as

⁴ FONSECA, “Conversas de Orientação”, 18 de Março de 2009.

origens portuguesas, distanciou-se profundamente da cultura ibérica, do ponto de vista social, inibindo o entendimento das suas formas arquitectónicas e urbanas. Neste sentido, o reconhecimento da linguagem da Praça do Obradoiro, por esta ser culturalmente mais próxima, e o contributo da matéria, colecionada previamente, fomentaram uma abordagem desde a sua fundação até ao seu estado actual, da necessidade e desejo da sua construção à preponderância arquitectónica e social do espaço contemporâneo. O estudo da Mesquita-Catedral de Córdoba partiu da síntese empírica da minha primeira visita, desde a sua situação presente até encontrar, no seu passado remoto, explicações para a sua arquitectura e o seu valor social.

Da análise para a síntese no caso da Praça do Obradoiro e da síntese para a análise na Mesquita-Catedral de Córdoba, a investigação firmou-se, respectivamente, no conhecimento já adquirido e no conhecimento construído. Em ambos os casos são desenvolvidos temas referentes às origens, ao assentamento físico, às formas de arquitectura, ao contexto urbano e ao valor patrimonial de cada um.

Nesta tese, o conteúdo do texto é complementado por tabelas, fotografias, desenhos, esquemas gráficos e notas de rodapé.

Por um lado, a abundância de citações⁵ pertinentes de vários autores onde o meu raciocínio se fundamentou e, por outro lado, o trabalho de campo, empreendido, até à exaustão, nos dois casos de estudo, não se coadunando com a exigência regulamentar de contenção da dimensão desta prova, levaram ao recurso de palavras de outrem para a descrição das obras e motivaram um esforço conceptual de comunicação gráfica da tese, através da criação de desenhos explicativos que, no caso da Praça do Obradoiro, foram produzidos para o efeito e, no caso da Mesquita-Catedral, são o levantamento de estudos já desenvolvidos por outros autores.

Ao longo da dissertação, as legendas das imagens e as notas de rodapé incluem definições que ajudam a compreender alguns termos.

A bibliografia e os créditos estão referidos no final do trabalho.

⁵ "O destaque de citações deve ser referido entre parêntesis rectos, caso não estivesse presente na versão original; por exemplo: [destaque nosso] ou [sublinhado nosso]. O mesmo se deverá aplicar caso o destaque da versão original seja omitido (...). O destaque adicional ao da versão original deve ser igualmente assinalado. (...) Alterações ou explicações de citações devem igualmente ser inseridas entre parêntesis rectos." in: "European Journal of Legal Studies – Guia de estilo para autores", p. www.ejls.eu/stylesheets/PT.doc.

A pesquisa reuniu fontes bibliográficas e documentação gráfica, encontradas em várias bibliotecas, portuguesas e espanholas, nos arquivos das Catedrais de Santiago e de Córdoba e nos respectivos municípios, e fontes empíricas, de reconhecimento directo de desenhos, materiais, medidas de elementos arquitectónicos e de análise de formas urbanas.

Entre as principais fontes que contribuíram para este trabalho destacam-se: “A Arquitectura da Cidade” de Aldo Rossi, “Arquitectura Sagrada” de Caroline Humphrey e Piers Vitebsky, “A Cidade Medieval Galega” de Anselmo López Carreira, “Ciudades Hispano – Musulmanas” de Leopoldo Torres Balbas, “História da Cidade” de Leonardo Benévolo e “Sociologia” de Anthony Giddens, como bibliografia geral; “Santiago de Compostela” vol.II de José Raúl Seoane Prieta e “Santiago de Compostela : la ciudad histórica como presente” de Carlos Martí Arís, como bibliografia de apoio ao estudo da Praça do Obradoiro; e “La Catedral de Córdoba” de Manuel Nieto Cumplido, “La Mezquita de Córdoba: Planos y Dibujos” de Carlos Luca de Tena y Alvear e de Manuel Nieto Cumplido, “Urbanismo en la Córdoba Islámica” de Susana Calvo Capilla e o portal electrónico “La Mezquita – Catedral de Córdoba: símbolo universal de alianza de civilizaciones” de vários autores, como bibliografia de apoio ao estudo da Mesquita.

Pelas plantas e desenhos que serviram de base ao estudo gráfico, agradeço a José Manuel Mejuto da Dirección de Área de Urbanismo do Ayuntamiento de Santiago de Compostela e a Manuel Garrido e Manuel Alcalde Cuesta da Gerencia de Urbanismo do Ayuntamiento de Córdoba.

Pela correcção do texto, em português, agradeço ao Dr. Carlos Sousa e Silva e, em inglês, ao Dr. Anthony Laurel.

Pelas fotografias encomendadas, agradeço aos meus amigos e companheiros de viagens referenciados nos créditos.

Pelas discussões construtivas sobre este trabalho, agradeço aos meus colegas de trabalho, em particular à Arq^{ta}. Emília Lima e ao Arq^{to}. Mário Sarabando.

Pela orientação, motivação e pelo seu empenho, agradeço à Doutora Arq^{ta}. Maria Teresa Saraiva Pires da Fonseca Dias Fonseca.



Figura 1 área de estudo em Santiago de Compostela.



Figura 2 área de estudo em Córdoba.

2. REVISÃO DE CONCEITOS

2.1 Monumentos e Património

No estudo da “cidade, da história e dos monumentos”⁶ reconhecem-se os princípios concretos da arquitectura. A “forma arquitectónica da cidade é exemplar em cada um dos monumentos, cada um dos quais é em si uma individualidade.”⁷ Num “único facto urbano [surgem] temas, como a individualidade, o *locus*, o desenho, a memória”⁸. A “cidade [é a] memória colectiva dos povos [e] está ligada a factos e a lugares.”⁹

O “estudo da cidade pode comparar-se com o estudo da língua [pela] complexidade dos processos de modificação e permanência.”¹⁰ A “cidade tende mais para a evolução do que para a conservação”¹¹. Os monumentos são elementos permanentes, caracterizadores da cidade, pontos fixos, geradores da dinâmica urbana. São “signos tangíveis da acção da razão e da memória colectiva”¹², “a voluntária expressão do poder, seja em nome do Estado, seja no da Religião”¹³ e destacam-se na cidade pela sua excepcionalidade no tecido urbano. O “carácter colectivo dos factos urbanos [é o] conteúdo [que precede] as formas e as funções e”¹⁴ que as compreende. Perante um monumento reconhecemos qualidades ao espaço.

A Praça do Obradoiro de Santiago de Compostela e a Mesquita-Catedral de Córdoba integram o elenco de valores classificados pela UNESCO como Património da Humanidade. Neste trabalho, no estudo destes monumentos, procuro explorar os conceitos de património e monumento e as suas influências na evolução da cidade.

Por Património designam-se valores percebidos e reconhecidos, merecedores de transmissão às gerações futuras, por testemunharem civilizações, obras e conhecimento produzidos. Chegam-nos do passado e expressam aspirações do presente que procuramos projectar no futuro.

⁶ Aldo Rossi, “Arquitectura para los museos”. in: A. A. V. V., “Teorie della progettazione architettonica”, p. 201.

⁷ ROSSI, “A Arquitectura da Cidade”, p. 186.

⁸ Ibid., p. 45.

⁹ Ibid., p. 192.

¹⁰ Aldo Rossi, “Arquitectura para los museos”. in: A. A. V. V., “Teorie della progettazione architettonica”, p. 204.

¹¹ ROSSI, *Op.cit.*, p. 79.

¹² Aldo Rossi, “Arquitectura para los museos”. in: A. A. V. V., “Teorie della progettazione architettonica”, p. 208.

¹³ Jacob Buchkhardt. in: ROSSI, *Op.cit.*, p. 192.

¹⁴ ROSSI, *Op.cit.*, p. 60.

O programa de classificação de Património da Humanidade visa catalogar e preservar locais de excepcional importância cultural.

A elevação de uma obra a Património da Humanidade implica a manutenção das formas. A sua atenção privilegia as permanências formais. Mas se, por um lado, a conservação beneficia a obra, ao reconhecer-lhe valor patrimonial, atribuindo-lhe verbas para esse fim, por outro lado, as “permanências [podem tornar-se] elementos patológicos”¹⁵ pela intransigência de preservar a forma em detrimento da adequação funcional do edifício, fomentando dogmas de valor museológico obsoletos.

A classificação de uma obra divulga-a. Criando, simultaneamente, o aumento exponencial do turismo com as mudanças sociais e físicas que isso implica e a sacralização da obra impeditiva da sua actualização, privando-a de valor funcional.

O lugar circunstancial de uma obra arquitectónica ou urbanística é o fundamento multidisciplinar de onde emerge a necessidade ou o desejo que precede a sua construção. A geografia contribui para a identidade da obra arquitectónica, enquanto espaço físico de fundação, determina necessidades e condiciona preferências. A arquitectura e a cidade “estão profundamente ligadas ao acontecimento originário, ao primeiro sinal, ao seu constituir-se, ao seu permanecer e ao seu modificar-se. Ao arbítrio e à tradição. [Constrói-se] um lugar, fixando-lhe a individualidade.”¹⁶

A necessidade de configurar categorias do espaço, do seu uso, representação, direito e símbolo é intemporal. A vontade humana participa na organização criativa do espaço, em função de objectivos, dos quais objectos, edifícios e ritos são a afirmação cultural.

“A arquitectura nunca se reduziu a ser uma manipulação inteligente do passado, porém, as verdades simples e tradicionais são o seu guia.”¹⁷ História e lenda são factores fulcrais na explicação das formas espaciais. Existem “inúmeros exemplos [de construções] visionadas [em] sonhos e construídas segundo recomendações [de criação ou] inspiração divina [. Valorizar] o mito é sondar os significados mais obscuros [das] diversas associações metafóricas, metonímicas e simbólicas, [em] arquitectura. [As] raízes míticas, relativas a

¹⁵ Ibid., p. 34.

¹⁶ Ibid., p. 155.

¹⁷ GOLDFINGER, “Arquitectura Popular Mediterránea”, p. 10.

modelos arquetípicos do pensamento simbólico [desencadearam a] imaginação arquitectónica desenvolvida ao longo da história.”¹⁸

A História contextualiza a concepção e a construção pragmática do espaço. A lenda contribui para a explicação das suas intenções simbólicas. O que nem sempre a História consegue confirmar, a lenda justifica, por estar desvinculada de uma base científica. Para a produção de conhecimento irrefutável, a História baseia-se em dados reais e físicos. A lenda permite-se divagações teóricas questionáveis, como o esclarecimento de “azares” ou inspiração para os vencer.

A caracterização de um lugar sagrado assenta, muitas vezes, em mitos e descrições maravilhosas de acontecimentos que ali tomaram parte. As lendas tornam-se factos que fundamentam a apropriação do lugar, tornando-o uma atracção preferencial. Os espaços sagrados enquanto “sinais concretos do espaço [relacionam-se] com o arbitrário e a tradição.”¹⁹

Na “antiguidade [colocava-se] o mito como pressuposto da cidade.”²⁰ Muitos factos históricos partiram de mitos com pés de barro que se petrificaram, através da conservação destes pólos de identidade. “Cada geração [narra-os] e acrescenta ao património recebido do passado novos elementos. Mas por detrás desta realidade, que muda de uma época para outra, existe uma realidade permanente que [se subtrai] à acção do tempo [, onde reconhecemos o] elemento portador da tradição religiosa [,a instituição]. As relações [entre o Homem e Deus estão] ligadas a normas invioláveis. Sobre elas o indivíduo não tem qualquer poder.”²¹ Os símbolos sagrados são manifestações artísticas radicados nessa relação. O rito conserva o mito e o monumento dá testemunho do mito e torna possíveis as suas formas rituais.

A Alta Idade Média foi um período rico em acontecimentos que conjugaram lenda e história. A explicação das implantações e do valor social da Catedral de Santiago e da Mesquita de Córdoba é indissociável de ambas.

O caso galego partiu da descoberta do suposto túmulo do Apóstolo Tiago, o Maior, o que Afonso II viu como uma inspiração divina para a evolução do Reino Asturiano. Aspectos culturais intangíveis deram lugar a formas

¹⁸ CRUZ PINTO, “A Caixa: Metáfora e Arquitectura”, p. 103.

¹⁹ ROSSI, *Op.cit.*, p. 154.

²⁰ *Ibid.*, p. 194.

²¹ *Ibid.*, p. 36.

arquitectónicas reais, que se tornaram referências para outras que se lhe seguiram.²²

A fundação da Mesquita de Córdoba expressa o orgulho da independência do Emirado Andaluz. A escolha da sua localização assentou na remota atribuição de valor sagrado ao terreno de implantação.

²² MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela : la ciudad histórica como presente", p. 84.

2.2 Cultura Cívica e Cultura Religiosa

A cidade é “a coisa humana por excelência”²³. Depende “da época, da cultura e das circunstâncias”²⁴. As “manifestações da vida social e religiosa [estão sempre ligadas] a um lugar específico, [a] um acontecimento e uma forma na cidade.”²⁵

O conceito de Cultura remete para aspectos, tangíveis e intangíveis, de uma comunidade. Os primeiros são a estrutura palpável: objectos, edifícios, símbolos e tecnologia. Os últimos são o teor da cultura: crenças, ideias e valores. Acontecimentos e comportamentos, verificados num período e num local determinados, identificam um grupo social.²⁶

A cultura cívica é a forma convencionada de uma sociedade apresentar a sua estrutura, política, económica, social, científica ou artística. Define um grupo e distingue-o de outro. É direito, cidadania, trabalho, conhecimento e gosto do conjunto. Circunscreve-se a um território com leis e costumes iguais. O indivíduo inserido numa cultura cívica faz parte de um grupo de cidadãos.²⁷

A cultura religiosa depende de um sistema de crenças dogmáticas que induz comportamentos pessoais. Desenvolve modos de descobrir o mundo e de se lhe revelar. O espaço físico não a limita, ela inclui culturas que ultrapassam fronteiras políticas. Uma cultura religiosa é composta por pessoas de diversas proveniências cívicas que aceitam e obedecem às mesmas leis sagradas. O indivíduo que segue uma determinada doutrina integra uma religião.²⁸

A cultura cívica promove a construção de cidades, edifícios e espaços públicos, habitações e palácios. É o domínio que se impõe no quotidiano, regula a sobrevivência física e afirma a identidade de uma comunidade. A cultura religiosa impõe-se sobre o que está para além do mundano. Sob si constroem-se templos, edifícios monásticos e cemitérios. Por meio de parábolas, orienta comportamentos sociais dos seus seguidores. É proposta para o domínio transcendente, divulga uma existência eterna e assenta em afinidades.²⁹

²³ Claude Lévi-Strauss. in: ROSSI, *Op.cit.*, p. 48.

²⁴ ROSSI, *Op.cit.*, p. 193.

²⁵ *Ibid.*, p. 48.

²⁶ GIDDENS, “Sociologia”, p. 22.

²⁷ *Ibid.*, p. 22.

²⁸ *Ibid.*, p. 535.

²⁹ POLIS, p. 877.

A cultura cívica é terrena e pública. A cultura religiosa é sagrada e individual. Inevitavelmente, ambas acabam por exercer influências mútuas. Apesar de não interferirem directamente entre si, existem muitos exemplos da interpenetração destes poderes dominantes.

Na Alta Idade Média, a acção conjunta de cultura cívica e cultura religiosa revelou-se: em Bizâncio, onde o Imperador era também o Sumo Sacerdote; no Islamismo, onde o Califa era o mais alto representante de Alá na Terra e a figura política no topo da hierarquia social; e, apesar do “cristianismo inicial [se opor] ao poder combinado do Estado e da religião”³⁰, os reis eram escolhidos por Deus e subordinavam-se ao poder do Papa que dirigia a Igreja. As afinidades entre os diversos sistemas de interesses promoviam uma espécie de co-governo que demonstrava a associação dos poderes cívico e religioso.

Como em todas as formas de fé, prevê-se que o fiel acredite em algo que não experimentou directamente. A religião, neste período, controlava aquilo que a cultura cívica não conseguia. Se as leis dos homens não eram respeitadas, as de Deus sê-lo-iam, a medo de um mal pior.

A Catedral de Santiago de Compostela e a Mesquita-Catedral de Córdoba corroboram a forte aliança entre culturas cívicas e religiosas. A primeira partiu da acção conjunta entre o bispado e o monarca. A segunda remete para a própria tipologia, já que a Mesquita era, simultaneamente, a principal instituição pública e religiosa islâmica.

A cultura cívica ocidental, apesar de influenciada pela Igreja, é independente dela. O espaço cristão contribui para a organização da cidade, mas a base das regras cívicas não é exclusiva das Tábuas da Lei. Os Dez Mandamentos dedicam-se exclusivamente ao respeito: quatro para com Deus e seis para com o próximo. O direito cívico adoptado, de base romana, é autónomo e a ele todos os cidadãos ocidentais devem obedecer, independentemente do credo professado. Nas cidades ocidentais o cidadão não é necessariamente cristão.

O Corão estabelece peremptoriamente leis religiosas e civis, originando, por isso, uma forma de governo, onde o direito civil é o direito religioso. Nas cidades islâmicas, o direito de cidadania está reservado exclusivamente a muçulmanos. O Islão é “como um edifício sustentado por cinco pilares”³¹ a que

³⁰ HUMPHREY e VITEBSKY, “Arquitectura Sagrada”, p. 42.

³¹ *Ibid.*, p. 80.

todos os cidadãos são obrigados a obedecer. Eles afectam, directamente, tudo quanto se constrói e se organiza no espaço urbano. Entre os “valores religiosos que afectaram, directamente, a arquitectura e o urbanismo”³², a esmola³³ contribuiu para a urbanização e o protótipo da casa foi rigorosamente especificado no Corão.

Os valores sociais associados ao espaço público são independentes na religião cristã, mas são representativos no Islamismo. A convivência entre espaço público e sagrado organiza a cidade cristã; a segregação desses espaços constrói a cidade islâmica.

Na Alta Idade Média, Santiago de Compostela e Córdoba eram cidades de influência mundial. A primeira era um ponto de atracção religiosa, nobre representante do Cristianismo, condição que lhe conservou o carácter cívico desde então. A segunda afirmava-se principalmente do ponto de vista cívico, mas no panorama Europeu representava a força do Islamismo.

³² FONSECA, “Conversas de Orientação”. 18 de Março de 2009.

³³ ESMOLA, um dos cinco pilares do Islão, era um acto piedoso em relação ao qual se esperavam, em troca, benefícios depois da morte. Era muitas vezes distribuída em forma de edifícios e espaços públicos como mesquitas, banhos públicos ou cemitérios. TORRES BALBAS, “Ciudades Hispano – Musulmanas”, p. 235.

2.3 Modalidades Urbanas da Alta Idade Média



Figura 3 ocupação da bacia do Mediterrâneo: de cima para baixo: séculos IV, VI e VIII.

“Todo o corte em historiografia é artificioso e fictício, nada acaba nem começa em absoluto; [tudo] está amarrado por laços fortes”³⁴ ao que o precede e que o segue. “O arquitecto trabalha manipulando a memória, [o] conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem tender a ser assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente”³⁵.

A “memória da cidade percorre o seu caminho no sentido inverso até à Grécia; aqui os factos urbanos coincidem com o desenvolvimento do pensamento e a imaginação torna-se história e experiência.”³⁶ A cidade grega foi “a passagem da natureza à cultura [quando] o mito se torna um facto concreto no tempo”³⁷. A polis era “um lugar e uma nação, a morada dos cidadãos e portanto da sua actividade.”³⁸ Com antecedentes nas cidadelas mesopotâmicas, a “Acrópole [era um] lugar de refúgio, de culto e de governo”³⁹. Nas cidades gregas, “além dos templos [encontravam-se], como elementos geradores da cidade, as sedes dos órgãos [políticos] e os edifícios ligados a exigências tipicamente sociais.”⁴⁰

O Império Romano foi metodicamente estruturado por uma extensa rede de estradas que se encontravam no pólo principal das cidades. As cidades construía-se sobre “linhas orientadas segundo as quatro direcções principais da rosa-dos-ventos. A linha Nascente-Poente representava o percurso do Sol [e estabelecida a posição dos *decumanus*,] a de Norte a Sul era o eixo do céu”⁴¹ e era seguida pelos cardos. Os principais edifícios, laicos e religiosos, implantavam-se no Fórum, onde se cruzavam o *Cardus* e o *Decumanus Maximus*. A vida urbana do Império Romano dependia, economicamente, das produções locais e das importações e, culturalmente, do helenismo.

O Estado Romano era regido por um único Imperador. A mesma base jurídica, urbanística e linguística, espalhada por todo o Império, promovia uma cultura cívica coesa. “A religião romana [abria-se] a influências exteriores”⁴², a cultura religiosa era muito fragmentada, praticavam-se inúmeros cultos, pouco

³⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 17.

³⁵ SIZA, “Imaginar a Evidência”, p. 37.

³⁶ ROSSI, *Op.cit.*, p. 197.

³⁷ *Ibid.*, pp. 194 e 197.

³⁸ *Ibid.*, p. 199.

³⁹ *Ibid.*, p. 200.

⁴⁰ Marcel Poète. in: ROSSI, *Op.cit.*, p. 198.

⁴¹ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 13.

⁴² *Ibid.*, p. 122.

expressivos em número e sem coesão entre os seus crentes. Acima de tudo era adorado o Imperador e o que ele representava.

O domínio que vários povos exerceram sobre os Judeus provocou a diáspora que, por sua vez, promoveu a sua ténue, mas persistente, influência cultural pelo mundo. Muito ligados às actividades mercantis foram agentes de difusão da cultura, do seu e de outros povos.

O Judaísmo é a base do Cristianismo e do Islamismo. No princípio da era cristã, o messianismo judeu estava em franca ascensão, dada a vontade do povo hebreu recuperar um espaço político onde a religião judaica se pudesse desenvolver sem inibições face a outros povos dominantes. Sem espaço físico nem político de assentamento, exercia uma influência mais expressiva no social do que nas formas arquitectónicas.

O Cristianismo beneficiou do messianismo judeu, da escassez de fervor religioso do império romano, da rede de estradas e da língua comum. A hierarquia da Igreja organizou-se segundo o modelo do Estado Romano.

Com a cisão do Império Romano desenvolveram-se duas vertentes da religião cristã: a Católica, a Ocidente, e a Ortodoxa, a Oriente. Constantinopla assegurou a coesão política e religiosa, a Oriente. Por sua vez, o Ocidente viu-se, simultaneamente, privado de um domínio central e subjugado a invasões bárbaras que fragmentaram o seu território.⁴³

A Oriente, o patriarca desempenhava as funções de guia civil e espiritual, sendo uma extraordinária força unificadora. A manutenção das relações comerciais garantiu a segurança económica de Bizâncio, favorecendo a resistência às invasões estrangeiras, até ao século XV. Do ponto de vista artístico e científico, o acesso ao legado antigo fomentava o estudo e potenciava o seu desenvolvimento.

A cultura cívica das tribos germânicas gravitava em volta de pequenas aldeias e de um rei que as governava. A sua subsistência assentava na agricultura, na pastorícia e numa actividade artesanal rudimentar. Do ponto de vista religioso, eram arianos ou pagãos.

“Os povos bárbaros [, à margem da] brilhante civilização [Romana, eram] espectadores próximos de uma vida cómoda e refinada, ávidos de se apoderarem das suas tentadoras riquezas”⁴⁴, todavia incapazes de as manterem.

⁴³ MORRIS, “Historia de la Forma Urbana”, p. 99.

⁴⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 22.

A deterioração de estradas, edifícios e cidades foi extensiva. Às construções espontâneas juntou-se a “escassez dos meios, [a carência] de técnicos especialistas [e a] falta de uma cultura artística organizada”⁴⁵, inibindo qualquer tentativa de urbanismo. A vida nas cidades europeias diminuiu, interrompeu-se ou cessou por completo.⁴⁶

A política instável da Europa Ocidental dos séculos IV a VIII dificultou as relações comerciais e a evolução do conhecimento artístico e científico, já empreendido. As rotas comerciais terrestres eram comprometidas pelas largas distâncias e múltiplas portagens, que era necessário percorrer e pagar, e pela insegurança instalada por lutas internas e pilhagens.⁴⁷

Sob o domínio germânico, as cidades perderam muitas das suas funções administrativas e económicas. O seu papel principal era a defesa.

A decadência urbana enterrou a herança romana, mas “uma instituição tão romana como era a Igreja, sobreviveu às mudanças e converteu-se na peça chave da articulação dos nascentes reinos, [mantendo] a vida urbana e os vestígios das instituições municipais.”⁴⁸ Nos séculos IX e X, a “cidade salvou-se da ruína como lugar físico da sede dos bispos, e não como continuidade das instituições urbanas.”⁴⁹ A urbanidade assentava nas residências episcopais ou nas comunidades monásticas. A Igreja representava a defesa espiritual e física das cidades.

Os mosteiros “rivalizavam com o poder dos reis e dos imperadores”⁵⁰, detinham grandes propriedades bem cultivadas, escolas e bibliotecas. Focando-se no latim, nas doutrinas religiosas e nas tácticas de guerra, a educação era ministrada ali, mas apenas uma escassa faixa populacional lhe tinha acesso.

Os bárbaros pereceram “juntamente com as cidades que haviam devastado”⁵¹. Sofreram um processo de aculturação dos pontos de vista religioso e jurídico. O que antes era governado por um poder civil muito forte, mas diverso nas formas de cultura religiosa, passou a ser governado por vários poderes civis, unidos pela mesma religião.

⁴⁵ BENEVOLO, “História da Cidade”, p. 255.

⁴⁶ *Ibid.*, p. 251.

⁴⁷ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 656.

⁴⁸ LÓPEZ CARREIRA, “A Cidade Medieval Galega”, p. 19.

⁴⁹ ROSSI, *Op.cit.*, p. 135.

⁵⁰ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 46.

⁵¹ Carlo Cattaneo. in: ROSSI, *Op.cit.*, p. 189.

Na Península Arábica do século VI, tribos nómadas independentes dispersavam-se entre oásis e duas cidades: Meca e Medina. Eram politeístas e dedicavam-se à pastorícia e ao comércio. Não se percebiam cultura civil ou religiosa que identificassem uma comunidade. O desenvolvimento de ambas partiu do emergir do Islão.⁵²

Maomé instaurou a tradição islâmica cujos contornos tinham influências, que “no plano religioso combinaram elementos judeus e cristãos, no campo científico herdaram a contribuição grega, persa e indiana [e] na arte receberam a tradição do Egípto, da Pérsia e de Bizâncio”⁵³.

A baixa aceitação inicial obrigou à fuga do Profeta para Medina, em 622 – a Hégira. “A primeira comunidade muçulmana [organizada em Medina] fundou-se no mais estreito vínculo religioso, [sem julgar] diferenças de raça ou de condição social.”⁵⁴ Quem se convertia ao Islão tornava-se árabe por adopção e passava a integrar uma única civilização multi-racial e multi-cultural – a Umma⁵⁵.

Na missão de divulgar o Islamismo, a conquista não constava das intenções primordiais, mas os benefícios materiais rapidamente se tornaram motivos políticos, económicos e religiosos, para a criação de um Império.⁵⁶

A precária organização política das nações europeias facilitou as conquistas islâmicas e as ténues diferenças entre o Cristianismo e o Islamismo e os benefícios fiscais de que gozavam os muçulmanos eram razões bastantes para uma conversão em massa. Em pouco mais de um século, o Império Muçulmano controlava um território desde o Punjab até ao Oceano Atlântico.⁵⁷

Entre os séculos VIII e IX, o segundo surto de invasões atrasou a evolução das cidades cristãs, que continuavam a ser alvo preferencial de ataques. A fome e as doenças propagavam-se e a mortalidade era muito elevada, provocando uma retracção populacional. A terra era a principal fonte de riqueza e os seus proprietários dispunham do poder militar e económico. O

⁵² DINIZ, CALDEIRA e TAVARES, “História 7”, p. 176.

⁵³ GUERRA, “História: antiguidade” pp. 232 e 233.

⁵⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 7.

⁵⁵ UMMA é um termo árabe que exprime a ideia de nação, comunidade. Refere-se à comunidade constituída por todos os muçulmanos do mundo, unida pela crença em Alá, no profeta Maomé, nos profetas que o antecederam, nos anjos, na chegada do dia do Juízo Final e na predestinação divina. É irrelevante a raça, etnia, língua, género e posição social entre os seus membros. Todo o muçulmano deve velar pelo bem-estar dos integrantes da Umma. No sentido mais amplo designa uma etnia ou um grupo de pessoas que segue uma determinada religião. “Wikipedia”, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Umma>.

⁵⁶ MORRIS, *Op.cit.*, p. 161.

⁵⁷ *Ibid.*, p. 161.

Cristianismo primitivo reprovava a escravatura, mas o feudalismo desenhou os contornos de uma forma de escravatura socialmente aceitável. Para se proteger, o povo subordinava-se aos grandes proprietários. O poder estava nas mãos de uma minoria constituída pela nobreza e pelo clero. Um protegia o corpo, o outro, o espírito. Este regime criou uma sociedade hierarquizada e verticalmente estática.

As conquistas árabes dependiam de instituições que propagassem os ensinamentos islâmicos e a imponência dos equipamentos sagrados de Bizâncio instigou uma vontade generalizada de exaltar o Islão por meio de grandes edifícios. A Mesquita⁵⁸, que já desempenhava a primeira função, tornou-se a principal sala de oração, substituiu a *musal-la*⁵⁹ e passou a representar formalmente o Islão.

Entre 661 e 750, com os Omíadas⁶⁰, em Damasco, os sistemas civil e religioso uniram-se e construíram-se “edifícios monumentais que podiam rivalizar com os erguidos, outrora, por pagãos e por cristãos; as técnicas arquitectónicas [filiaram-se] nas tradições helenística e cristã”⁶¹.

Os muçulmanos eram pragmáticos na construção de cidade. “O Islão era a religião do povo do deserto [, não dependia de] luxos urbanos permanentes

⁵⁸ O termo árabe *masjid* (MESQUITA) designa o lugar onde as pessoas se prosternam diante Deus, o que, de acordo com o Corão, pode ser em qualquer lugar da Terra. A mesquita, portanto, é supérflua para a prática religiosa. A origem da Mesquita está no desenvolvimento pedagógico-didático e educativo das novas gerações. Esta instituição foi o instrumento mais eficaz para a transição de uma sociedade nómada tribal, onde a tradição oral prevalecia, para um estádio sedentário que propiciava o desenvolvimento urbano e a produção de conhecimento científico, suportado pela tradição escrita. Enquanto a mesquita se destinava exclusivamente à educação e ao ensino, a oração fazia-se em espaços ao ar livre.

A primeira mesquita foi a própria casa de Maomé, em Medina. Era construída com adobe e troncos de palmeira e tinha um pátio central à volta do qual se distribuíam alguns compartimentos. No período em que Maomé esteve em Medina, a sua casa servia de quartel-general dos refugiados de Meca. Ali, assistia a várias actividades: para transmitir os princípios corânicos era essencial ensinar a leitura e a escrita; além disso, desenvolviam-se actividades comerciais, preparavam-se os fiéis para irem à conquista de novos devotos e legislava-se sobre comportamentos sociais.

O primeiro edifício marcou determinantemente as mesquitas que se lhe seguiram, do ponto de vista formal e do ponto de vista funcional. A estrutura à base de troncos de palmeiras, ao libertar a planta, mostrou-se adequada para criar um espaço amplo onde toda a comunidade pudesse manter contacto visual, dando, assim, origem às salas hipóstilas. O lugar ocupado, habitualmente, por Maomé enquanto proferia os seus ensinamentos, passou a ser representado pelo mihrab. E a multidisciplinaridade das actividades ali desenvolvidas, manteve-se. THORAVAL, “Dicionário Temático Larrousse: Civilização Muçulmana”, p. 164. e RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=-15>.

⁵⁹ MUSAL-LA é um oratório ao ar livre de utilização anterior ao nascimento do Islamismo. Situado num terreiro exterior imediato à muralha, serve para congregar toda a comunidade em festas canónicas anuais ou especiais como a abertura do ramadão ou antes da partida para uma *djihad*. Inclui um mihrab provisório ou permanente, por vezes aberto num muro. Mais raramente existia, à direita do mihrab, uma plataforma, com uma escada de acesso, a partir de onde o *jatib* (a pessoa que dirige a *jutba* ou oração de sexta-feira) pronunciava o sermão. TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 219.

⁶⁰ Os OMÍADAS foram uma dinastia de califas que reinou em Damasco de 661 a 750. Foram destronados pelos abássidas. O único sobrevivente, Abd al-Rahman, fundou, em Espanha, o Emirado de Córdoba, em 716. THORAVAL, *Op.cit.*, pp. 193 e 194.

⁶¹ Rui Grilo Capelo, “O mundo antes da formação de Portugal”, in: SIMÕES RODRIGUES, “História Comparada”, volume I, p. 88.

nem da severidade de códigos⁶² sociais. “A simplicidade do novo sistema cultural [esteve na] redução das relações sociais. [As] cidades árabes [não tinham] fóruns, basílicas, teatros, anfiteatros, estádios, ginásios, [tinham apenas] habitações [e] dois tipos de edifícios públicos: os banhos [e] as mesquitas⁶³”.

A tradição urbana europeia baseava-se numa organização cívica e formal; a cidade islâmica era essencialmente funcional. “Para o muçulmano, a cidade era [o sítio] onde se podiam cumprir plenamente os deveres religiosos⁶⁴. Enquanto nas cidades cristãs, a vida social era extremamente activa, na sociedade muçulmana dava-se um “grande ênfase à vida privada e doméstica⁶⁵ e procuravam-se “o isolamento, o silêncio e a calma.”⁶⁶

À “falta de uma organização autónoma e evolutiva, a cidade muçulmana [gozava] de obediência passiva, de paz, de ordem e de justiça⁶⁷, fomentando a evolução urbana. As cidades islâmicas rapidamente se tornaram potências mundiais, densamente povoadas.⁶⁸

Os primeiros quatro califas compilaram os ensinamentos do Profeta no Corão e divulgaram-nos. O idioma escolhido por Ala para se manifestar foi o árabe, e assim devia ser lido o livro sagrado, o que implicava a aprendizagem da língua, escrita e falada.

O mundo árabe estava munido de documentos antigos e de vastas instituições de ensino, o que promoveu um gosto genuíno pelo saber legado e criou e impulsionou um culto ao conhecimento nas práticas artísticas das suas cidades. Bagdad, Damasco e Córdova dispunham de bibliotecas com milhares de manuscritos. Esta base de dados, quando introduzida na Europa Cristã, foi fulcral para a evolução cultural depois do Renascimento.⁶⁹

Tanto no caso cristão como no caso islâmico, a arte medieval esteve subordinada à religião. A decoração dos edifícios sagrados transcrevia a mensagem religiosa. Os “edifícios sacros [ensinavam e reforçavam] a compreensão religiosa e as crenças.”⁷⁰ “As catedrais da Europa medieval

⁶² MORRIS, *Op.cit.*, p. 162.

⁶³ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 225.

⁶⁴ MORRIS, *Op.cit.*, p. 162.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 162.

⁶⁶ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 10.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 12.

⁶⁸ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 223.

⁶⁹ MORRIS, *Op.cit.*, p. 163.

⁷⁰ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 38.

serviam como complexas enciclopédias de pedra e vidro (...) com propósitos didáticos.”⁷¹ O Islão proibia a representação da figura humana, substituindo-a por citações corânicas. Entre os cristãos, recorria-se ao estímulo visual de ilustrações figurativas; entre os muçulmanos a literacia era fundamental.

Em 410, os suevos formaram um reino, no noroeste da Península Ibérica. Em 585, os Visigodos conquistaram o reino Suevo e passaram a dominar toda a Península, com um governo que durou três séculos. Foram reinos estáveis que permitiram que, com períodos de maior ou menor densidade populacional, os aglomerados urbanos mantivessem uma ocupação contínua, até ao século VIII.

No reino Suevo prevaleceu a organização romana do território e do comércio marítimo. As cidades costeiras contribuía para o desenvolvimento comercial, mas a urbanidade foi, essencialmente, conservada pelas cidades episcopais. Mantiveram-se as instituições municipais romanas, às quais se juntaram as residências do bispo, do rei e da sua corte. A “proximidade da nova administração [dotou as cidades da] monumentalidade de que antes careciam, [destacando o] seu carácter urbano.”⁷² As cidades romanas “modestas em tamanho mas bem distribuídas [foram] suficientes para organizar o espaço”⁷³ do Estado Suevo.

O direito romano e uma religião única promoveram o equilíbrio da monarquia visigoda. A acção combinada entre governo político e Igreja firmou uma coesão e uma prosperidade que não tinham outros países europeus.⁷⁴

No século VIII, depois da segunda vaga de invasões, desapareceram as cidades mas subsistiram os núcleos populacionais e administrativos.⁷⁵

Em 711, os árabes entraram na Andaluzia. À excepção das Astúrias e dos Pirineus, toda a Península ficou sob o domínio islâmico. Os poucos cristãos independentes estabeleceram o débil Reino das Astúrias, que veio a encabeçar o lento processo da reconquista.

As cidades islâmicas eram um íman da civilização. A tolerância do Islamismo em relação ao judaísmo e ao cristianismo, que considerava religiões “próximas da sua, só erradas em aspectos de pormenor”⁷⁶, promoveu a boa

⁷¹ *Ibid.*, p. 49.

⁷² LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 28.

⁷³ *Ibid.*, p. 24.

⁷⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 656.

⁷⁵ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 42.

⁷⁶ DINIZ, CALDEIRA e TAVARES, *Op.cit.*, p. 176.

convivência entre os três povos e contribuiu para o seu desenvolvimento económico, provendo as cidades de variedade cultural.

Dentro do Ocidente cristão, as influências directas islâmicas favoreceram o ambiente urbano e económico. As relações comerciais entre o Médio Oriente e a Andaluzia estendiam-se, naturalmente, à Península setentrional.⁷⁷

⁷⁷ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 657.

Modalidades Culturais da bacia do Mediterrâneo entre os séculos III e IX

	ESTADO	RELIGIÃO	ECONOMIA	CIDADE	ARQUITECTURA
ROMANOS	um Império governado por um Imperador	várias religiões monoteístas e politeístas dirigidas por vários sacerdotes	relações comerciais muito extensas, dentro e fora do Império	rígidos cânones de construção da cidade; múltiplas actividades sociais	protagonismo da arquitectura cívica; várias tipologias de equipamentos públicos
JUDEUS	sem estado nem governante político	uma religião monoteísta, o Judaísmo, dirigida por vários rabinos	relações comerciais muito extensas	não tinham cidades; múltiplas actividades sociais	as sinagogas são os únicos elementos arquitectónicos; pouca expressão na cidade
BIZANTINOS	um Império governado por um Imperador	uma religião monoteísta, o Cristianismo, dirigida por um Patriarca, que é o próprio Imperador	relações comerciais muito extensas, dentro e fora do Império	rígidos cânones de construção da cidade; múltiplas actividades sociais	protagonismo de palácios, edifícios públicos e religiosos; várias tipologias de equipamentos públicos
ÁRABES PRIMITIVOS	várias tribos governadas por vários chefes	várias religiões politeístas dirigidas por vários sacerdotes	relações comerciais extensas	povo nómada; múltiplas actividades económicas	formas de arquitectura efémera como altares ao ar livre e tendas
TRIBOS GERMÁNICAS	vários reinos governados por vários reis	várias religiões monoteístas e politeístas dirigidas por vários sacerdotes	economia de subsistência	pequenos aglomerados com regras de urbanismo muito básicas	formas de habitação muito básicas e alguns edifícios de arquitectura religiosa
MUÇULMANOS	um Império governado por um Califa	uma religião monoteísta, o Islamismo, dirigida por um Califa	relações comerciais muito extensas, dentro e fora do Império	urbanismo espontâneo baseado em cânones orientais; poucas actividades sociais	protagonismo das mesquitas e dos banhos públicos; formas de habitação muito irregulares
CRISTÃOS	vários reinos governados por vários reis	uma religião monoteísta, o Cristianismo, dirigida por um Papa	economia de subsistência	urbanismo espontâneo baseado em formas clássicas	protagonismo dos edifícios religiosos e de alguns edifícios públicos; formas de habitação regulares com base em parcelas idênticas

2.4 Arquitectura Civil e Religiosa

Habitação, monumentos, propriedade privada e colectiva, são termos de referência no estabelecimento de categorias para o espaço.⁷⁸

Tipologia é “o momento analítico da arquitectura [. O tipo é] constante e apresenta-se com caracteres de necessidade; mas, ainda que determinados, reagem dialecticamente com a técnica, com as funções, com o estilo, com o carácter colectivo e o momento individual do facto arquitectónico.”⁷⁹

Afecta à cultura cívica, a arquitectura civil ocupa-se da concepção e construção de edifícios dedicados ao desenvolvimento político, económico e social. É uma forma de arquitectura de subsistência comunitária que inclui habitação, conforme hierarquias sociais, e edifícios públicos, dedicados a direitos e deveres dos cidadãos. Cuida da vida quotidiana e é pragmática, apesar de algumas afirmações simbólicas de poder.

“Existe uma intimidade entre Arquitectura e Religião, uma relação de mútua inspiração e valorização, quase simbiótica, que no passado sempre se revelou frutífera e ainda hoje o é. Esta relação é intemporal. Atravessou toda a História e resistiu incólume ao impacto dos tempos modernos. [Ao contrário da] arquitectura secular, a dimensão mística parece introduzir na arquitectura religiosa o elemento chave que a aproxima inexoravelmente da Arte, talvez por possuir um significado que se encontra ausente na produção arquitectónica comum. A construção de um qualquer edifício religioso é uma oportunidade para se questionar e reinventar a arquitectura”⁸⁰.

A atribuição de justificação do inexplicável recaiu quase sempre na criação abstracta de um ser superior de cujo humor dependia a vida terrena. Essa necessidade existencial reflecte-se na construção de lugares representativos que revelam e recebem a transcendência divina e procuram agradar aos deuses. A arquitectura sagrada exprime-se em manifestações artísticas de símbolos evocativos da divindade e dos seus caprichos. A História da Arte é uma das “modalidades de representação do pensamento e do sentimento, inclusive os religiosos”⁸¹ e a História da Arquitectura, em particular,

⁷⁸ ROSSI, *Op.cit.*, p. 203.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 54.

⁸⁰ SEVEN, “Arquitectura”, http://blog.uncovering.org/archives/2007/12/igreja_de_vikki.html.

⁸¹ FONSECA, “Conversas de Orientação”. 18 de Março de 2009.

alem de exprimir, perpetua-os. A arquitectura sagrada serve as premissas impostas pela religião, constrói edifícios sagrados sobre terrenos sagrados. Prepara formas de vida pós-existência e elogia a eternidade desconhecida.

A arquitectura civil serve o presente e a sua vida útil é tanto maior quanto mais o edifício resiste estrutural, social e funcionalmente. A arquitectura religiosa recebe um cuidado de concepção, construção e manutenção que a preservam, indefinidamente, “reúne o maior volume de material e de recursos humanos para [construir] grandes trabalhos em pedra com ornamentação requintada.”⁸²

Os modelos religiosos são estabelecidos pela liturgia de cada religião. Os templos monoteístas fazem a apologia de um Deus único e inquestionável e, do mesmo modo, os edifícios religiosos impõem-se, na cidade, pelo contraste volumétrico e formal, como valor maior de uma comunidade.

Em muitas civilizações acreditava-se “que era a reprodução da estrutura do cosmos na arquitectura sagrada que tornava a vida humana possível, ao prover um modelo”⁸³ idêntico para a vida terrena. Os edifícios sagrados são, muitas vezes, reproduções do cosmos ou do corpo humano, como a “igreja cristã [que] configura o corpo de Cristo [crucificado na planta] cruciforme”⁸⁴. “Da geometria depende toda a concepção formal e construtiva, proporção, desenho, cálculo, estereotomia e construção. [A geometria é] o meio e o objecto de uma materialização e corporização directa na arquitectura.”⁸⁵ A geometria sagrada procura transpor “analogias metafóricas e metonímicas [do] mundo mítico originário”⁸⁶, transcrevendo para a arquitectura a repetição de padrões e proporções recorrentes na natureza. A “sua relação antropométrica e antropomórfica, expressa como forma simbólica, tem um papel de mediação determinante entre o homem, o espaço e o cosmos.”⁸⁷

A orientação dos edifícios sagrados depende de diferenças litúrgicas: os judeus voltam-se para Jerusalém; os cristãos têm uma orientação Nascente-Poente; e os islâmicos voltam-se para a Ka’aba⁸⁸.

⁸² HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 144.

⁸³ *Ibid.*, pp. 12 e 13.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 36.

⁸⁵ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 70.

⁸⁶ *Ibid.*, p. 105.

⁸⁷ *Ibid.*, p. 70.

⁸⁸ KA’ABA é o termo árabe que define “cubo”. No sentido religioso refere-se ao edifício de 12m de lado por 15 de altura que está no centro do pátio da Grande Mesquita de Meca. Este edifício, coberto por um pano negro, é a materialização do santuário monoteísta construído por Adão e reconstruído por Abraão. Representa o

“Nos sistemas religiosos, [o] eixo vertical liga este mundo com os que ficam acima e abaixo.”⁸⁹ As torres exprimem essa aspiração de “religiosa”⁹⁰, os templos são construídos como montanhas sagradas que dominam a paisagem física e espiritual. A cruz é o símbolo da existência humana, representa o ponto de intersecção vertical e horizontal; no centro é onde o divino se encontra com o humano.

A arquitectura “religiosa alberga o mistério entre o homem e a fronteira metafísica (...) para lá da existência e da morte.”⁹¹ Como momento de interacção directa entre o indivíduo e a divindade, a morte torna-se sagrada. Os que ficam criam lugares sagrados para depositar os restos terrenos dos que partem. As necrópoles exprimem esse respeito pós-terreno de uma religião.

O sacrifício pessoal em prol de ideais colectivos é, por vezes, associado a determinado local, ou, então, certos lugares dizem-se “consagrados” à devoção ou evocação de figuras exemplares: Cristo, em Belém e em Jerusalém; S. Pedro, no Vaticano; Santiago, em Compostela; Maomé, no Domo da Rocha, onde se encontrou com Alá, e em Meca, onde foi perseguido.

A relação entre poderes civil e religioso foi tendencialmente promíscua, principalmente antes do humanismo renascentista. O Imperador Romano tinha estatuto de Divindade; o Rei era escolhido por Deus; o Califa descendia, directamente, de Maomé... Os poderes conjugavam-se num governante, detentor da verdade religiosa e legislador e executor, último, das leis de Deus e dos Homens. Ao adoptar “atributos do governo divino, [o chefe civil assegurava] o controlo”⁹² total. “Os edifícios governamentais [eram] locais de trabalho [e] símbolos do Estado, [podendo] ser considerados sagrados se o próprio Estado fosse entendido como tal”⁹³. As construções mais monumentais eram os templos e os palácios. Tudo o resto se desenhava à sua imagem.

A política de cada comunidade exprime-se pela arquitectura civil. Os equipamentos públicos organizam a cidade. Servem de suporte funcional e referencial dentro do espaço urbano. O valor monumental das obras civis concorre com o das obras religiosas; juntas tornam-se figuras sobre um fundo

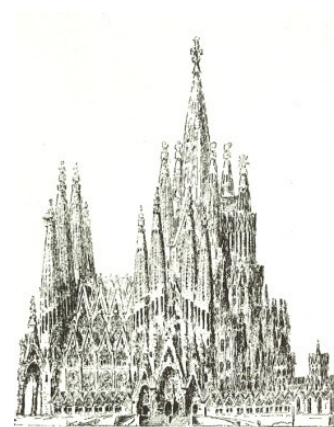
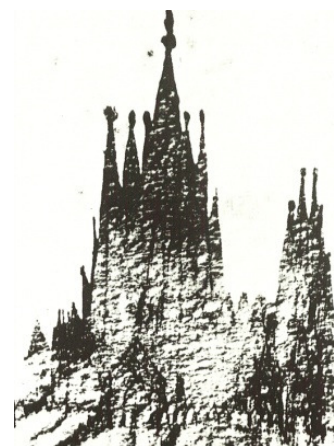


Figura 4 as montanhas sagradas: esboços de vistas gerais da Sagrada Família, de Gaudí, em cima, e de Rubió, em baixo.

centro do mundo islâmico e é o local onde todos os muçulmanos devem ir em peregrinação. As quiblas de todos os espaços de oração assim como as cinco orações diárias de cada muçulmano devem ser orientadas e proferidas na direcção da Ka'aba. THORAVALL, *Op.cit.*, p. 52.

⁸⁹ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 18.

⁹⁰ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 103.

⁹¹ *Ibid.*, p. 48.

⁹² HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 8.

⁹³ *Ibid.*, p. 50.

homogéneo. “A cidade é constituída pela repetição de pequenas unidades que asseguram o tecido contínuo, do qual, pontualmente, emergem as grandes estruturas institucionais. (...) Este duplo registo determina a intensidade da expressão arquitectónica. Não existe um monumento imponente na cidade sem a continuidade anónima de múltiplas construções [; são] aspectos qualitativos complementares.”⁹⁴ Esta dicotomia apresenta o contraste entre a força da instituição e a fragilidade do homem.

A habitação abriga a entidade privada e compõe a massa da qual se destacam os monumentos. O indivíduo é a unidade que constitui a sociedade, tal como a casa é o elemento arquitectónico base da construção da cidade.

Os herdeiros da antiguidade clássica apoiaram-se nas suas estruturas políticas e nas suas formas construídas. O valor sagrado de terreno, onde antes se professavam outros cultos, foi muitas vezes apropriado por novas concepções religiosas que sobrepunham a implantação dos seus templos a antigos terrenos sagrados e aproveitavam elementos arquitectónicos do seu predecessor.

Prosseguindo o esforço de constituição de um contexto para os dois casos de estudo, bivalente e comparado das culturas em apreço, este trabalho passa, agora, a focar os espaços Galego e Andaluz da Alta Idade Média representativos, respectivamente, das cidades cristãs e islâmicas.

A cultura religiosa cristã e muçulmana influenciam o desenho urbano. No primeiro caso, é privilegiado o espaço público e fomenta-se a socialização. No segundo caso, dá-se primazia ao espaço privado, remetendo a sociabilidade para uma pequena parte da cidade.

“As cidades medievais [cristãs tinham] todas as formas possíveis e adaptavam-se livremente a todas as circunstâncias históricas e geográficas”⁹⁵. Os seus principais equipamentos públicos eram, também eles, ricos em formas e tipologias: palácios, catedrais, mosteiros e espaços comerciais. Desempenhavam funções muito específicas, cada um respondia a uma única necessidade, dando origem a muitos e diversificados centros. Esta complexidade urbana é herdeira da tradição clássica.⁹⁶

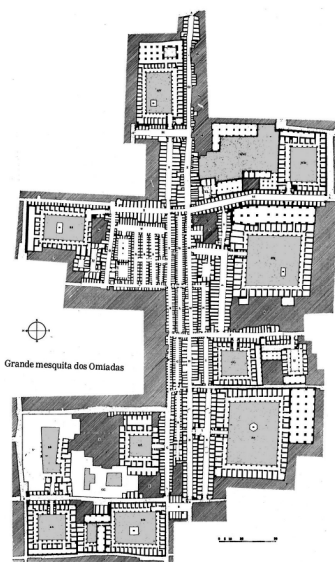


Figura 5 planta do bazar de Alepo: a branco os espaços cobertos; a cinzento os espaços descobertos e a tracejado os edifícios da envolvente.

⁹⁴ SIZA, *Op.cit.*, p. 97.

⁹⁵ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 269.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 269.

As actividades profissionais e privadas desenvolviam-se em estreita comunhão. Os mercados, distribuídos por várias praças, eram complementados pelas actividades comerciais que se desenvolviam nas lojas, sob os pisos de habitação: “toda a cidade medieval era um mercado”⁹⁷.

As cidades islâmicas eram constituídas por apenas três equipamentos públicos: a Mesquita, os banhos públicos e o mercado.

O mercado era composto pela alcaçaria⁹⁸, pousadas para caixeiros-viajantes, armazéns e lojas dispostas em estreitas ruas especializadas.⁹⁹ “A união de bazares¹⁰⁰ com a mesquita exercia uma extraordinária e poderosa atracção, de forma que a maior parte do tráfego corria pelas ruas que desde este núcleo urbano conduziam às portas da cidade”¹⁰¹. Era o principal centro da cidade. O seu destaque era fortalecido pela separação de actividades públicas e privadas.

Tanto as igrejas como as mesquitas desenvolveram duas tipologias: a central e o espaço em “T”. A primeira, em forma de auditório, onde se proclama a mensagem religiosa; a segunda enfatiza o acto processional que traz o crente desde o exterior profano até ao espaço mais sagrado que é, respectivamente, o altar e o mihrab¹⁰², de maior proximidade com a divindade. Estes edifícios incluíam, frequentemente, um claustro ou pátio.

“Um edifício sagrado situa-se geralmente de tal modo que domina a comunidade”¹⁰³. O conjunto religioso cristão excedia qualquer outra construção,



Figura 6 rua da Raiña, Santiago de Compostela. Torre del Reloj e cúpula do cruzeiro da Catedral ao fundo.



Figura 7 rua das Flores, Córdoba. Campanário da Catedral ao fundo.

⁹⁷ SAALMAN, in: MORRIS, *Op.cit.*, p. 166.

⁹⁸ ALCAÇARIA situa-se próximo da Mesquita Aljama e é parte integrante do bazar principal das cidades muçulmanas. É um edifício em forma de claustro que inclui várias lojas que se abrem para um pátio central. O acesso é feito por uma única porta ou através das lojas que o envolvem. Este edifício serve de alojamento a mercadores e é o local de transacção de produtos de luxo. Durante a noite é fechado. FIALHO DE SOUSA, MADEIRA RODRIGUES e PEREIRA BONIFÁCIO, “Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura”, p. 22. e TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 347.

⁹⁹ MORRIS, *Op.cit.*, p. 166.

¹⁰⁰ BAZAR é uma estrutura, herdada do mundo antigo oriental, que permaneceu praticamente inalterada. Pode ser uma praça, uma rua ou, no caso do bazar principal, um pedaço de cidade. Este situa-se no centro da Medina e distingue-se pela sua concentração e pela especialização topográfica que, de acordo com o prestígio das mercadorias, reúne produtos idênticos por ruas. Junto à mesquita aljama ficavam as lojas de produtos com maior prestígio. Entre as portas da cidade, uma das ruas principais passava entre a alcaçaria, uma praça destinada ao comércio e a mesquita. No bazar desenvolvem-se todas as actividades comerciais, desde a produção à comercialização, seja a grosso, retalho, importação ou exportação. A segregação das actividades profissionais e pessoais na cidade islâmica faz com que os bazares sejam desabitados à noite. Para além da alcaçaria, das ruas e largos comerciais, a própria mesquita, em períodos do dia cuidadosamente definidos, podia servir como uma extensão do próprio bazar. As actividades comerciais mais ruidosas ou sujas ficam na periferia. THORAVALL, *Op.cit.*, pp. 44 e 45. e TORRES BALBAS, *Op.cit.*, pp. 295 e 298.

¹⁰¹ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 9.

¹⁰² MIHRAB é um nicho aberto na qibla que representa o lugar ocupado por Maomé na sua casa. Em cada mesquita é este nicho que marca a direcção da Ka’aba, para onde se devem voltar os crentes ao proferir as orações. FIALHO DE SOUSA, MADEIRA RODRIGUES e PEREIRA BONIFÁCIO, *Op.cit.*, p. 183.

¹⁰³ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 31.

impondo-se na paisagem desde longas distâncias. Era constituído por catedrais, igrejas, mosteiros, paços episcopais e cemitérios. Os templos eram concebidos, exclusivamente, para a prática de culto. O tipo impunha a criação de um altar sagrado e de uma assembleia que recebesse de crentes. Não obstante, apresentavam várias tipologias, de acordo com as suas características funcionais particulares, como catedrais, igrejas paroquiais ou centros de peregrinação.

A Mesquita era o principal edifício público e religioso. Era concebida como um centro urbano por excelência, que acolhia múltiplas funções: sala de oração principal – religião; sede de magistratura – justiça; a casa do povo e assembleia – administração; escola – ensino; albergue de forasteiros – caridade e hospitalidade; e tesouraria comunitária – economia. O tipo fixava a distribuição espacial entre uma sala de orações, um espaço flexível e unitário e um pátio.¹⁰⁴

Os banhos públicos árabes eram espaços de grande sociabilidade, concebidos para a prática das abluções maiores impostas pela religião. Dispunham-se, tal como as termas romanas, em três grandes salas, com diferentes temperaturas da água, e numerosas dependências.¹⁰⁵

A “casa é o que melhor caracteriza os costumes, os usos, os gostos de uma população”¹⁰⁶. Constitui o “desenho de fundo através do qual nos damos conta dos factos principais.”¹⁰⁷

A herança do nomadismo primitivo instigava um desenho urbano islâmico que sobrevalorizava a unidade privada em detrimento da colectiva. “No deserto a sobrevivência dependia da autonomia [e] da autoprotecção”¹⁰⁸. Estes hábitos culturais não previam uma legislação urbana sobre o uso e ocupação do solo. Para alcançar a intimidade, dentro do apertado espaço da cidade, as casas eram totalmente encerradas. A defesa da casa era potenciada pela indefinição do seu exterior, que não revelava a sua implantação, dimensão ou importância, comprometendo “a orientação e uma visão do conjunto de bairro.”¹⁰⁹ As casas agrupavam-se de acordo com a etnia e classe social dos seus proprietários e de modo, formalmente, impreciso.



Figura 8 ruela de la Luna, Córdoba.



Figura 9 rua de Vilar, Santiago de Compostela.

¹⁰⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 9.

¹⁰⁵ CALVO CAPILLA, “Urbanismo en la Córdoba Islámica”, pp. 61 e 62.

¹⁰⁶ ROSSI, *Op.cit.*, pp. 159 e 160.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 198.

¹⁰⁸ MORRIS, *Op.cit.*, p. 162.

¹⁰⁹ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 226.

O tipo, especificado no Corão, derivava do protótipo mesopotâmico, o que era razão bastante para o considerar como uma forma de habitação sagrada.¹¹⁰ Aí, as “casas eram quase sempre de piso único”¹¹¹ e, para a rua, abriam apenas a porta de acesso. Em alguns casos, havia pequenas aberturas no piso superior protegidas por ajimezes¹¹². Os compartimentos distribuíam-se em volta de um pátio central polivalente, que provia a casa de iluminação, ventilação, alimento e água.¹¹³

Ao contrário da cidade islâmica, o espaço público e privado das cidades cristãs misturavam-se, criando uma imagem homogénea da qual se destacavam os edifícios institucionais ou das classes sociais mais altas.

Nas cidades galegas, o lote tipo tinha cerca de 32m² de área, com 4m de frente e distribuía-se de acordo com um parcelamento muito regular.¹¹⁴

A maioria das casas variava entre um e dois pisos. Na frente de rua, ao nível térreo, desenvolviam-se actividades comerciais, que se estendiam à rua sob galerias. As traseiras destinavam-se às actividades domésticas propriamente ditas. Ali, existiam quase sempre hortas que, em articulação entre si, criavam grandes espaços verdes no interior dos quarteirões.¹¹⁵

O interior da casa era construído em paredes de tabique e soalhos de madeira. As divisões eram muito pequenas e distribuía-se por quartos exteriores e interiores, sem diferenciar funções. As fachadas exteriores eram quase sempre de pedra, tinham telhado de telha ou lousa e várias portas e janelas. Os telhados eram de duas águas e as caleiras de águas pluviais eram uma imposição urbanística.¹¹⁶

A casa conferia homogeneidade ao tecido urbano, dada a generalização do lote e dos materiais empregados. O número de pisos demonstrava, inequivocamente, as posições económicas dos seus proprietários.¹¹⁷

As casas senhoriais eram, evidentemente, diferentes. Ocupavam lotes maiores e elevavam-se por mais pisos do que as casas da plebe. As torres de

¹¹⁰ MORRIS, *Op.cit.*, p. 164.

¹¹¹ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 226.

¹¹² AJIMEZ é uma varanda de madeira encerrada com espessas gelosias onde, a partir do interior das casas, as mulheres podiam ver a rua sem serem vistas. TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 404.

¹¹³ *Ibid.*, p. 228.

¹¹⁴ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 146.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 147.

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 151.

¹¹⁷ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 269.

edifícios religiosos e palacianos criavam múltiplos pontos de referência e contrastes verticais na massa urbana horizontal.¹¹⁸

Além dos principais equipamentos religiosos e de alguns paços reais, os restantes edifícios públicos implantavam-se em lotes de carácter formal idêntico à grande maioria das casas, como: lagares, celeiros, hospitais e albergarias, ou mesmo paços do concelho e sinagogas pontuais.¹¹⁹ Nas cidades islâmicas, as sinagogas também ocupavam lugares de pouco destaque, muitas vezes sendo confundidas, pelo exterior, com a habitação corrente.

¹¹⁸ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 159.

¹¹⁹ *Ibid.*, p. 157.

2.5 Espaço Público e Espaço Sagrado

A cidade é composta por obras “produzidas pelo público, [e] para o público: é precisamente o público que fornece um denominador comum.”¹²⁰ As intenções do desenho de espaço público estão afectas à cultura cívica. O espaço sagrado centra-se na actividade espiritual de uma comunidade. Um serve os desígnios do corpo social, outro reflecte um sentimento de fascínio colectivo para além da realidade quotidiana.

Estes tipos de espaço servem a comunidade de modo complementar. O espaço público responde a necessidades colectivas de uma comunidade, desenha vias, praças e infra-estruturas com propósitos pragmáticos. O espaço sagrado assenta em premissas dogmáticas, encena e constrói o tempo e o lugar onde se manifesta a íntima relação do homem com a divindade.

No panorama Ibérico alto medieval, as cidades do Norte seguiam as linhas europeias e as do Sul, a tradição Oriental. Ambas assentavam no elemento comum que foi a urbanização romana, sobre o qual desenvolvem a sua própria identidade urbana, num processo de aculturação e desintegração afecto aos modos de vida de cada uma das civilizações e à sua apropriação desses espaços.¹²¹

As condições geográficas, de maior permanência do que os factores humanos, também condicionaram o distanciamento formal das abordagens urbanas dos cristãos do Norte e dos mouros do Sul. As primeiras desenvolveram-se de modo evolutivo, sujeitando-se ou tirando proveito dos acidentes climáticos e geológicos. As outras assentaram, sobre as formas pré-existentes, um desenho urbano tradicional comum às cidades de todo o Império Muçulmano, já que as condições geográficas se aproximavam das do Médio Oriente.¹²²

A diferença de escala entre ambas reflecte-se na envolvente urbana. O baixo índice populacional do Norte concentrava-se num único aglomerado envolto por uma muralha para além da qual apenas existiam campos de cultivo e florestas. A Sul, vários edifícios estendiam-se pelo território circundante.

¹²⁰ ROSSI, *Op.cit.*, p. 48.

¹²¹ MORRIS, *Op.cit.*, p. 160.

¹²² TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 13.

As cidades dependiam muito do que se produzia extramuros. No caso do Norte Peninsular, junto aos caminhos de acesso às cidades, havia campos de cultivo, ermidas, cemitérios judeus e alguns terreiros destinados ao comércio, junto às muralhas.¹²³

Nas cidades islâmicas a envolvente era causa e efeito da vida metropolitana. Fora de portas, distribuíam-se campos de cultivo, cemitérios, espaços de lazer, de práticas militares e religiosas, vários subúrbios e casas palacianas de retiro, mais ou menos autónomas.

A muralha constituía um grande investimento da cidade, mas era-lhe indispensável. As portas uniam-se pelas principais artérias e situavam-se junto a estradas que partiam para as cidades vizinhas. “A cidade erguia-se arredondada [pela] universal existência de muralhas, quase inata ao urbanismo medieval.”¹²⁴ Isto acontecia tanto nas cidades cristãs como nas cidades islâmicas.

No caso galego, a muralha era, essencialmente, “um elemento simbólico identificador de cidade”¹²⁵ que nem sempre assegurava a sua defesa. Quando Almanzor investiu sobre Santiago de Compostela, à sua chegada, já os seus habitantes tinham abandonado a cidade, tal era a falta de confiança que a muralha inspirava. As portas, por sua vez, desempenhavam uma função essencialmente fiscal e eram, por isso, uma presença constante.¹²⁶

Nas cidades andaluzas, a função da muralha era inequivocamente defensiva. A sua construção era muito criteriosa. Os acessos à cidade erguiam-se segundo um esquema de sucessivas portas, torres e pátios, de influência da arquitectura militar bizantina, que asseguravam e reasseguravam a sua eficácia defensiva.¹²⁷

A muralha desenhava a silhueta urbana com nitidez e criava uma certa inércia sobre o plano existente. No caso galego, não houve alterações demográficas que justificassem a sua transformação.¹²⁸ Já no caso andaluz, ao aumento exponencial de população, respondia-se com a criação de subúrbios, mais ou menos autónomos, que eram protegidos pelas suas próprias muralhas.¹²⁹

¹²³ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 131.

¹²⁴ *Ibid.*, p. 117.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 132.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 132.

¹²⁷ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 128.

¹²⁸ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, pp. 27 e 132.

¹²⁹ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 169.

A defesa fomentava a fragmentação da cidade. A zona mais elevada da cidade era ocupada pela cidadela, no caso cristão, ou pelo Alcácer¹³⁰, no caso islâmico, espaços fortificados autónomos que asseguravam a máxima protecção do governante da cidade.¹³¹

Nas cidades cristãs “existia um espaço público comum, complexo e unitário, que se estendia por toda a cidade e no qual se apresentavam todos os edifícios públicos e privados”¹³². O equilíbrio entre público e privado dependia de uma lei pública constituída por “estatutos comunais [que] regulavam minuciosamente os pontos de contacto entre o espaço público e os edifícios privados, e as zonas em que os dois interesses se sobrepõem”¹³³. O espaço público era promovido pelas autoridades municipais: “as ruas e praças não deviam de maneira nenhuma ser arbitrariamente invadidas por qualquer elemento de uma casa particular”¹³⁴.

As cidades islâmicas “careciam de estatuto jurídico”¹³⁵. A lei islâmica “não prevê regulamentação de construção, de implantação ou de carácter formal, nem sequer o traçado e desenho das ruas e edifícios [adjacentes]. À falta de instituições municipais, [arquitectura e urbanismo] regiam-se pela tradição [e] pela vontade individual.”¹³⁶ O “direito e os costumes eram muito tolerantes quanto à usurpação do domínio comum por particulares. Tudo [estava] mais relacionado com a propriedade privada e orientado para ela, do que com o espaço público.”¹³⁷ A falta de uma administração municipal específica resultou num tecido urbano extremamente irregular, mas a tradição construtiva desenhou-o com uma homogeneidade admirável.

A complexidade do espaço público cristão deriva do assentamento de diversos poderes independentes, como o episcopado, o município, as ordens religiosas e as corporações, que constituem plurais centralidades: religiosas, civis e comerciais. Junto à “igreja principal [ficavam] a praça do mercado [e] a rua principal, que passava tangente a estes dois espaços”¹³⁸.

¹³⁰ ALCÁCER era o palácio fortificado dos governantes das cidades islâmicas. Fortaleza; castelo ou palácio régio fortificado. FIALHO DE SOUSA, MADEIRA RODRIGUES e PEREIRA BONIFÁCIO, “*Op.cit.*”, p. 22.

¹³¹ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 128.

¹³² BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 269.

¹³³ *Ibid.*, p. 269.

¹³⁴ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 148.

¹³⁵ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 71.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 71.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 72.

¹³⁸ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 270.

A imagem de fortaleza exterior das cidades cristãs era potenciada por campanários, torres militares e palacianas. O centro era o destino privilegiado, o que contribuía, inevitavelmente, para um tecido urbano mais denso à sua volta. As cérceas raramente excediam os dois pisos, favorecendo a iluminação e ventilação das ruas. Os espaços públicos e os espaços verdes eram consideravelmente abundantes, aliviando a compacidade do conjunto.¹³⁹

O “carácter social das eiras rurais [permaneceu nas praças urbanas galegas] como lugar de encontro massivo e de relação entre os habitantes.”¹⁴⁰ Encruzilhadas e largos onde houvesse uma fonte para o abastecimento de água ganharam carácter cívico pelas relações sociais aí instituídas. As galerias, junto a todos os edifícios, eram ideais para o estabelecimento de postos de venda e existiam por toda a cidade cristã. A prática comercial acabava por estender-se a toda a cidade.

O centro das cidades islâmicas era a Medina. Totalmente circunscrita por muralhas, continha o núcleo colectivo e alguns bairros residenciais, separados entre si por classes sociais, etnias ou crenças religiosas. No centro urbano, propriamente dito, cruzavam-se as principais artérias da cidade, bem posicionadas em relação às comunicações exteriores. “O coração da cidade, o seu centro de vida religiosa, pública e comercial, era (...) a Mesquita Maior e a sua envolvente próxima”¹⁴¹, onde se dispunham os principais equipamentos públicos. A função da Mesquita “podia comparar-se, até certo ponto, com as do fórum romano e da praça pública medieval.”¹⁴²

Nas cidades cristãs a rua precede os edifícios, a “maior parte [resultava] da extensão das construções urbanas ao longo [de] caminhos”¹⁴³, cujos percursos se revelassem eficazes. O crescimento da cidade adapta os edifícios aos alinhamentos determinados por esses caminhos.¹⁴⁴ Nas cidades islâmicas, este princípio aplica-se apenas às ruas principais; a unidade privada determina o traçado final dos arruamentos menores.

No modelo europeu, as ruas eram muito irregulares, mas suficientemente organizadas para formar um espaço unitário. Cada bairro tinha a sua identidade formal, permitindo a orientação e a visão do conjunto. Os

¹³⁹ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 142.

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 143.

¹⁴¹ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 131.

¹⁴² *Ibid.*, p. 175.

¹⁴³ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 141.

¹⁴⁴ *Ibid.*, pp. 141 e 142.

princípios de hierarquia que diferenciavam tipos de rua baseavam-se na proximidade de edifícios notáveis.¹⁴⁵

Os planos galegos eram marcadamente longitudinais, forçados pelo “traçado das ruas principais nesse sentido.”¹⁴⁶ Entre portas, as principais ruas urbanas cruzavam a cidade. Transversalmente a estas, as ruas secundárias atravessavam por meio dos quarteirões, articulando pontos médios de ruas principais mais ou menos paralelas. Pontualmente havia ruas cegas. Saneamento e pavimentação não constituíam as necessidades básicas dos arruamentos. Quando existia, o saneamento consistia em formas elementares de abertura de regos junto às fachadas dos edifícios. Todas as ruas prestavam serviços ao tráfego, ao comércio e à sociedade.¹⁴⁷

As vias islâmicas, apesar de serem “estreitas (sete pés, diz uma regra de Maomé) [e de formarem] um labirinto de passagens tortuosas”¹⁴⁸, eram bastante mais hierarquizadas. As principais uniam as portas da cidade por meio de percursos contínuos que atravessavam a cidade pela Mesquita e pelo mercado. À medida que se aproximavam do reduto familiar, as ruas transformavam-se em ruelas e becos que distanciavam fisicamente a unidade de habitação do espaço público, muitas vezes recorrendo a uma porta que os fechava¹⁴⁹. Cada rua tinha uma função e servia a um grupo de indivíduos bem definido. Os quarteirões eram grandes e muito irregulares.¹⁵⁰

Dentro do tecido urbano islâmico, o espaço público era constituído pelas zonas de mercado e pelos pátios das mesquitas. À excepção desses lugares, as praças escasseavam. No meio destas cidades tão compactas, o respiro do grande pátio da Mesquita Aljama¹⁵¹ adquiria um verdadeiro valor de praça pública: de “certa forma, a Mesquita incorpora o papel político-social dos antigos ágora-forum da clássica cidade-estado. É sobre esses espaços colectivos [que] vão ser

¹⁴⁵ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 269.

¹⁴⁶ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 141.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 141.

¹⁴⁸ BENEVOLO, *Op.cit.*, p. 226.

¹⁴⁹ Os adarves, por exemplo, eram ruas cujo acesso era restringido pelo encerramento de portas nas suas extremidades. Criavam arruamentos privados, durante a noite, e serviam o trânsito urbano, de dia. TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 382.

¹⁵⁰ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 130.

¹⁵¹ MESQUITA ALJAMA é a mesquita principal da cidade, onde se reúnem todos os fieis ao meio-dia de sexta-feira, dia em que se pronuncia o sermão. CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 121.

construídos os grandes edifícios religiosos do mundo islâmico, marcando simbolicamente a fusão do público e do sagrado.”¹⁵²

Apesar do comércio se distribuir de acordo com os produtos transaccionados, nas cidades galegas, o conjunto urbano era muito dinâmico, com uma grande interacção entre actividades e classes sociais. “A tónica da cidade era a variedade social dos habitantes de uma mesma rua.”¹⁵³ A multiplicidade de actividades, edifícios e o espaço público aberto a toda a cidade, tornavam-na coesa.

Na cidade islâmica, os elementos de união eram a muralha, a Mesquita Aljama e o mercado principal. A muralha agregava por proximidade física e o centro religioso, económico e administrativo da Mesquita reunia do ponto de vista político-social.¹⁵⁴

A concepção do espaço sagrado antigo “estava submetida a sistemas geométrico-astronómicos que comportavam cálculos rigorosos relacionados com as suas compreensões cosmológicas e com os seus atributos simbólicos.”¹⁵⁵ Cruza “crenças mítico-religiosas, (...) concepções filosófico-cosmológicas [e o empirismo dos] factos do mundo.”¹⁵⁶ O poder natural de certos locais tornava-se espiritual pelo fascínio provocado no homem. A construção de um espaço sagrado ali promulgava este poder pela prática de rituais religiosos. “A espacialidade sagrada do lugar (...) estava associada ao registo de orientações e reconhecimentos geométrico-visuais, tanto no nível geográfico, como do espaço astronómico relacionado com a medição do tempo. [Estes] lugares especiais [garantiam] a protecção e a integridade da territorialidade física e espiritual.”¹⁵⁷ Através destas características geológicas extraordinárias chegaram até nós centros de peregrinação como: Jerusalém, Compostela ou Meca. À sua volta cresceram festivais, feiras temporárias, pequenas comunidades e cidades.

Comum a todas as religiões, a sacralização de um lugar estabelece uma noção de limite entre o que é santo e o que é secular.

No caso cristão o limite é muito evidente. Os edifícios religiosos assumem uma relação de autonomia formal e funcional muito vincada.

¹⁵² Cláudio Torres e Santiago Macías, “A Herança do Mundo Antigo: o Islão do Ocidente”, in: PEREIRA. “História da Arte Portuguesa”, volume I, p. 158.

¹⁵³ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 165.

¹⁵⁴ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 129.

¹⁵⁵ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 70.

¹⁵⁶ *Ibid.*, p. 72.

¹⁵⁷ *Ibid.*, p. 69.

Numerosas obras religiosas espalham-se pela cidade e emanam carácter sagrado sobre os espaços públicos adjacentes.

No caso islâmico, a estreita relação entre o cívico e o sagrado e os precedentes nómadas de auto-suficiência promovem algum pragmatismo quanto a esta segregação: a Mesquita tem um limite temporal e no seu espaço cada actividade é desenvolvida dentro de um período pré-estabelecido; o próprio tapete de orações é “como uma mesquita portátil, um espaço ritualmente puro”¹⁵⁸, que sacraliza a superfície onde se estende.

Os enterramentos cristãos medievais nas praças públicas menosprezavam o sentimento de sacralização das necrópoles. Aqueles espaços reuniam vivos e mortos, sob o frenesim da cidade mercado medieval.¹⁵⁹ Os cemitérios muçulmanos eram considerados espaço sagrado e contra a sua profanação existia uma das poucas leis urbanas islâmicas.¹⁶⁰

Nas cidades islâmicas, fora “da muralha, num sítio plano, livre e despojado, em campo raso, costumava estar a musal-la”¹⁶¹, onde se praticavam as orações das maiores festas canónicas. A sua extensão era “proporcional ao número de habitantes da cidade”¹⁶². Este oratório exterior partilhava, por vezes, o seu espaço com a *musara*¹⁶³, apresentando, simultaneamente, um carácter sagrado e civil.

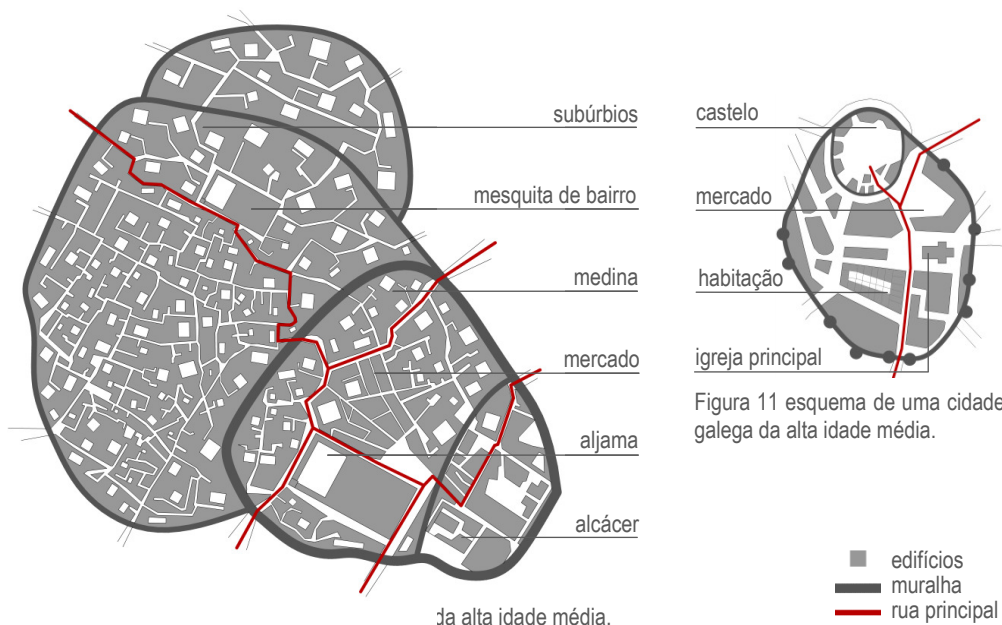


Figura 11 esquema de uma cidade galega da alta idade média.

¹⁵⁸ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 68.

¹⁵⁹ LÓPEZ CARREIRA, *Op.cit.*, p. 145.

¹⁶⁰ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, pp. 74 e 235.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 126.

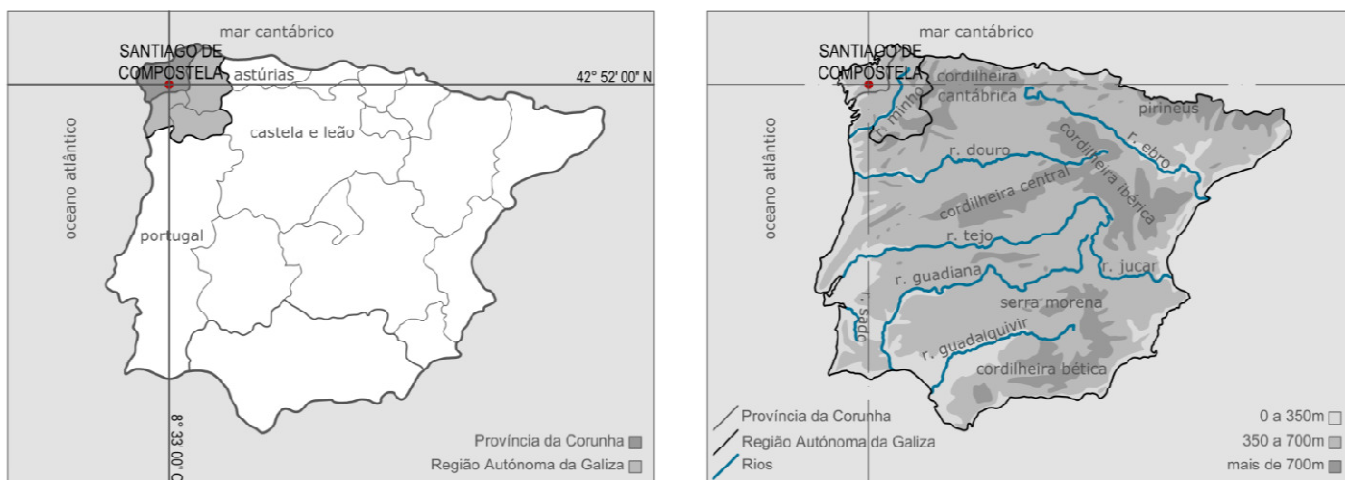
¹⁶² *Ibid.*, p. 126.

¹⁶³ MUSARA era um lugar destinado a exercícios equestres, ao lazer público ou a acampamento militar. Situava-se às portas da cidade e exigia um espaço amplo e plano. TORRES BALBAS, *Op.cit.*, p. 229.

3. A PRAÇA DO OBRADOIRO EM SANTIAGO DE COMPOSTELA



3.1 Origens



Vestígios de uma povoação castreja testemunham a primeira ocupação de Santiago de Compostela. Sob o cruzeiro da Catedral, encontraram-se restos de edifícios romanos, entre os quais o presumível túmulo do Apóstolo Tiago, o Maior.¹⁶⁴

A evangelização do Ocidente foi adjudicada a Santiago, de onde se deduz que tenha pregado pela Península Ibérica. De regresso à Palestina, terá sido decapitado por Herodes III, em 44. O seu corpo foi trasladado, por mar, num túmulo marmóreo até Pádron e foi levado para uma necrópole, próxima do bosque *Liberum Donum*, onde os seus discípulos ergueram um templo. A proibição da prática cristã catalisou o esquecimento do mausoléu.¹⁶⁵

Em 813, o eremita Pelaio comunicou ao Bispo de Iria os prodígios nocturnos observados nas proximidades de um templo romano. Esses fenómenos atmosféricos vieram a dar o nome à cidade – *Campus Stellae*.¹⁶⁶

Uma inscrição identificava aquele como o túmulo do Apóstolo Tiago. Tinha oito metros de lado e distribuía-se por dois pisos de “planta quadrangular [: o] superior seria como um pequeno templo”¹⁶⁷ e o “inferior servia de cripta funerária”¹⁶⁸. A orientação, quase Nascente-Poente, favoreceu a sua integração nas construções que se lhe sobrepuseram.¹⁶⁹

Figura 13 localização de Santiago de Compostela, vizinhança geográfica e mapa hipsométrico da Península Ibérica.

Santiago de Compostela é a capital da Galiza, a região autónoma de Espanha mais ocidental. A região faz fronteira com Portugal, a Sul, com as regiões das Astúrias e de Leão e Castela, a Nascente, com o Mar Cantábrico, a Norte, e com o Oceano Atlântico a Poente.

A Galiza está sobre um maciço granítico que chega a alcançar os 800m de altitude, a sudeste. O seu principal rio é o Minho, a Sul. Tem um clima atlântico com precipitação abundante que favorece o crescimento de uma vegetação densa.



¹⁶⁴ PERRÍN, “Santiago de Compostela em la Edad Media”, p. 12.

¹⁶⁵ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 85.

¹⁶⁶ *Ibid.*, p. 11.

¹⁶⁷ António López Ferreiro, século XIX. in: PERRÍN, “Santiago de Compostela em la Edad Media”, p. 10.

¹⁶⁸ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 11.

¹⁶⁹ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.

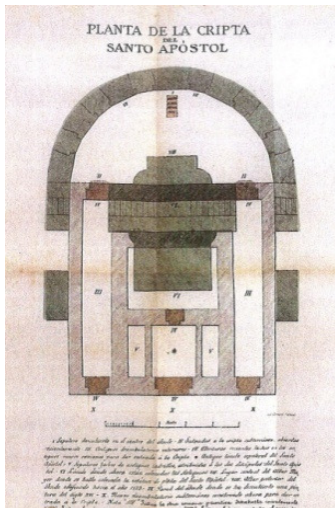


Figura 14 Bartolini, "Planta da Cripta do Apóstolo".



O Bispo participou o achado a Afonso II, rei das Astúrias. A tensão política e religiosa fomentada pela ocupação árabe viu, no gabarito deste objecto de culto, analogias divinas para levantar a moral nacional¹⁷⁰. Conduzidos por Santiago, os asturianos sentiram-se confiantes quanto à árdua tarefa de recuperar a Ibéria para o Cristianismo.

Foi, então, construído um templo dedicado a Santiago, com uma nave única de cerca de 7m de largura e 20m de comprimento, que integrou o túmulo romano como cabeceira. O martírio de Santiago e as condições atmosféricas extraordinárias do lugar concederam-lhe carácter sagrado. Estabeleceu-se uma comunidade monástica, para a manutenção do templo e das relíquias e para recepção dos peregrinos que ali começavam a chegar. O primeiro mosteiro, de Antealtares, foi erguido a Nascente do túmulo romano.

Compostela tornou-se uma sede episcopal organizada. A topografia do lugar definiu um plano ovalado, que ficou limitado e protegido por muralhas.¹⁷¹

Nos finais do século IX, a pequena dimensão e a má qualidade da construção levaram à substituição da primeira igreja. A largura era determinada pela capela-mor. À nave principal, "com oito tramos de 2,9m, com vãos (...) de 1,9m"¹⁷², juntaram-se duas de menores dimensões. Acrescentaram-se duas capelas laterais, criando um transepto. Afonso III mandou construir o segundo mosteiro, de San Martiño Pinario, para alojamento dos veladores da igreja, e um hospital.¹⁷³

Depois das invasões e destruições, do século X, para proteger a Catedral, o Bispo mandou construir uma nova muralha. Os, então, 10,9ha foram ocupados por um "compacto e regular casario"¹⁷⁴, onde o "desenvolvimento longitudinal das ruas estava, claramente, orientado no sentido da Catedral"¹⁷⁵.

Santiago, sobre um cavalo branco, terá lutado ao lado de Ramiro I e vencido Abd al-Rahman II, na Batalha de Clavijo. Converteu-se, então, no patrono da reconquista e do cristianismo peninsular. Segundo a lenda, os ataques muçulmanos destruíram toda a cristandade do Norte Peninsular. A

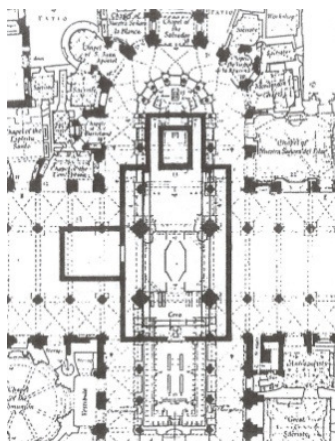


Figura 15 Planta da Basílica de Afonso III.



¹⁷⁰ "As circunstâncias históricas do reino asturiano foram interpretadas, como chave religiosa, à luz das imagens do Antigo Testamento. Estabeleceu-se uma identificação da comunidade asturiana com o povo eleito de Israel e a fidelidade à Aliança com Yahvéh. Foi denunciada a aceitação passiva do domínio político muçulmano e propôs-se como alternativa a coroação de um príncipe cristão". in: MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 84.

¹⁷¹ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 252.

¹⁷² PERRIN, *Op.cit.*, p. 22.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 18.

¹⁷⁴ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, "La Plaza em la Ciudad y otros espacios significativos", p. 74.

¹⁷⁵ *Ibid.*, p. 74.

excepção foi o túmulo de Santiago, cujo paradigma sagrado era de tal forma impressionante que o próprio Almanzor terá declinado destruí-lo.¹⁷⁶

Parcialmente destruída pelos árabes, a segunda Basílica foi reconstruída e manteve as suas funções até que o avançado estado de construção da Catedral românica obrigou ao seu derrube, em 1111.¹⁷⁷

Em 1019, Compostela tornou-se o “primeiro núcleo urbano da Galiza medieval”¹⁷⁸.

No século XII, uma acção conjunta do clero e da nobreza construiu infra-estruturas ao longo dos caminhos e compilou o primeiro guia do peregrino – Códice Calixtino – com o que aumentaram as peregrinações.¹⁷⁹

O Papa Calixto II concedeu à Igreja de Santiago o “Jubileu Pleno do Ano Santo” e Alexandre III perpetuou-o. Santiago de Compostela tornou-se Cidade Santa.

A Catedral actual foi patrocinada pelo Bispo Diego Peláez. Como igreja de peregrinação, tem uma planta de cruz latina com uma girola para onde se abrem capelas radiais. Ao longo das naves laterais, capelas dedicadas a outros santos permitem a celebração simultânea de vários actos litúrgicos. As tribunas, também elas com altares, serviam para o descanso dos peregrinos.

A Basílica românica foi consagrada a 23 de Abril de 1211, pelo arcebispo Pedro Muñiz. Emblemática e impressionante, passou a condicionar o traçado de toda a cidade.

A Catedral românica foi projectada pelo Mestre Mateo. O estaleiro utilizado para a obra criou o vazio que deu lugar à actual Praça do Obradoiro. Já no século XVIII, na construção da fachada poente da Catedral trabalharam várias oficinas de cantaria. Foram, aliás, estas empresas, chamadas obradoiros, que deram o nome à fachada que, por sua vez, iria baptizar a Praça¹⁸⁰.

As estreitas relações que o Bispo Diego Xelmírez mantinha com a monarquia, patrocinaram uma “intensa e variada actividade construtiva”¹⁸¹ na



Figura 16 Páginas do Códice Calixtino.

¹⁷⁶ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 30.

¹⁷⁷ *Ibid.*, p. 42.

¹⁷⁸ *Ibid.*, p. 30.

¹⁷⁹ *Ibid.*, p. 35.

¹⁸⁰ Obradoiro é o nome dado à fachada ocidental da Catedral de Santiago de Compostela. Ela “domina a praça à qual dá o nome, local onde os pedreiros trabalharam durante a construção da fachada.” Na sua origem, o termo obradoiro designa o lugar ou obrador, onde se trabalhavam as pedras., “Galicia, La guía turística”, <http://www.galinor.es/santiago/monum-e.html>.

¹⁸¹ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 45.

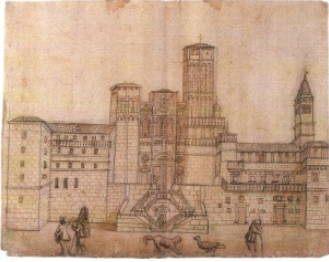


Figura 17 Vega y Verdugo, desenho da fachada ocidental da Catedral de Santiago, no século XVII.

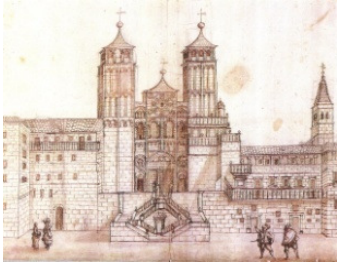


Figura 18 Vega y Verdugo, desenho da fachada ocidental da Catedral de Santiago, no século XVIII.

cidade. Entre estas empreitadas, destacam-se o Paço de Xelmírez, um aqueduto e algumas fontes.

O paradigma de Compostela influenciou o crescimento de comunidades vizinhas. Comitativas reais e piedosas doaram edifícios que criaram novas paragens, novos aglomerados e promoveram novas cidades.

Com vista sobre a cidade, cinco povoações rodeavam Compostela: San Marcos, Milladoiro, Pedroso, Sar e Sionlla. A Catedral era a referência arquitectónica visível à distância de mais de cinco quilómetros. Mais do que o seu espaço urbano, controlava o seu espaço territorial: “a cidade de Santiago de milladoiro a milladoiro”¹⁸².

A Praça partiu do limite imposto pela Catedral e pela Porta de la Trinidad, e foi, paulatinamente, ganhando forma através dos restantes edifícios. Ao longo do tempo, reflectindo as suas aquisições arquitectónicas, foi baptizada com vários nomes: del Hospital Real; de la Constitución; Mayor; de Alfonso XII; de España; e, finalmente, Praça do Obradoiro.¹⁸³



Figura 19 planta da cidade, século XVIII.

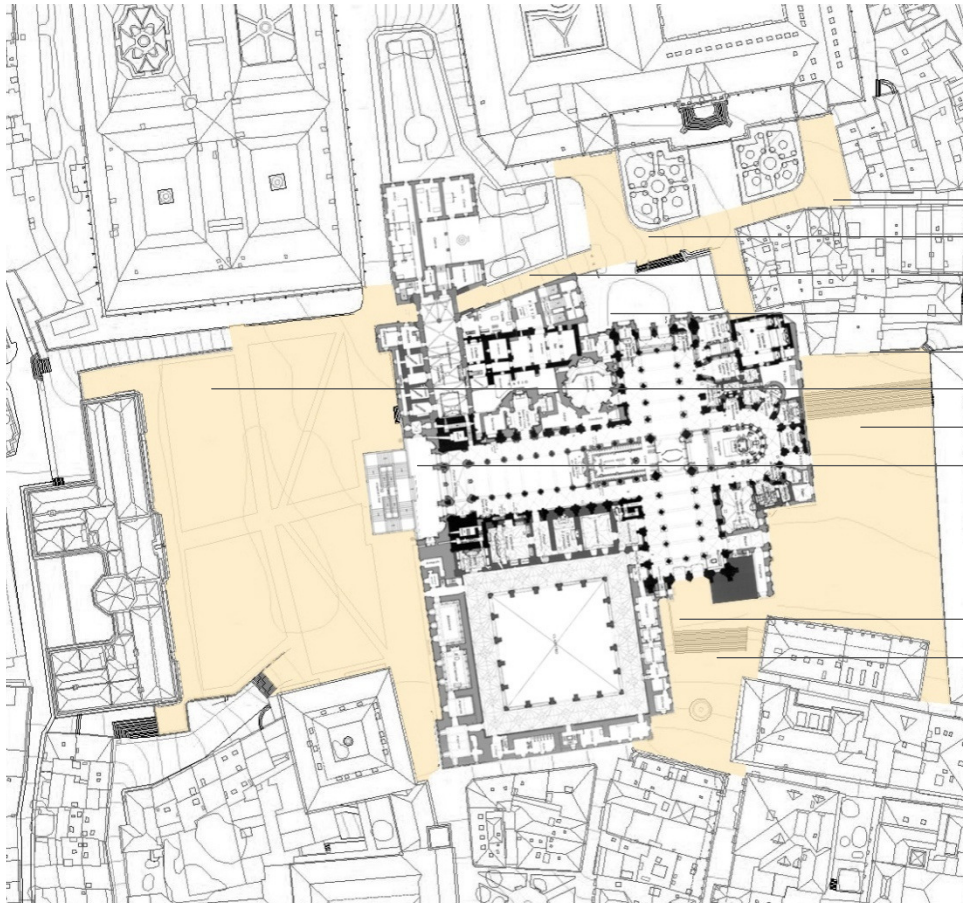
¹⁸² MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 85.

¹⁸³ RINCÓN, “Plazas de España”, p. 191.

3.2 Assentamento



Figura 20 Santiago de Compostela, 1945. O núcleo histórico de Santiago de Compostela situa-se na encosta poente da colina formada entre os vales dos rios Sar e Sarela, respectivamente, a sudeste, e a Poente.



- Rua de Acebechería 267m
- Praça da Inmaculada 263m
- Arco do Palácio 258m
- átrio norte da Catedral 260m
- Quintana de Vivos 264m
- Praça do Obradoiro 252,2m
- Quintana de Mortos 260m
- átrio poente da Catedral 260m
- Praça das Praterias 260m
- Praça das Praterias 254 a 256m



Figura 21 planta de indicação das áreas de estudo com as respectivas referências altimétricas.

No extremo ocidental do núcleo histórico de Santiago de Compostela, a Praça do Obradoiro está condicionada por um terreno que sobe, desde a Rua da Trindade até à fachada nascente do Mosteiro de San Paio Antealtares, 28m de altura numa distância de 300m em planta. A disposição dos edifícios monumentais reflecte e resolve as características topográficas do sítio.¹⁸⁴

O Palácio de Raxoi assenta na Rua da Trindade, sobre a antiga muralha que cercava a cidade. A sua fachada nascente implanta-se na Praça do Obradoiro. Da Praça, uma escadaria dá acesso à Catedral de Santiago. O transepto da Catedral abre-se para um adro, a Norte, ligado à Praça da Inmaculada, e entra, no nível superior da Praça das Praterías, a Sul, a uma cota comum. A Nascente, a Praça da Quintana, dividida em duas plataformas, unidas por uma ampla escadaria, recebe a cabeceira da Catedral e articula as duas últimas praças.¹⁸⁵

A Praça do Obradoiro implanta-se a uma cota de 252m e ocupa uma área rectangular de 6638,32m².

A parede oriental da Praça do Obradoiro conta com as fachadas poente do Paço de Xelmírez, da Catedral e do seu claustro.

O limite setentrional é o Hostal dos Reis Católicos, implantado perpendicularmente à fachada da Catedral e afastado da Praça por meio de um átrio.

O Colégio de San Xerome limita a Praça a Sul. A sua inflexão relativamente à Catedral cria alargamento junto aos acessos meridionais da Praça.

O Paço de Raxoi limita a Praça do Obradoiro a Poente, paralelamente à fachada ocidental da Catedral.

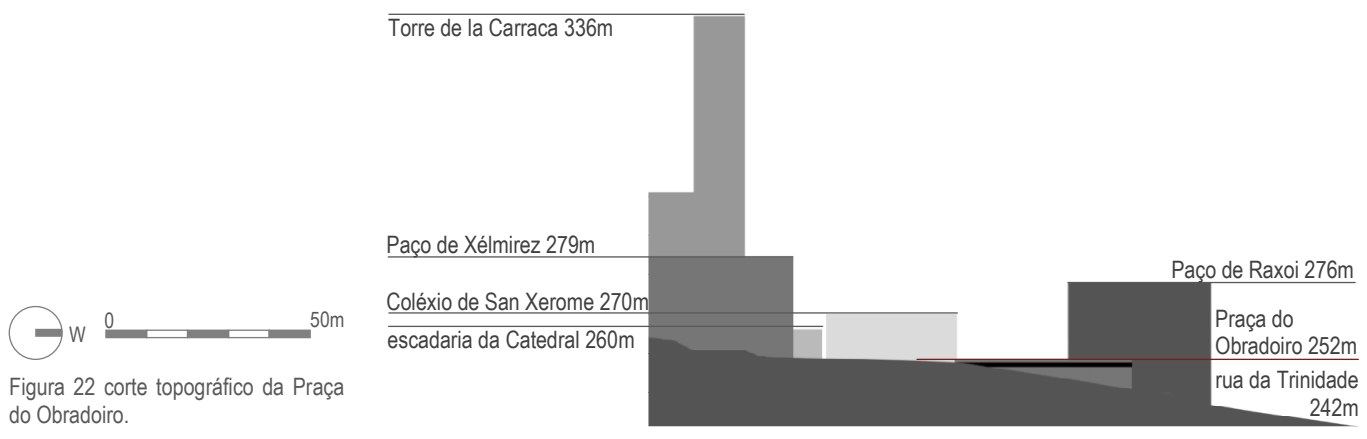


Figura 22 corte topográfico da Praça do Obradoiro.

¹⁸⁴ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, pp. 256 e 257.

¹⁸⁵ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.

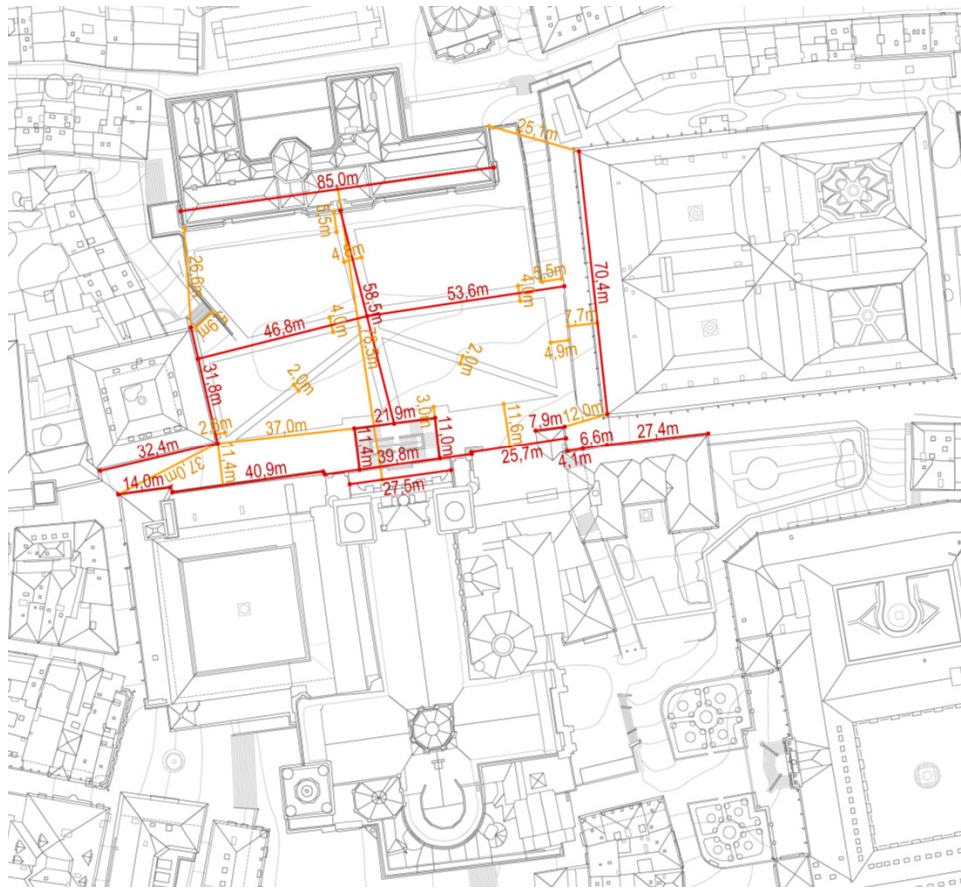


Figura 23 dimensões da Praça do Obradoiro. A fachada da Catedral tem 39,8m de largura. O Paço de Xelmírez prolonga-a, para Norte, por mais 25,7m, até ao Arco do Palácio, e estende-se por outros 38,1m, dos quais 27,4m não se abrem para a Praça. O claustro da Catedral, adjacente a ela, estende-se 54,9m, para Sul. O limite setentrional da Praça é o Hostal dos Reis Católicos. A sua fachada, com 70,4m de comprimento, é perpendicular à da Catedral e o seu cunhal sudeste dista 12,0m do cunhal noroeste da Torre do Paço de Xelmírez. A Sul, o Colégio de San Xerome faz um ângulo de 95° com a fachada da Catedral. O seu vértice nordeste dista 37,0m do cunhal sudoeste da escadaria da Catedral e outros 37,0m do vértice sudoeste do claustro. A inflexão das suas fachadas norte e nascente, relativamente à Praça, respectivamente, com 31,8m e 32,4m de largura, preparam os acessos meridionais da Praça. O Paço de Raxoi limita a Praça do Obradoiro a Poente. A sua fachada nascente, com 85,0m de comprimento, dista 78,5m da Catedral e é paralela a ela. O seu vértice sudeste dista 26,6m do cunhal noroeste do Colégio de San Xerome e o seu vértice nordeste dista 25,1m do cunhal sudoeste do Hostal dos Reis Católicos.

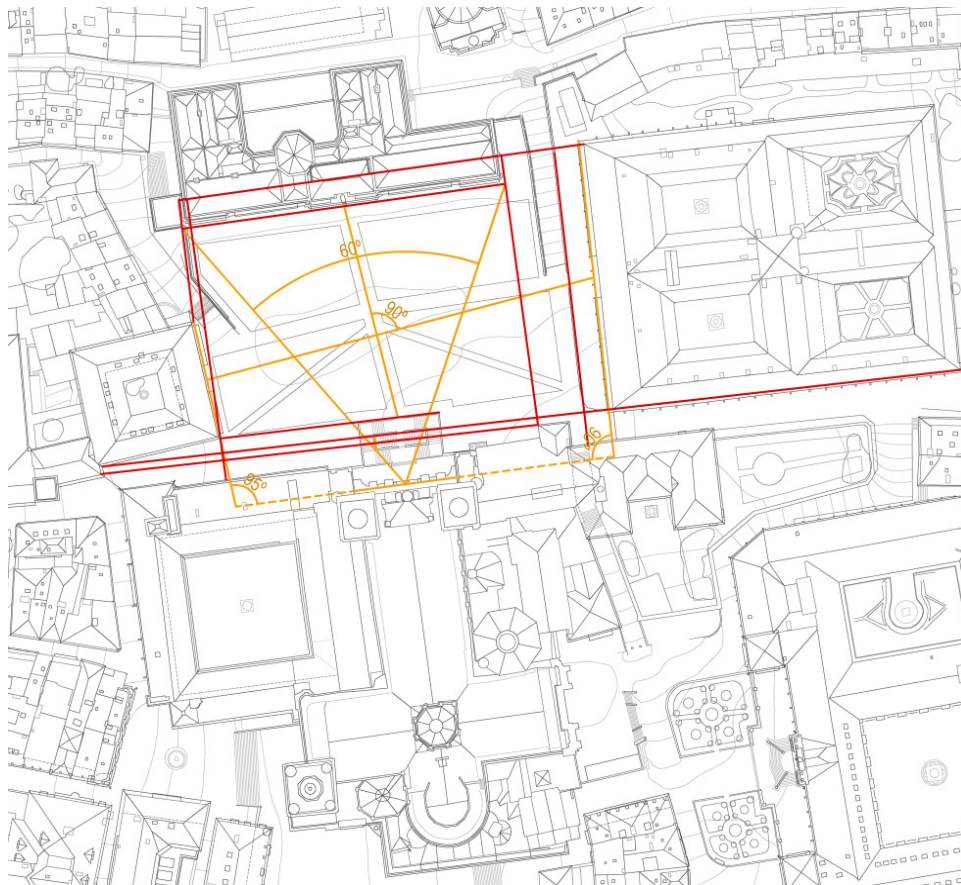


Figura 24 traçados da Praça do Obradoiro. O alinhamento dos postes que limitam o Hostal dos Reis Católicos determina a largura do Arco do Palácio, que dá acesso à Praça da Inmaculada. A largura do primeiro lance da escada externa do acesso à Basílica fica definida por dois alinhamentos paralelos à fachada da última: um passa no cunhal nordeste do Colégio de San Xerome e o outro segue a fachada nascente do Hostal. A largura do primeiro lance da escada interna, é determinada pelo último alinhamento e por outro paralelo que passa no cunhal sudoeste da torre do Paço de Xelmírez. O piso térreo do Palácio de Raxoi é definido por uma paralela à fachada da Catedral que parte do cunhal sudoeste do Hostal. Duas perpendiculares, uma desde o cunhal sudoeste da torre do Paço de Xelmírez e outra desde o portal do Colégio de San Xerome, determinam os limites, respectivamente, norte e sul da implantação do Raxoi. Duas rectas encontram-se no ponto médio da fachada do Obradoiro, fazem entre si um ângulo de 60° de abertura a Poente e cruzam-se com os alinhamentos das fachadas norte e sul do Palácio de Raxoi, determinando a posição dos pilares da galeria térrea deste edifício. Relativamente ao eixo que liga o centro das portas do Hostal e do Colégio, passa uma perpendicular que une o centro das outras duas fachadas.

3.3 A Praça do Obradoiro

A fachada do Obradoiro é protagonista da Praça, pelo símbolo, pela sua história, pelo seu desenho Barroco e pela sua elevação. Os restantes edifícios da Praça provêm de acontecimentos associados à Catedral: para servir peregrinos enfermos, para albergar membros do clero ou para os instruir.

Os edifícios da Praça podem “sintetizar-se em quatro palavras os estilos dos quatro edifícios: barroco, plateresco, neoclássico e românico; ou em quatro expressões simbólicas (...) : a Religião, a Caridade, a Justiça e o Ensino.”¹⁸⁶ Pode ainda acrescentar-se o turismo, essencialmente religioso. Na Praça do Obradoiro identificam-se cinco poderes: religioso na Catedral; administrativo do Concello de Santiago e da Xunta de Galicia, no Paço de Raxoi; ensino na reitoria da Universidade Compostelana, no Colégio de San Xerome; turismo na Basílica, no Hostel dos Reis Católicos, nos museus do claustro e do Paço de Xelmírez; e saúde, simbolizada pelo Hostel, antigo hospital que os Reis Católicos mandaram erigir para cuidar dos peregrinos.¹⁸⁷

A complementaridade funcional entre as fachadas nascente e poente da Praça do Obradoiro simboliza os poderes religioso e civil, representados pelas figuras do Apóstolo: Santiago Peregrino, no retábulo superior da fachada da Catedral, mensageiro espiritual; e Santiago Matamoros, no frontão central do Paço de Raxoi, protector da nação.

Colégio de San Xerome: ensino;

Barroco séc. XVII;
Reitoria da Universidade.

Claustro da Catedral: turismo;

Renascimento séc. XVI; Museu.

Paço de Raxoi: administração;

Neoclássico séc. XVIII;
sede de governo.

Catedral de Santiago:

religião e turismo;
Românico séc. XII; Igreja.

Paço de Xelmírez: turismo;

Gótico do séc. XIII; Museu.

Hostal dos Reis Católicos:

turismo e saúde;
Renascimento séc. XVI; Hotel.

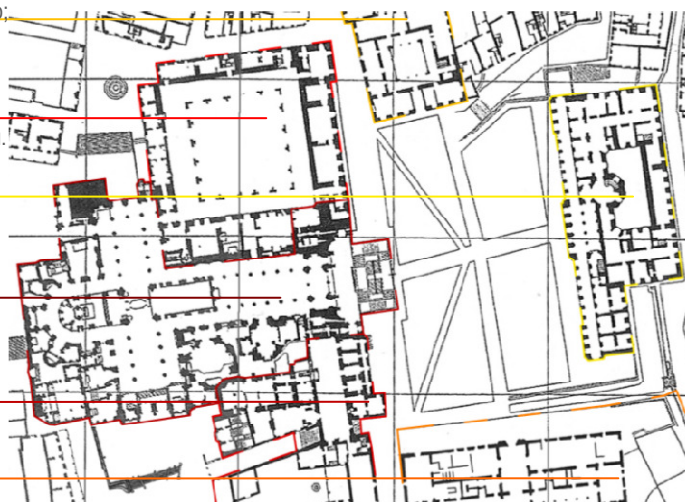


Figura 25 Santiago Peregrino, escultura central da fachada do Obradoiro da Catedral de Santiago.



Figura 26 Santiago Matamoros, escultura no frontão central da fachada nascente do Paço de Raxoi.



Figura 27 planta de interiores dos edifícios da Praça do Obradoiro com referências à época de construção e ao programa.

¹⁸⁶ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 258.

¹⁸⁷ RINCÓN, *Op.cit.*, p.183.

Figura 28 fachada nascente da Praça do Obradoiro, da esquerda para a direita: Paço de Xelmírez, Catedral de Santiago e claustro da Catedral.



A construção da Catedral começou em 1075. O edifício ocupa uma área de cerca de 4661m², com 103,9m dos pés à cabeceira, 70,5m entre os extremos do transepto.

O Pórtico da Glória, realizado pelas oficinas do Mestre Mateo, foi esculpido em granito e concluído em 1188. Cerca de 200 figuras, distribuídas por três arcos que correspondem às naves da Catedral, exprimem uma mensagem teológica centrada na ideia da salvação.

0 30m

Figura 29 Conant, secção longitudinal da Catedral Românica, à esquerda a cripta e a escadaria que permitem levantar o adro da Catedral até à cota das praças para onde se abre o cruzeiro, a 260m.

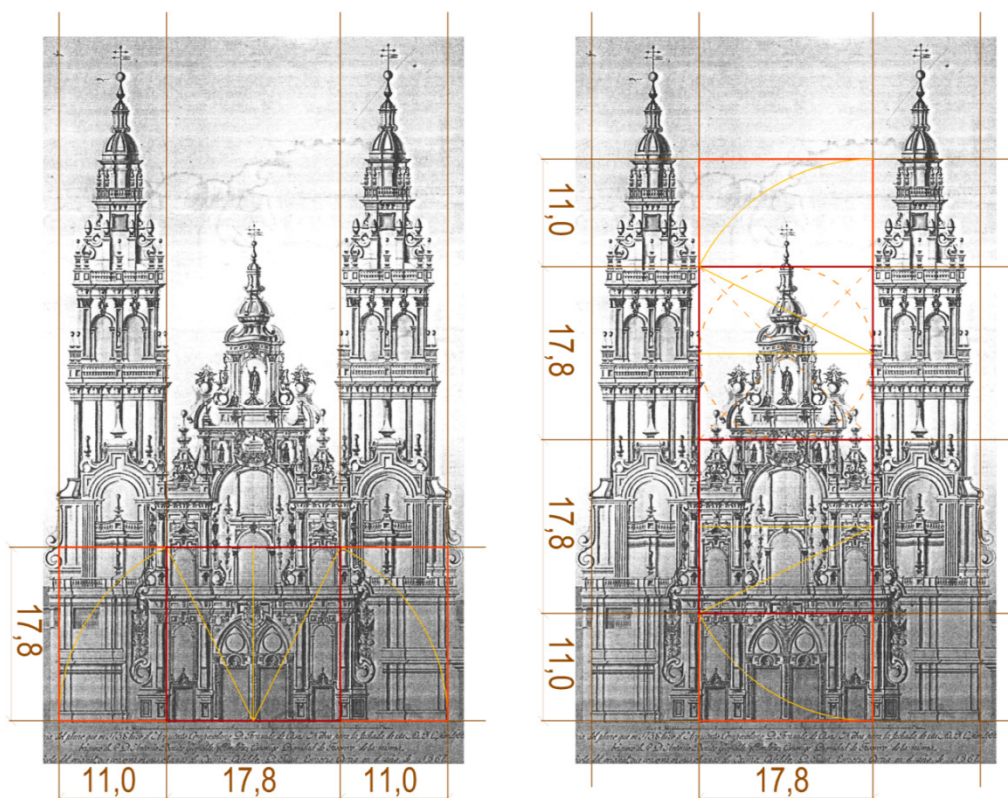


Em 1606, para superar a diferença de cotas entre os pisos da Praça e da Basílica, Ginés Martínez projectou a escadaria de acesso à Catedral. É composta por dois grupos de escadas, simétricos em relação ao centro da fachada do Obradoiro: o exterior tem três lances e o interior dois. Sob a escadaria, uma cripta elevou o nártex da Catedral até à cota da cabeceira.¹⁸⁸

Em 1738, a fachada românica ameaçava ruir. Construiu-se outra que a protegesse e que completasse o conjunto ao qual José Peña de Toro e Domingo Andrade, em 1680, acrescentara uma torre, a Sul. Os vãos do Obradoiro trabalham as entradas de luz em função do notável Pórtico da Glória. A actual fachada foi desenhada por Fernando Casas y Novoa que a concebeu como “um soberbo retábulo de pedra e grandioso arco do triunfo”¹⁸⁹. A obra terminou em 1750.

¹⁸⁸ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 35.

¹⁸⁹ RINCÓN, *Op.cit.*, p. 186.



0 30m

Figura 30 estudos da composição da fachada do Obradoiro:

Largura da fachada: um quadrado com a largura das três naves da catedral dá origem a um rectângulo de ouro cuja diferença entre o comprimento e a largura é igual à largura de cada uma das torres da Catedral (a de las Campanas, a Sul, e da Carraca, a Norte).

Altura da fachada: um rectângulo de ouro com largura igual às naves interiores da Catedral e com altura igual à soma dessa medida com a largura de uma das torres, define a altura da cobertura da nave central. Num quadrado com a mesma largura do rectângulo inscreve-se o retábulo central da composição da Catedral, no qual figura a imagem de Santiago Peregrino, ao centro. O rectângulo de ouro a que o último quadrado dá origem, determina a altura a que as torres se transformam em pináculos.

As torres ocidentais da Catedral, a de las Campanas, a Sul, e a da Carraca, a Norte, foram incorporadas na estrutura Barroca. Rematadas por corpos de volumetria decrescente reforçam a verticalidade do Obradoiro.

A iconografia da fachada remete para a tradição compostelana, com alegorias aos princípios da Catedral e do seu patrono. As Torres incluem representações dos pais do Apóstolo e, sobre a entrada, um retábulo exhibe, entre as figuras dos seus discípulos, a de Santiago Peregrino. Esta estátua é o ponto central da composição volumétrica.

A Poente, quatro portas dão acesso ao interior da Catedral. As centrais têm “razão de existir exactamente em relação [à] vastíssima vista [desde as cidades satélites]. A entrada faz-se, normalmente, através de [duas portas laterais], enquanto a porta grande só é aberta em circunstâncias especiais.”¹⁹⁰ Ao centro, as de proporções divinas e territoriais simbolizam o valor sagrado do edifício; nos extremos, as de escala terrena recebem o homem. Juntas representam o contraste entre Deus e o Homem, sagrado e secular, onipotência e submissão.

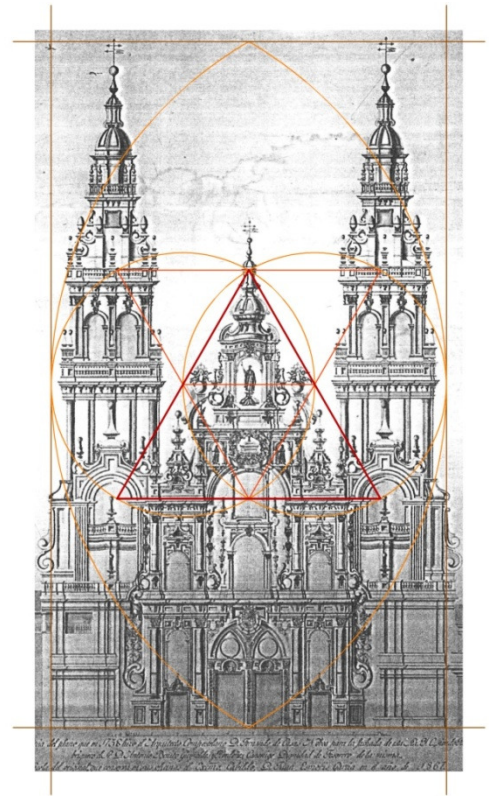
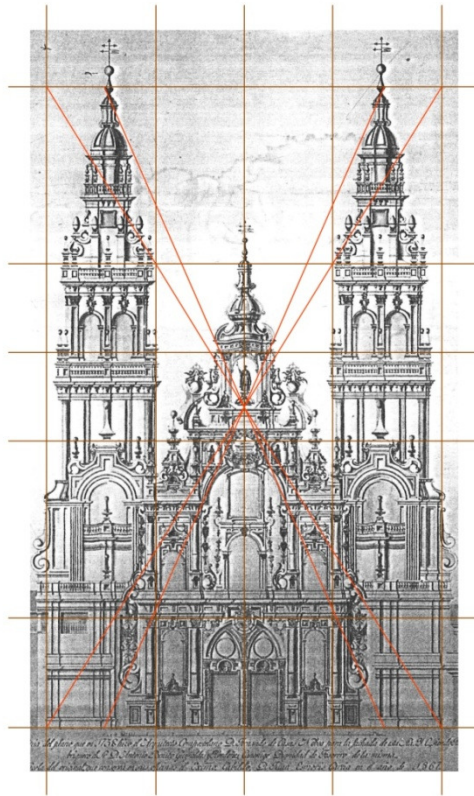
¹⁹⁰ SIZA, *Op.cit.*, p. 51. Explicação da escala das portas da Igreja de Marco de Canavezes adaptada a este trabalho por representar princípios arquitectónicos intemporais na composição de obras sagradas.

0 30m

Figura 31 estudos da composição da fachada do Obradoiro:

No ponto de intersecção das diagonais que cruzam o rectângulo dentro do qual se inscreve toda a fachada encontra-se a escultura de Santiago Peregrino.

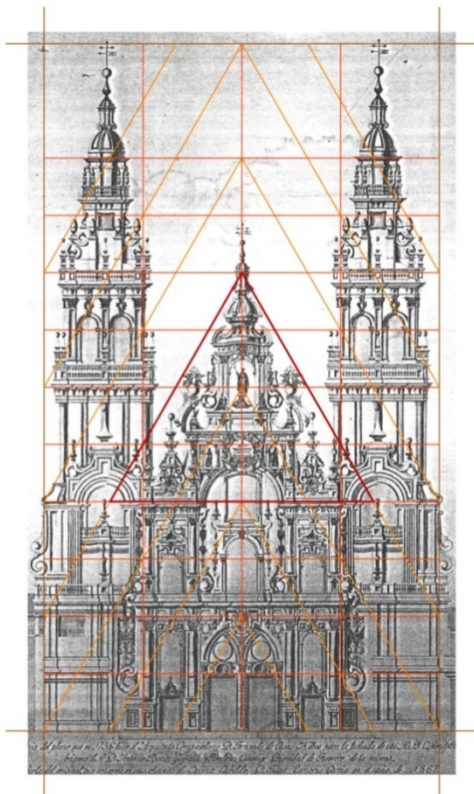
Dentro do rectângulo onde se inscreve toda a fachada, uma *vesica piscis* define as alturas de falsas cornijas e de algumas aberturas de vãos. Dentro da intersecção dos triângulos centrais da *vesica piscis* encontra-se o retábulo de Santiago Peregrino.



0 30m

Figura 32 estudos da composição da fachada do Obradoiro:

Os triângulos internos da *vesica piscis* dão origem a um esquema de *ad triangulum* que define vários pontos fundamentais da composição da fachada do Obradoiro da Catedral.



No século XIII, foi adossado um claustro ao muro meridional da Catedral. Implantava-se, sensivelmente, à cota baixa da Praça das Praterías. Sobre este construiu-se, no século XVI, outro de Juan de Álava, com 40m de lado.¹⁹¹

No século XVII, foi construída a Torre de la Vela, desenhada por Jácome Fernández, o mesmo arquitecto que, em 1614, concluiu a fachada poente do Claustro.

Alinhado pelo volume da escadaria da Catedral, o piso térreo do claustro é muito encerrado, em contraste com um aumento das aberturas da sua fachada, acima. Tem três portas de acesso ao actual Museu Catedralício. As janelas dispõem-se no sentido horizontal. No piso seguinte, o lado maior dos vãos é disposto na vertical, equilibrando de algum modo a sua subordinação à sombra provocada pela varanda que lhes fica imediatamente acima.

No piso nobre, essa varanda estende-se desde a Torre de las Campanas até ao remate sudoeste da fachada. Aqui os vãos são maiores e apresentam diferenças formais.

No piso superior, uma galeria arquivada acompanha a fachada e contorna o remate da fachada, a sudoeste.

O vão dos arcos da galeria superior define os alinhamentos verticais que estabelecem a regra da disposição das aberturas.

Um volume, a Norte, avança o embasamento da Torre de las Campanas, para Poente, e articula as fachadas ocidentais da Catedral e do Claustro, fazendo-as pertencer ao mesmo conjunto.

Diego Xelmírez mandou erguer o seu palácio junto ao muro setentrional da Catedral, com acesso directo entre ambos.

D. Juan de Árias ampliou o Palácio, que passou a alinhar com a fachada ocidental do claustro da Catedral. Esta ampliação estendeu o Paço para Norte, passando a ladear a Rua de San Francisco, o que condicionou o acesso da rua da Acebechería até à Porta de la Trinidad. Sob o salão principal, uma abóbada de ogivas abriu uma passagem que fez ressaltar o carácter urbano do Palácio pelo seu respeito quanto traçado pré-existente – o Arco do Palácio.¹⁹²

A porção de fachada que o Paço de Xelmírez abre para o Obradoiro obedece a princípios idênticos aos da do claustro. Um volume articula, tal como no caso do claustro, o Palácio com a Catedral.



Figura 33 vista da Torre de la Vela e do claustro da Catedral desde a Rua do Franco.



Figura 34 galeria superior da fachada poente do claustro da Catedral: vista sobre o Hostal dos Reis Católicos.

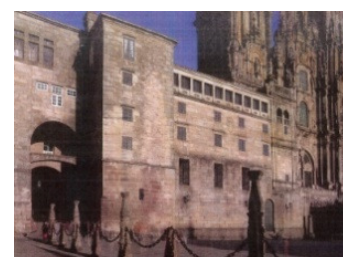


Figura 35 Paço de Xelmírez: vista desde o Hostal dos Reis Católicos.

¹⁹¹ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 84.

¹⁹² *Ibid.*, p. 87.

A fachada de pedra, simples e hermética, é rematada por uma galeria barroca muito aberta. Com os vãos todos à face, a fachada é muito plana.¹⁹³

O piso térreo é completamente encerrado, à exceção da porta de acesso ao Museu do Palácio. Os quatro pisos superiores alinham, dois a dois, com os dois pisos do embasamento da Torre da Carraca.

O piso nobre corresponde ao salão de D. Juan de Árias. A geometria das suas janelas é igual à abertura rectangular, sob o arco de ponto médio da porta.

Os terceiro e quarto pisos são iguais entre si e têm os vãos menores.

A Norte, a torre do Paço de Xelmírez avança sobre a Praça. A sua implantação e a do Hostal dos Reis Católicos desenharam o vestíbulo nordeste da Praça, onde chegam a Rua de San Francisco e a Praça da Inmaculada.

O antigo Hospital de la Acebechería serviu de protótipo institucional para os edifícios norte e sul da Praça do Obradoiro. Em 1486, foi substituído por outro, patrocinado pelos Reis Católicos – o Hospital Real – que passou a constituir a fachada setentrional da Praça do Obradoiro.¹⁹⁴

Projectada por Enrique Egas, a obra começou em 1501 e terminou dez anos depois. O edifício tem quatro pisos. No centro da fachada de 70,4m de comprimento, o portal central é de Martín Blas e Guillén Colás.¹⁹⁵

No piso térreo, para além da entrada principal, existem duas de serviço, uma a Nascente e outra, a Poente, um piso abaixo, aberta para a Costa do Cristo.

A varanda, que acompanha o piso nobre e para a qual se abrem quatro vãos com molduras esculpidas, foi um acrescento de Tomás Alonso, em 1618.¹⁹⁶

Uma cadeia suportada por pilares de ferro limita a fronteira do edifício com a Praça do Obradoiro.

Em 1652, o Colégio de San Xerome foi transferido do antigo Hospital de la Acebechería para a Praça do Obradoiro, onde se tornou o embrião da Universidade Compostelana.¹⁹⁷

¹⁹³ RINCÓN, *Op.cit.*, p. 186.

¹⁹⁴ PERRÍN, *Op.cit.*, pp. 119 e 120.

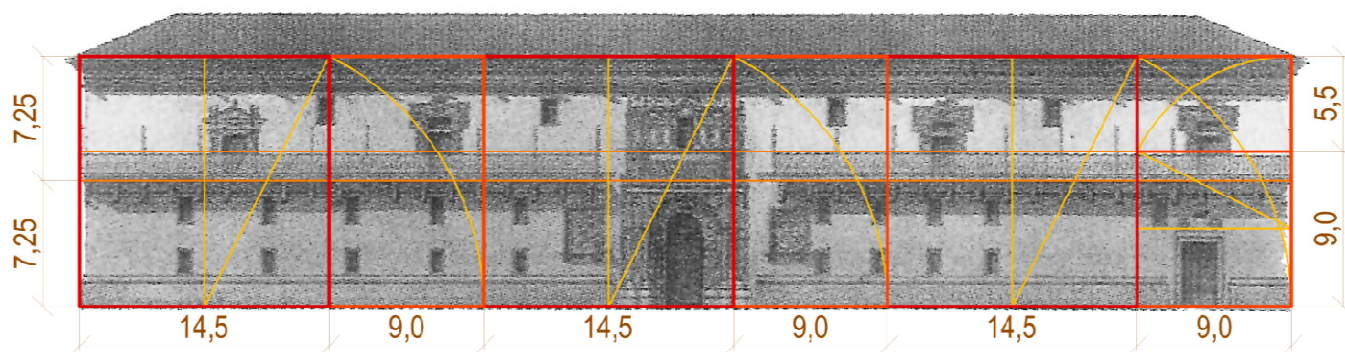
¹⁹⁵ RINCÓN, *Op.cit.*, p. 191.

¹⁹⁶ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 79.

¹⁹⁷ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 119.



Figura 36 fachada setentrional da Praça do Obradoiro: Hostal dos Reis Católicos. Na figura: da esquerda para a direita, perfil da fachada nascente do Paço de Raxoi, fachada meridional do Hostal dos Reis Católicos e Paço de Xelmírez.



O edifício projectado por Fernández Lechuga tem dois pisos muito sóbrios que contrastam com o portal central que, de acordo com Caamaño Martínez, é a reutilização do portal quatrocentista do antigo Hospital.¹⁹⁸

O Paço de Raxoi nasceu da necessidade de haver um edifício para a administração municipal, um presídio e o Seminário dos Confessores. Vários arquitectos contribuíram para a concepção e construção deste edifício multifuncional, idealizado pelo arcebispo Raxoi para encerrar a Praça a Poente.¹⁹⁹

As obras realizaram-se entre 1766 e 1777, ano em que o arcebispo e o Ayuntamiento definiram as condições de utilização conjunta do edifício. As funções administrativas têm aqui lugar desde 1787.²⁰⁰

Figura 37 estudos da composição da fachada meridional do Hostal dos Reis Católicos.

A fachada é composta por três rectângulos de ouro dispostos na horizontal, onde a largura determina a altura da fachada, desde o piso térreo até à parte superior da cornija, e a soma do comprimento dos três rectângulos de ouro define a largura da fachada do edifício. A redução da altura da fachada para um rectângulo de ouro menor produz um conjunto em que o quadrado base tem a medida da distância entre o piso térreo e a altura da guarda da varanda do terceiro piso.

A altura da fachada divide-se em oito partes iguais que determinam a altura do embasamento, da guarda da varanda e da cornija.

0 15m

¹⁹⁸ RINCÓN, *Op.cit.*, p. 191.

¹⁹⁹ *Ibid.*, p. 188.

²⁰⁰ *Ibid.*, p. 190.

Figura 38 fachada meridional da Praça do Obradoiro: Colégio de San Xerome.

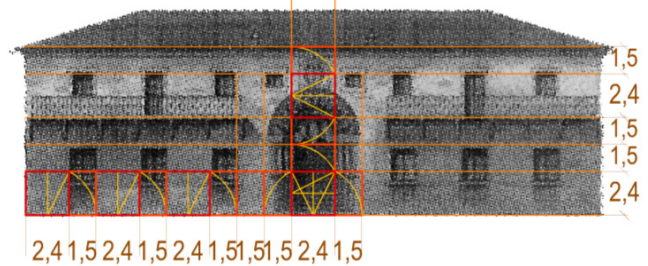
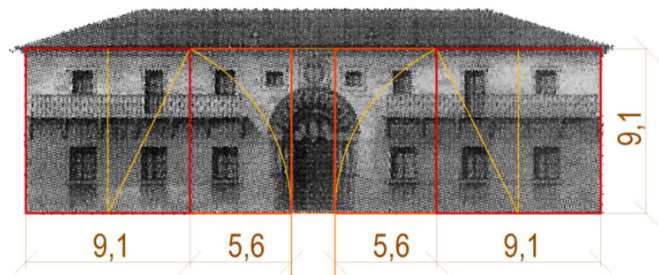
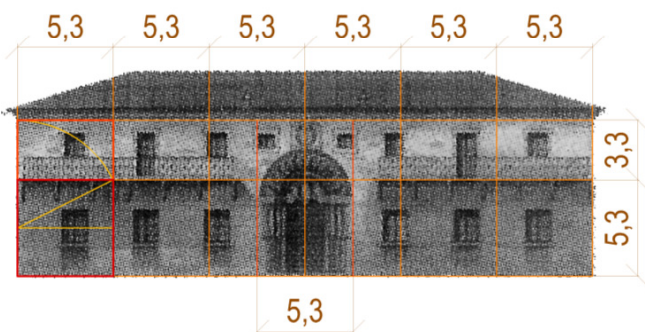


Figura 39 estudo da composição da fachada do Colégio de San Xerome.

A porta do Colégio de San Xerome fica entre dois rectângulos de ouro dispostos na horizontal. A altura dos rectângulos de ouro é igual à da fachada do edifício e a soma do comprimento dos dois rectângulos mais a largura da porta é igual ao comprimento total da fachada.

O comprimento da fachada divide-se em seis partes iguais, cuja medida é igual à medida do pórtico do Colégio. Essa medida dá origem a um rectângulo de ouro que, disposto na vertical, determina a altura a que está o piso da varanda do segundo piso.

A porta do Colégio é um rectângulo de ouro. Dois rectângulos dispostos na vertical determinam o alinhamento superior dos vãos do segundo piso. Um quadrado de largura igual à da porta do Colégio dá origem a um rectângulo de ouro que, disposto na horizontal, determina as larguras dos panos de fachada e dos vãos do edifício. Desde o cunhal nordeste, os panos de fachada têm uma largura igual à largura da porta e são intercalados com vãos cuja largura é igual à diferença entre o comprimento e a largura do rectângulo de ouro originado pelo quadrado com lado igual à largura da porta.

A fachada neoclássica de Lemaur completou as proporções, massas e volumes do barroco depurado de Ferro Caaveiro. Os seus 85m de comprimento organizam dois corpos com “ritmo severo e majestosa horizontalidade”²⁰¹ e outros três volumes que avançam sobre a Praça.

O corpo central, mais sumptuoso, assenta num pórtico com cinco arcos adintelados suportados por colunas jónicas de pé-direito duplo.

Os vãos da fachada são todos adintelados, à excepção dos do piso nobre dos volumes intermédios.

A balaustrada de remate do edifício estende-se a toda a largura, sendo apenas interrompida pelos frontões dos volumes que se destacam nos extremos e ao centro, respectivamente, semicirculares com a representação das armas do arcebispo Raxoi, e triangular com alegorias da Batalha de Clavijo.

Antes da construção do Raxoi, a Praça do Obradoiro abria-se para a paisagem sem interrupções. Em planta, sente-se a presença de uma figura triangular, de base na fachada poente do Palácio de Raxoi e vértice no centro da fachada do Obradoiro, que seria a perspectiva possível desde o nártex da Catedral.²⁰²

A forma da Praça é um rectângulo de ouro cujos lados são determinados por pontos e alinhamentos dos seus edifícios.

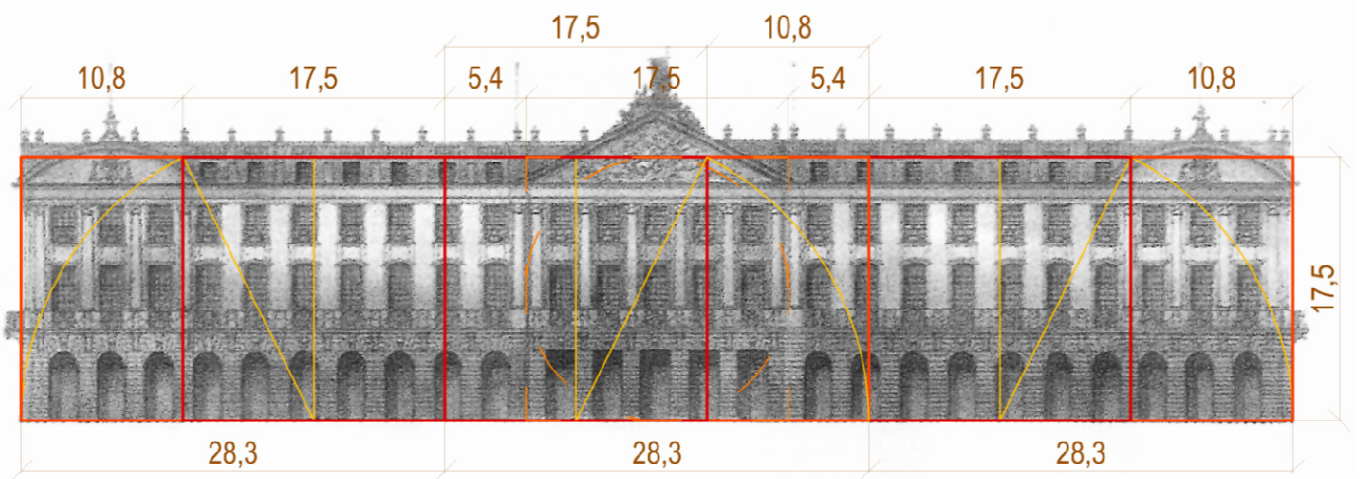


²⁰¹ Ibid., p. 190.

²⁰² MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 258.



Figura 40 fachada poente da Praça do Obradoiro: vista do Paço de Raxoi desde a galeria superior do claustro da Catedral.



A intencionalidade da geometria da implantação é plausível se considerarmos que o Paço de Raxoi obedeceu aos cânones racionais da sua época. Assim, a regularização do desenho da Praça com recurso à forma do rectângulo de ouro pode ser uma hipótese pertinente. Estando os restantes limites da Praça estabilizados, a implantação do Palácio de Raxoi poderá ter sido escolhida de acordo com a forma pretendida.

Figura 41 estudo da composição da fachada do Paço de Raxoi:

Três rectângulos de ouro dispostos na horizontal determinam a largura e a altura da fachada nascente do Paço de Raxoi. Um quadrado com lado igual à altura do Paço define o corpo central do Paço que avança sobre a Praça do Obradoiro e é a entrada principal do edifício. O rectângulo que é a diferença entre o rectângulo de ouro maior e o quadrado com medida de lado igual à altura do edifício, disposto na vertical, define os corpos laterais do Paço de Raxoi que avançam sobre a Praça.



0 15m

0 50m

Figura 42 a Praça do Obradoiro é um rectângulo de ouro definido pelos traçados que passam no muro ocidental da escadaria da Catedral, a Nascente, nos postes do Hostel do Reis Católicos, a Norte, no cumhal nordeste do Colégio de San Xerome, a Sul, e nas faces internas dos pilares da galeria do Paço de Raxoi, a Poente. Triângulo equilátero definido pela abertura da fachada do Obradoiro sobre a paisagem, antes da construção do Paço de Raxoi e pelo alinhamento da fachada recuada do piso térreo do Paço.

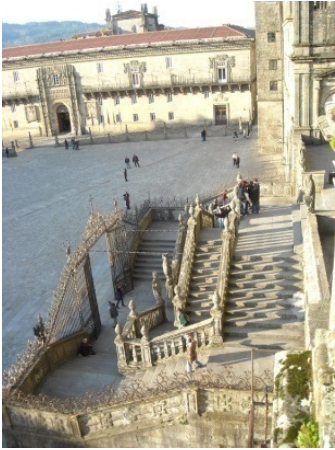


Figura 43 escadaria da Catedral.

A posição hierárquica de cada edifício na Praça é revelada pelos seus acessos e pelo desenho do chão.

Em planta, a apropriação da Praça pela escadaria da Catedral corresponde à imponência do edifício religioso, a forma arquitectónica mais importante da Praça do Obradoiro. Este acesso remete para segundo plano as entradas dos museus do claustro e do Paço de Xelmírez, sem nenhum elemento arquitectónico de destaque.

A Poente, a galeria do Paço de Raxoi, sob uma abóbada de berço, resolve o contacto do edifício com a Praça, criando um espaço que os distancia visualmente.

A Norte, o afastamento entre o Hostal dos Reis Católicos e a Praça serve como uma pré-entrada do edifício. Postes de ferro unidos por uma corrente limitam este adro que tem um acesso condicionado sem barreiras visuais.

A Sul, no Colégio de San Xerome, o portal bem desenhado é o único tratamento da passagem para o interior do edifício.



Figura 44 galeria do piso térreo do Paço de Raxoi.

Lajes graníticas cobrem a Praça do Obradoiro. O desenho do chão sintetiza os acessos aos edifícios, estabelece os limites intuídos da Praça e revela a hierarquia dos percursos, através do aparelho utilizado. Os limites e os percursos que atravessam a Praça estão construídos em pedra bem aparelhada, em contraste com o restante pavimento, do mesmo material, mas de aparelho irregular.

Os limites da Praça são desenhados por tapetes de pedra com largura ajustada ao destaque dos edifícios limítrofes. Junto à fachada nascente, o desenho do chão inclui as entradas dos museus do Palácio de Xelmírez, do claustro e da escadaria da Catedral, este é o percurso mais largo. Segue-se-lhe, em dimensão, o limite adjacente ao Paço de Raxoi.

O desenho do chão sugere o reconhecimento da Praça por meio de quatro percursos que a atravessam pelo centro.

O mais comprido une a entrada do Hostal dos Reis Católicos e o acesso da Avenida de Raxoi. É quebrado e os seus segmentos fazem, entre si, uma inflexão aberta para a Catedral. Perpendicular ao fragmento sul, outro eixo atravessa a Praça, unindo a entrada do Paço de Raxoi à escadaria da Catedral.

Dos acessos orientais, dois caminhos atravessam a Praça na diagonal; estes são os percursos mais estreitos.



Figura 45 portal do Hostal dos Reis Católicos.

“Não tem lojas, nem cafés, nem habitação nos seus limites. Não a perturbam monumentos, nem jardins, nem bancos, nem fontes.”²⁰³ A ampla superfície da Praça do Obradoiro é o átrio monumental da Catedral. O impressionante cenário criado pelas suas paredes e pavimento oferece clareza formal e verdade material. O seu chão e as suas quatro fachadas de granito constituem duros silêncios que, não sendo corrompidos por árvores ou mobiliário urbano, impressionam e quebram com o formalismo estridente da fachada do Obradoiro.²⁰⁴

“O absoluto protagonismo e enorme influência que a Igreja do Apóstolo exerceu sobre o desenvolvimento do núcleo urbano encontraram plena expressão na extraordinária Praça do Obradoiro.”²⁰⁵ Do espaço libertado em planta sobressai o carácter sagrado do santuário, pela dimensão do espaço que o serve.²⁰⁶

Os acessos à Praça, proporcionalmente estreitos, produzem-lhe um efeito de espaço interior. O seu processo de edificação converteu-a na “maior e mais aberta caixa de pedra”²⁰⁷, “num exemplo paradigmático de sala sem tecto”²⁰⁸.



Figura 50 vista da Praça do Obradoiro desde a Avenida de Raxoi.



Figura 51 vista da Praça do Obradoiro desde a galeria superior do claustro da Catedral.

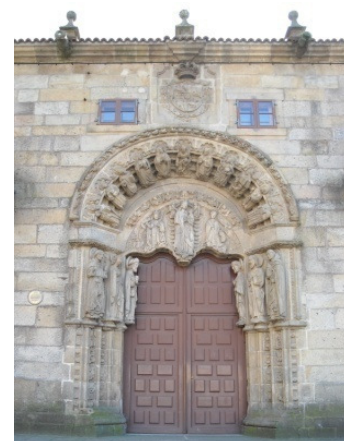


Figura 46 portal do Colégio de San Xerome.



Figura 47 fachada do claustro da Catedral.



Figura 48 Paço de Xelmírez, porta do Museu no canto inferior direito.

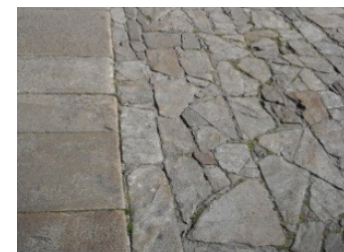


Figura 49 piso da Praça: aparelho dos percursos que atravessam a Praça, à esquerda, e aparelho geral do chão da Praça, à direita.

²⁰³ A.A.V.V. “Santiago de Compostela y su Entorno”, <http://usuarios.lycos.es/camino/santiago.htm>.

²⁰⁴ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 78.

²⁰⁵ *Ibid.*, p. 77.

²⁰⁶ *Ibid.*, p. 77.

²⁰⁷ Miguel Unamuno. in: GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 77.

²⁰⁸ FONSECA, “Conversas de Orientação”. 1 de Abril de 2009.

3.4 Contexto Urbano da Praça



Figura 52 planta do núcleo histórico com a indicação das muralhas e dos arruamentos principais.

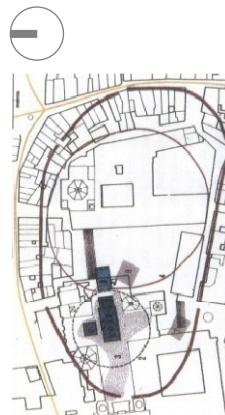


Figura 53 López Alsina, Locus Sancti Iacobi – planta da cidade entre 830 e 880.

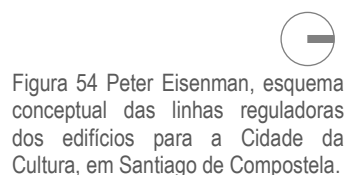


Figura 54 Peter Eisenman, esquema conceptual das linhas reguladoras dos edifícios para a Cidade da Cultura, em Santiago de Compostela.

Coincidência ou curiosidade, como observa Peter Eisenman, o casco histórico da cidade assemelha-se à concha de uma vieira. Nesse desenho, eventualmente, fruto da topografia, as ruas são como as estrias da concha e descem todas no mesmo sentido, no sentido da Catedral e da Praça do Obradoiro. A pertinência desta observação remete para o significado da compostela, símbolo da peregrinação a Santiago e, por extensão, da Catedral.

As cidades medievais tinham pouco espaço público, dado o condicionamento das muralhas. Santiago de Compostela não foi excepção. No recinto do século IX, já não caberia sequer a Catedral românica.²⁰⁹

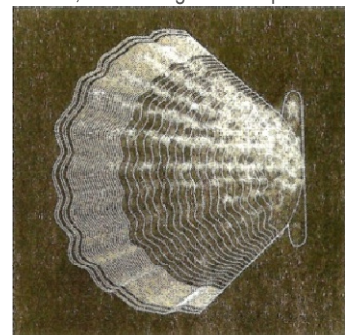
Os acessos à Praça do Obradoiro são essencialmente pedonais.

A nordeste, sob o Paço de Xelmírez, uma escadaria desce desde a Praça da Inmaculada e a Rua de San Francisco termina junto ao cunhal sudeste do Hostal. Estes percursos encontram-se num espaço trapezoidal que dá acesso à Praça.

A noroeste, desde a Rua da Trindade, sobem uma escada e uma rampa até à Costa do Cristo, que continua até à Praça do Obradoiro.

Vindo da Avenida de Raxoi, a sudoeste, acede-se à Praça por meio de uma escadaria.

Da Rua do Franco, um espaço trapezoidal, entre o Colégio de San Xerome e o claustro da Catedral, serve de vestibulo da Praça, a sudeste.



²⁰⁹ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 253.



Figura 55 acesso nordeste da Praça, vista desde o Arco do Palácio.



Figura 56 acesso noroeste da Praça, desde a Costa do Cristo.



Figura 57 acesso sudoeste da Praça, desde a Avenida de Raxoi.

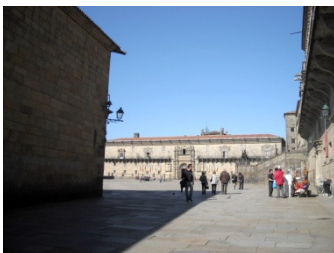
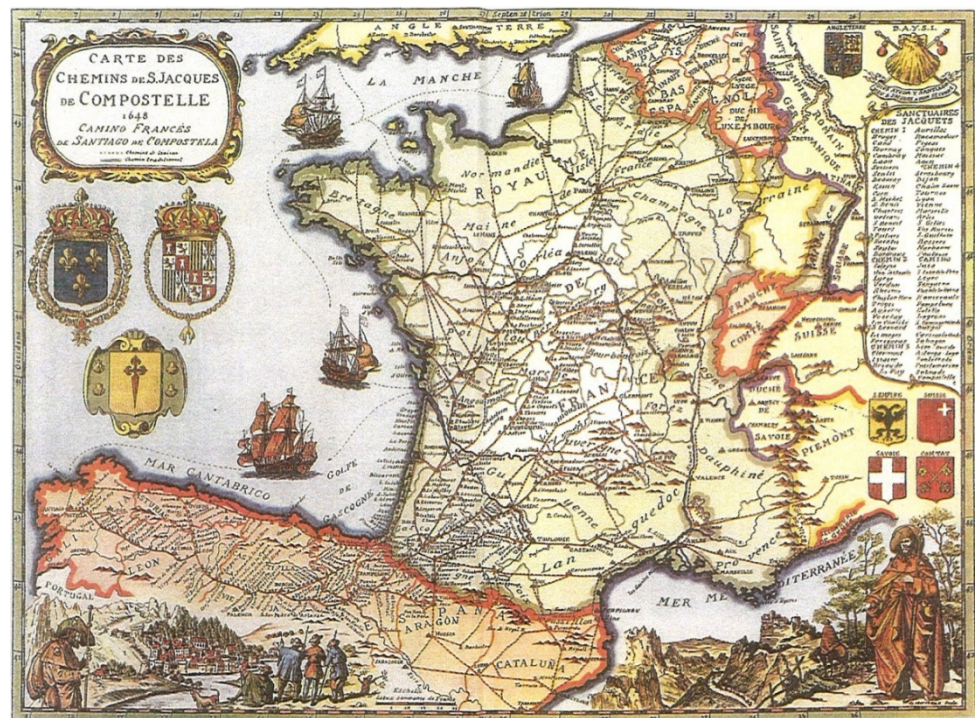


Figura 58 acesso sudeste da Praça, desde a Rua do Franco.

Apesar de se ter fundado com apoio régio, o primeiro plano foi consequência das especificidades religiosas da cidade. A rede de espaços públicos é causa e efeito da vida da Catedral, potenciando-se por ela e subordinando-se-lhe.²¹⁰

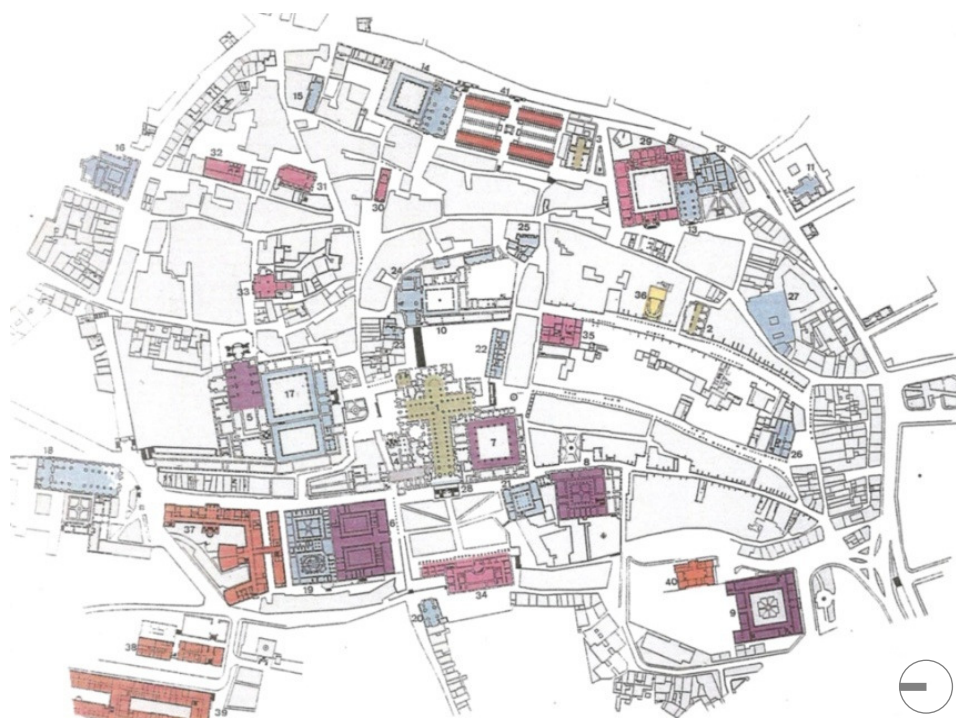
O hectare tipo do casco histórico de Santiago de Compostela tem ruas estreitas ladeadas por edifícios privados, de comércio e serviços, no piso térreo, e de habitação, nos dois ou três pisos acima. À construção privada opõe-se um complexo de praças públicas. O tecido irregular é fruto da tensão entre autonomia dos edifícios, o espaço público e a influência da Catedral.²¹¹

Como Cidade Santa, Santiago de Compostela estabelece relações territoriais à escala mundial. A Praça do Obradoiro, átrio da Catedral, é um ponto de referência no mundo religioso.



²¹⁰ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 75.

²¹¹ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.



ROMÁNICO X-XII
1 Catedral 2 Igrexa de Sta. M. ^a Salomé 3 Igrexa de San Fiz
GÓTICO XIII
4 Pazo de Xelmírez
RENACEMENTO XVI
5 Igrexa de S. Martín Pinario 6 Hospital Real 7 Claustro da Catedral 8 Colexio de Fonseca 9 Colexio de S. Clemente 10 Mosteiro de San Paio
BARROCO XVII-XVIII
11 Igrexa das Mercedarias 12 Colexio de Exercentes (hoxe Facultade de Filoloxía) 13 Igrexa da Universidade 14 Igrexa e Colexio de S. Agustín 15 Igrexa de Sta. M. ^a do Camiño 16 Hospital de S. Roque 17 Mosteiro de S. Martín Pinario 18 Igrexa de S. Francisco 19 Claustros do Hospital Real 20 Igrexa de S. Fructuoso 21 Colexio de S. Xerome 22 Casa da Canónica 23 Casa da Parra 24 Igrexa e Mosteiro de S. Paio 25 Casa da Concha 26 Pazo de Bendaña 27 Colexio das Orfas 28 Fachada do Obradoiro
NEOCLÁSICO XVIII
29 Universidade (hoxe Facultade de Xeografía e I) 30 Igrexa de S. Bieito 31 Igrexa das Ánimas 32 Pazo de Amaranite (hoxe Pazo de Xustiza) 33 Igrexa de S. Miguel 34 Pazo de Raxoi 35 Casa da Balconada
SIGLO XIX
36 Teatro Principal
SIGLO XX
37 Facultade de Medicina 38 Escola de Odontoloxía 39 Hospital Xeral 40 Cuartel da Policía 41 Praza de Abastos

As intervencións barrocas estabilizaram o conxunto monumental. As transformacións arquitectónicas da Catedral resultaram urbanas na súa envolvente, onde edificios e prazas tiveram orixe nas actividades religiosas e na relación formal con a Basílica. Os seus dez pórticos controlan o espazo público e tornan-na permeável a ele, definindo unha área de influencia directa de cerca de cinco hectares, segundo un percurso circundante e outros radiais que partem do cruzeiro.²¹²

“A Catedral é circunscrita por cinco prazas: o Obradoiro, Platerías, Quintana, Inmaculada e Azabachería; todas elas magicamente estruturadas para harmonizar e enaltecer o conxunto”²¹³. Estas prazas son “em si só monumentos únicos, cujo principal mérito [está] na perfecta integración dos seus respectivos espazos, verdadeiros cenários de pedra con fachadas-ecrã e eixos de sorprendentes perspectivas.”²¹⁴

A Praza das Praterías debe o seu nome à principal actividade, ali desenvolvida na Idade Média. A Praza distribuíuse por dous pisos unidos por unha escalinata, desenhada por Simón Rodríguez. A cada piso corresponde unha categoría de espazo.

²¹² Ibid., p. 87.

²¹³ A.A.V.V. “Compostela Virtual”, <http://www.compostelavirtual.com/nuestraciudad/informacion/>.

²¹⁴ GARCÍA FERNÁNDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 77.

Figura 61 Praça das Praterías, vista desde a Praça da Quintana.



Figura 62 à direita, Praça das Praterías, vista desde a Casa do Cabildo.

O superior é inequivocamente sagrado, animado pela simbologia da fachada da Catedral e articulado com outro espaço de carácter idêntico, a nordeste – a Quintana de Mortos.

O inferior é marcadamente civil. Funciona como átrio urbano e recebe as ruas de Fonseca, del Villar, de Xelmírez e da Conga. O seu carácter comercial é destacado pelo Banco de España e pelas joalharias das casas de las Praterías e do Cabildo.

Ao centro, a Fonte dos Cabalos, de 1829, é do escultor Juan Sanmartín.

A Casa de las Praterías está adossada ao Claustro da Catedral. Foi desenhada por Rodrigo Gil de Hontañón, no século XVI. Os três pisos da fachada são rematados pela Torre del Tesoro, cujo escalonado repete o da Torre de la Vela. O pé-direito das joalharias do piso térreo alinha pela plataforma superior da Praça. O terceiro piso remata o edifício com uma galeria, por cujos vãos alinham as janelas de sacada do piso nobre, a meio da fachada.

A Casa do Cabildo tem três pisos e foi esculpida por Clemente Fernández Sarela, em 1758. Tem apenas quatro metros de profundidade e funciona como tela de fundo desta Praça barroca.²¹⁵

O Banco de España, entre as ruas da Conga e de Xelmírez, tem três pisos e alinha com a escalinata da Praça. A sua galeria térrea funciona como um acrescento visual da Rua del Villar.



Figura 63 galeria térrea do Banco de España, vista sobre a Rua de Vilar.

²¹⁵ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.

No patim superior, a fachada românica da Catedral assume todo o protagonismo. De finais do século XI, é atribuída a Mestre Esteban. No século XVIII, foram-lhe acrescentadas figuras românicas da Porta do Paraíso²¹⁶. É a entrada meridional da Catedral e inclui duas portas que se abrem para o transepto. Perpendicular ao Claustro, a Poente, a fachada é rematada pela Torre del Reloj, a Nascente.

Entre a Praça das Praterías e a Quintana de Mortos, dois edifícios servem de charneira, por partilharem as suas fachadas com as duas praças: a Torre del Reloj e a Casa da Conga. Aqui, contrapõem-se dois tipos de espaço: um aberto e vertical, dominado pela Torre del Reloj, e outro condicionado pela cobertura da galeria da Casa da Conga, horizontal e encerrado.

Sobre a Torre del Rey de Francia, do século XVI, Domingo de Andrade construiu a Torre del Reloj, em 1680.²¹⁷

A Casa da Conga foi concebida pelo mesmo arquitecto e terminada por Casas y Novoa, no século XVIII. Tem quatro pisos: o inferior comunica com a Rua da Conga e com o nível baixo da Praça das Praterías; o segundo piso abre-se para a Quintana de Mortos, sob a galeria de pé-direito duplo que o faz recuar; o último piso é o que tem maior área útil privada.



Figura 64 ligação entre a Praça das Praterías e a Quintana dos Mortos, à esquerda a Casa da Conga e à direita a Torre del Reloj.



Figura 65 Casa da Conga.

Figura 66 Praça da Quintana, vista desde a Casa da Conga.

A Praça da Quintana, tal como a das Praterías, divide-se em duas plataformas articuladas por uma escalinata. O carácter de cada patamar remete para valores funcionais e simbólicos.

Na divisão entre Quintana de Mortos e de Vivos encenam-se, respectivamente, a vida pós-terrena, sobre um antigo cemitério, “um lago de silêncios e recordações”²¹⁸, e a vida urbana, terrena.

A fachada oriental desta Praça é o Mosteiro de San Paio de Antealtares. Este foi a peça do conjunto monumental de Compostela que sofreu mais

²¹⁶ Porta do Paraíso era o nome dado à fachada norte da Catedral, voltada para a Praça da Inmaculada.

²¹⁷ PERRÍN, *Op.cit.*, p. 112.

²¹⁸ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.

alterações, ao longo do seu milénio de vida, pelas sucessivas ampliações da Catedral. Em 1600, estabilizou o desenho da Praça da Quintana.²¹⁹ A fachada, de Mateo López e de Fernández Lechuga, é extremamente regular: os vãos são todos janelas, com a mesma dimensão e dispostos pelos três pisos superiores. Na Quintana de Mortos, o piso térreo é completamente encerrado, sendo corrido, em toda a sua extensão, por um banco de pedra, entre a escadaria e a Rua da Conga. No piso que assenta na Quintana de Vivos, os vãos só aparecem sobre a área da Quintana de Mortos e têm um espaçamento igual entre si. Nos dois pisos acima, entre os panos de fachada do piso abaixo, existe mais um vão, criando uma maior abertura na parte superior da fachada.



Figura 67 cabeceira da Catedral de Santiago.

À composição rígida e contida do Mosteiro, opõe-se o barroquismo da cabeceira da Catedral, a Poente.

Um muro, que inclui as portas Santa e da Corticela, regulariza, para o exterior, os espaços resultantes da complexa planta do conjunto. A Porta Santa emana o símbolo que dota o nível baixo da Praça de valor de espaço sagrado.²²⁰

A Praça da Quintana estende-se no sentido Sul-Norte.

A fachada setentrional, na Quintana de Vivos, é constituída por três edifícios contíguos. Esta e a parede meridional têm, actualmente, carácter civil.

A nordeste, a Casa da Parra é de Domingo de Andrade e foi construída em 1683.

Entre a Casa da Parra e o Mosteiro de San Paio de Antealtares acede-se à Via Sacra. Os seus cunhais sudeste e noroeste, respectivamente, são chanfrados e emolduram uma perspectiva que atravessa a Quintana, passa



Figura 68 perspectiva desde a Casa do Cabildo até ao canto nordeste da Quintana dos Vivos.

²¹⁹ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 80.

²²⁰ *Ibid.*, p. 82.

entre a Torre del Reloj e da Casa da Conga, apanha a Fonte dos Cabalos e tem como pano de fundo a Casa do Cabildo, na Praça de Praterías. Esta disposição de edifícios como molduras de uma determinada perspectiva é outra característica barroca, expressa nestas praças.²²¹

Contíguo à Casa da Parra, a Poente, existe um edifício de três pisos.

A noroeste, um edifício de piso térreo faz a articulação da Quintana de Vivos com o Tránsito da Quintana, um arruamento que contorna a Capela da Corticela e dá acesso à Praça da Inmaculada.

A irregularidade da Praça da Inmaculada é estruturada pela forma dos seus limites e pelo fluxo da Rua da Acebechería e do Caminho Francês. “Praça singular, cujas múltiplas divisões, átrios, escadas, rampas, suaves declives e a monumental arquitectura lhe imprimem um carácter próprio onde se articulam e convivem a solenidade das grandes frentes religiosas e os mil afazeres da vida quotidiana.”²²²

Os desenhos e limites de pavimento da Praça da Inmaculada definem claramente valores de espaço e propriedade. A Praça é um percurso, espartilhado pelos espaços que lhe estão subordinados, que desce desde a Rua da Acebechería até ao Arco do Palácio.



O edifício que chega com o Tránsito da Quintana recua o seu piso térreo sob uma galeria, aumentando a dimensão da entrada da Praça da Inmaculada, a sudeste. À sua frente, uma plataforma rectangular permite uma visão geral da Praça e chega até ela por um plano inclinado, definido pelos limites do átrio da Catedral, a ocidente, e pela galeria do edifício a Nascente. Sob esta plataforma, abrem-se lojas para o átrio norte da Catedral.

²²¹ MARTÍ ARÍS, *Op.cit.*, p. 257.

²²² GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 86.



Figura 69 perspectiva desde o canto nordeste da Quintana dos Vivos até à Casa do Cabildo.

Figura 70 Praça da Inmaculada.



Figura 71 vista da Capela da Corticela.



Figura 72 galeria do piso térreo do edifício sudeste da Praça da Inmaculada.



Figura 73 Arco do Palácio, vista desde a Praça da Inmaculada.



Figura 74 Arco do Palácio, vista desde a Praça do Obradoiro.



Figura 75 fachada nascente da Praça da Inmaculada, edifícios civis.

Os jardins e o acesso principal do Mosteiro de San Martiño Pinario marcam claramente um espaço semi-público. Construído entre 1590 e 1738, este Mosteiro é a parede setentrional da Praça da Inmaculada. Desde a Praça acede-se-lhe a uma cota comum.

A parede sul da Praça da Inmaculada é dominada pela verticalidade barroca da fachada norte da Catedral. É de meados do século XVIII e foi desenhada por Clemente Fernández Sarela. Desde o adro chega-se à Praça da Inmaculada, por três escadas contíguas e de nível quando a Praça alcança a cota do átrio.

O muro que envolve o pátio do Paço de Xelmírez é único elemento do conjunto monumental da Catedral de Santiago revestido a reboco branco, tudo o resto é granito. O Palácio une-se com o muro norte da Catedral, a sudoeste da Praça. Sob o Arco do Palácio, uma escada liga a Inmaculada com a Praça do Obradoiro. A escada é interrompida por um patim, onde se abre uma porta do Palácio.

A Nascente, a Rua da Acebechería entra na Praça da Inmaculada, acompanhada por um conjunto urbanístico de carácter civil. Todas as paredes orientais da Praça são civis: vários edifícios de habitação e comércio, a nordeste e sudeste; e lojas de artesanato, no nártex da Catedral.

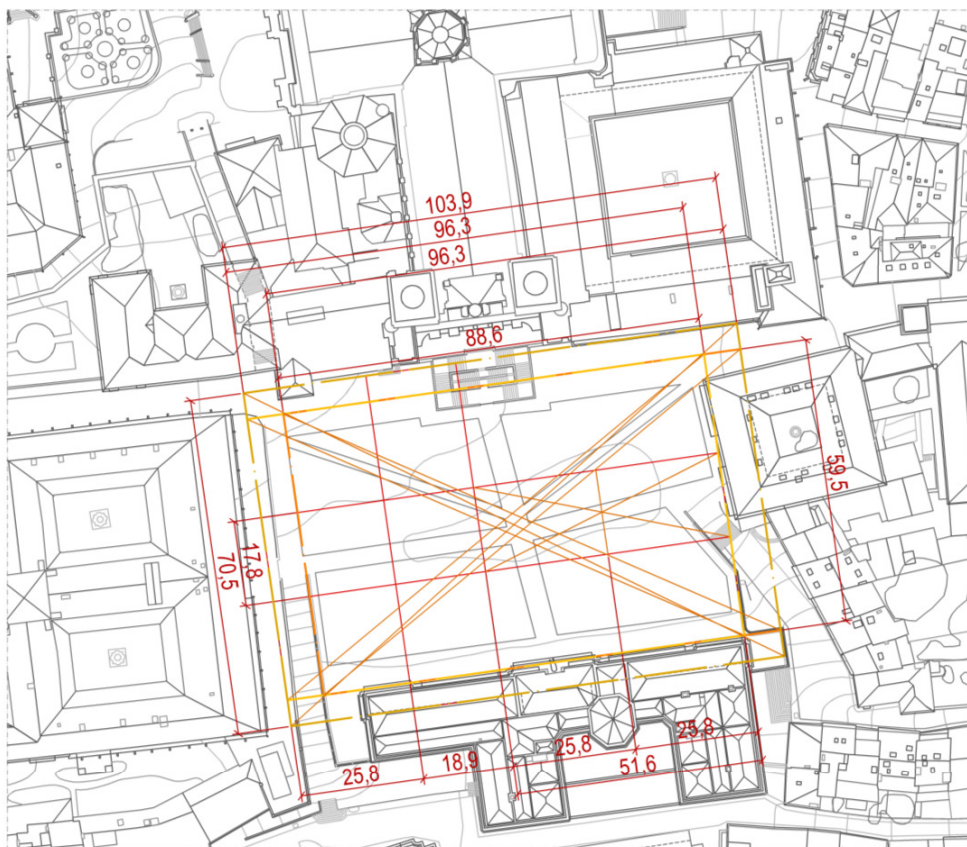
Uma leitura da planta da cidade permite verificar o impacto da Praça do Obradoiro no espaço público, pelo tamanho e pela forma regular. A sua escala, em planta, remete para o plano vertical. É a dimensão da Praça que, ao libertar espaço, permite o Obradoiro respirar. A articulação entre os seus edifícios remete para as relações entre carácter civil e religioso. A “obtenção de uma correcta relação entre escalas diversas depende [do] uso de cada uma das partes [, fomentando uma] clarificação recíproca, definida por dois extremos.”²²³ À verticalidade de escala divina da Catedral estão subordinados os volumes horizontais, de escala humana, dos restantes edifícios. Do “espaço horizontal, o centro é o ponto a partir do qual [a Praça] toma orientação”²²⁴. As “perspectivas [da Praça] estendem-se com ritmos horizontais para conquistar o surpreendente efeito que a potente organização vertical produz ao centro, plena de ímpeto ascensional da grande fachada do Templo”²²⁵.

²²³ SIZA, *Op.cit.*, p. 131.

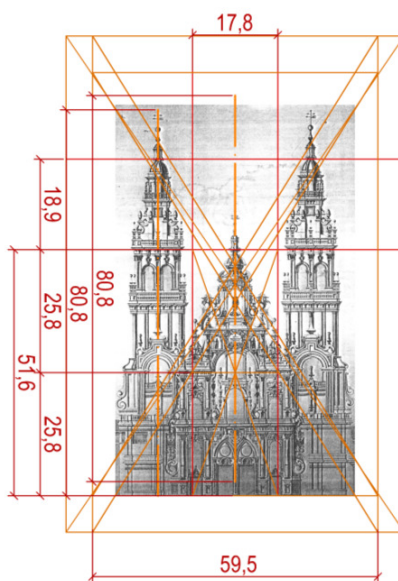
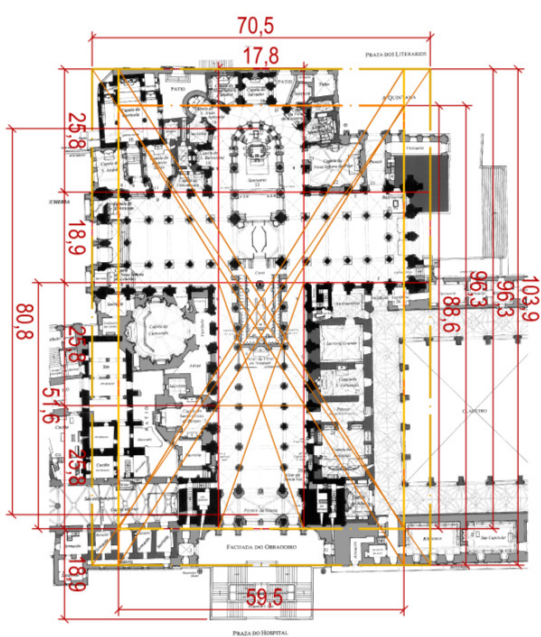
²²⁴ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 140.

²²⁵ Chamoso Lamas. in: RINCÓN, *Op.cit.*, p. 183.

Os 80,8m da Catedral, desde o adro até às cruces sobre as torres, aliados à topografia do terreno, expõem a Praça para além da cidade. A escala humana submete-se à escala divina.



Figuras 76, 77 e 78 relações de dimensões entre, respectivamente, a planta da Praça do Obradoiro, a planta e fachada do Obradoiro da Catedral de Santiago.



3.5 Património da Humanidade desde 1985

O Centro Histórico de Santiago de Compostela está classificado como Património da Humanidade desde 1985. “Este famoso destino de peregrinação, no noroeste de Espanha, tornou-se um símbolo da reconquista cristã da Espanha Islâmica. Destruído pelos Muçulmanos, no final do século X, foi totalmente reconstruído no século seguinte. Com os seus edifícios românicos, góticos e barrocos, o Centro Histórico de Santiago é uma das áreas urbanas mais belas do mundo. Os antigos monumentos agrupam-se à volta do túmulo de Santiago e da Catedral”²²⁶.

O granito, originário da Galiza, é a matéria que melhor responde às circunstâncias deste local. Na Praça do Obradoiro tudo está construído com essa pedra, razão pela qual resistiu, naturalmente, ao tempo. Quase todo o centro histórico de Compostela contribui para esse “cenário granítico”²²⁷ a que Unamuno chamou “o grande bosque de pedra”²²⁸.

O perfil urbano de Compostela construiu-se, simultaneamente, sobre as premissas complementares: religiosas e cívicas. A primeira cidade monástica passou a cidade Santa e acumulou funções de administração civil. A Praça do Obradoiro, despojada de elementos formais, vive das actividades desenvolvidas dentro dos edifícios que a circunscrevem. A sua dimensão favorece a arquitectura que a rodeia, deixa-a respirar e dá-lhe protagonismo.

Categorias e programas alteraram-se, mas a hierarquia das formas de arquitectura mantém-se, acarretando valores simbólicos que lhe são indissociáveis. “Ficou tudo diferente para que pudesse continuar igual.”²²⁹ A pertinência das formas de arquitectura e urbanismo está na revisão da sua utilidade, contribuindo, deste modo, para a longevidade dos edifícios. O “valor de uso [apoderou-se] dos aspectos conotativos simbólicos que [permaneceram] depois de perdida a função primária.”²³⁰ A Catedral estabeleceu a “regra que entende o todo e é capaz de incluir as partes”²³¹.

²²⁶ A.A.V.V. “World Heritage”. <http://whc.unesco.org/en/list/347>.

²²⁷ GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 74.

²²⁸ Miguel Unamuno, in: GARCIA FERNANDEZ e IGLESIAS ROUCO, *Op.cit.*, p. 74.

²²⁹ Eduardo Souto de Moura. “Fragmentos”, in: ESPOSITO e LEONI, “Eduardo Souto de Moura”, p. 367.

²³⁰ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 41.

²³¹ Eduardo Souto de Moura. “Fragmentos”, in: ESPOSITO e LEONI, “Eduardo Souto de Moura”, p. 367.



Figuras 79 e 80 Praça do Obradoiro como espaço público.



Figuras 81 e 82 a Praça do Obradoiro como destino turístico.

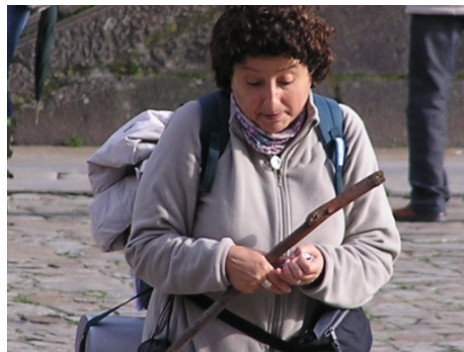
Figura 83 e 84 Praça do Obradoiro como centro de peregrinação.

Na Praça do Obradoiro, o carácter de Espaço Público veio-se revelando, paulatinamente. A classificação última deste espaço depende do observador, mas se é possível ignorar a categoria civil do espaço, o mesmo não acontece com o seu valor sagrado. Há sempre alguém que, nem que seja com o olhar, aponta o valor Sagrado.

“A Catedral é a semente de Santiago, ponto de referência da fecunda arquitectura desta cidade monumental.”²³² O seu magnetismo é incontornável. Todo o casco histórico se adaptou e remodelou em função da vida desse edifício. Tudo respeita as suas formas e dá-lhe todo o protagonismo. Nada se furta ao valor de espaço sagrado que a Catedral emana. A Praça do Obradoiro é o expoente máximo dessa dádiva. Dá-se por completo ao conjunto da Catedral. Nasceu para ele, cresceu com ele e serve-o a ele. Neste lugar circunstancial, nenhum espaço público pode ganhar destaque, de tal forma é abafado pelo monumental sentimento sagrado neste conjunto urbano.

A Praça do Obradoiro é o negativo da Catedral. Tem largura igual à dos braços do transepto e comprimento igual à distância entre os pés e a cabeceira da Basílica. “Assim a igreja adquiriu forma como uma escultura em negativo, na qual se foram estabelecendo relações de continuidade e de tensão entre”²³³ os edifícios da Praça.

A Praça do Obradoiro foi a construção de um pedaço de uma cidade santa, sobre um lugar considerado sagrado. Apesar de assumir algumas funções de ágora, é uma acrópole, por excelência.



²³² A.A.V.V. “Catholic.net”. <http://es.catholic.net/turismoreligioso/515/1914/articulo.php?id=18229>.

²³³ SIZA, *Op.cit.*, p. 56.

4. A MESQUITA-CATEDRAL DE CÓRDOVA

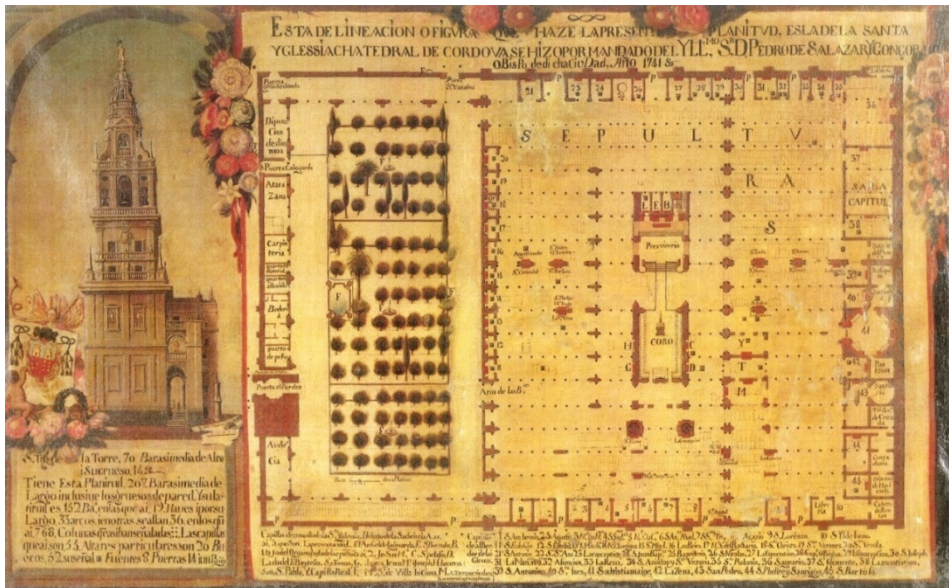


Figura 85 Salazar y Gongora, Planta da Catedral, de 1741, com a descrição das áreas e da flora do Pátio de los Naranjos.

4.1 Património da Humanidade desde 1984

A Mesquita-Catedral de Córdoba está classificada como Património da Humanidade desde 1984, e a antiga Medina Islâmica juntou-se-lhe, em 1994.

A célula base da cidade islâmica é a casa-pátio. A antiga Medina de Córdoba é constituída por vários desses protótipos. O quarteirão da Mesquita, com os seus dois extraordinários hectares, é exclusivamente a próprio edifício. Inserida no complexo e compacto tecido urbano, a Mesquita, como casa-pátio de dimensão e forma excepcionais, é a “vacina”²³⁴ que sustenta e justifica esse aglomerado aparentemente caótico, “o injectar do próprio elemento de destruição para reforçar os anticorpos, para afirmar aquilo que se pretende.”²³⁵ Edifício e cidade são causa e efeito entre si; sem um, o outro enfraquece.

A Mesquita foi foco da urbanidade cordovesa da Idade Média e a sua presença física, pela harmonia da sua arquitectura, tornou-a numa peça muito querida à cidade. Sofreu um processo de aculturação para a acomodação de vários princípios religiosos, mudou funções e algumas formas, mas manteve-se como obra indispensável a Córdoba. É prova construída do benefício de plurais relações culturais despreziosas. A “Mesquita-Catedral [é] um mostruário [do passado artístico da Andaluzia] desde a época romana até à actualidade.”²³⁶ É uma obra que abraça com grande maestria os ensinamentos de várias culturas, sintetizando-os. Exibe uma flexibilidade inteligente que não vergou ideais às demandas de dogmas, o que a tornou especial, significativa e com muito potencial a transmitir.

A Mesquita de Córdoba não está orientada para Meca.

“Os exemplos de sobreposição de edifícios [de] diversas épocas e diferentes sociedades são numerosos. Deles pode deduzir-se quase uma regra (...), oferece-nos uma estrutura [riquíssima]. Toda a cultura se desenvolve por integração e, nesta perspectiva, os monstros arquitectónicos que definem esta coexistência convertem-se, para nós, em maravilhas.”²³⁷ “A Mesquita-Catedral de Córdoba organiza-se em duas partes, claramente diferenciadas,

²³⁴ Eduardo Souto de Moura. entrevista conduzida por Paulo Pais. in: TRIGUEIROS, “Eduardo Souto de Moura”.

²³⁵ Ibid.

²³⁶ LÓPEZ PALOMO, “Mezquita-Catedral de Córdoba – cuaderno del profesor: 2.º ciclo de la E.S.O.”, p. 5.

²³⁷ NIETO CUMPLIDO, “La mezquita-catedral de Córdoba y el ICOMOS”, in: RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?pag=sanvicente3>.

correspondentes às épocas muçulmana e cristã, sobrepondo-as, como resultado de acrescentos e rectificações cristãs sobre o recinto islâmico”²³⁸.

É irrefutável o valor de Espaço Sagrado de um edifício com “uma linha evolutiva [de] quase dois milénios”²³⁹ de sobreposições religiosas provadas e outros tantos de práticas de culto lendárias. “A Mesquita é território da divindade. Assim o corroboram as suas entranhas, sobre as quais a história depositou os seus estratos. Jano, o deus romano, baixou do Olimpo e foi adorado neste espaço (...). Os visigodos, os seguintes a amar Córdoba, construíram no seu solo uma Basílica dedicada a São Vicente e, nela, os cristãos adoraram Deus, até que Tarik derrotou D. Rodrigo na batalha de Guadalete e os árabes tomaram parte da igreja para construir a Grande Mesquita, onde Alá foi a grande divindade [da] cidade que era a pérola do al-Andaluz”^{240,241}. Ao entrar na Sala de Oração “a temperatura, a luz ou a repetição das colunas e dos arcos definem o ambiente. Mas, acima de tudo, há um ar de mistério. O mistério do religioso, a certeza de que este lugar sempre teve um povo a rezar... E, sobretudo, o mistério do exótico, de uma cultura que um dia foi nossa e que hoje é longínqua e antiga.”²⁴²

“Ao contrário dos templos de outras religiões, a Mesquita é um lugar de oração onde não reside a divindade”²⁴³. A Mesquita Aljama de Córdoba é um espaço sagrado, pelo valor do terreno e por todas as crenças que encerrou e encerra, e é um espaço público pelo seu legado cívico.

O edifício actual significou a independência do Califado, a harmonia entre crenças religiosas diferentes e entre os seus crentes e a conservação e transmissão de conhecimento. Córdoba foi a capital do saber no al-Andaluz; ali existiam grandes bibliotecas e viviam sábios e mestres famosos: “quando um músico morre em Córdoba, os seus instrumentos são enviados para Sevilha, mas se é um sábio que morre, os seus livros são levados para Córdoba.”²⁴⁴ O legado cultural produzido dentro da Mesquita cordovesa era muito abrangente.²⁴⁵

²³⁸ LÓPEZ PALOMO, *Op.cit.*, p. 10.

²³⁹ *Ibid.*, p. 5.

²⁴⁰ AL-ANDALUZ é a designação dada pelos árabes ao território da Península Ibérica, durante o domínio muçulmano. OLIVEIRA, “Nova Enciclopédia Larousse”, p. 198.

²⁴¹ FERNÁNDEZ, Manuel. “Amar Córdoba”. Córdoba: Diario Córdoba. 25 de Fevereiro de 2007.

²⁴² Ruiz Cabrero. in: ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, “La Mezquita”, p. 10.

²⁴³ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 56.

²⁴⁴ atrib. Alverroes. século XII. in: CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 11.

²⁴⁵ A Mesquita de Córdoba desempenhava funções de Madrassa. Ali eram ministradas disciplinas como: a aritmética, a geometria, o direito, a filosofia, a astronomia, a poesia, a música e a medicina., RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=-15>.

Sob a condição de Património da Humanidade, a Mesquita e a Medina pertencem a uma categoria de espaço, artificialmente, sacralizado pela UNESCO. Uma condição que inibe atitudes irresponsáveis perante estas obras, por querer ou por negligência.

“A análise da evolução arquitectónica até aos nossos dias, faz-nos compreender melhor a solidariedade efectiva das diferentes manifestações antigas dentro de um mesmo edifício, ou no mesmo lugar. Esta situação convida-nos imperiosamente a conservar os raros conjuntos, os monstros arquitectónicos na sua complexidade. Assim poderemos contribuir para a fisionomia da época. Seria uma invenção do diabo se o turismo dos nossos dias levasse as autoridades a manipular estes edifícios para comodidade dos curiosos. Estou seguro de que Córdoba é uma dessas raras cidades onde não existe esse perigo, pois nunca se deixou de sentir nela a irradiação da beleza e dos nossos deveres para com ela.”²⁴⁶



Figura 86 planta da cidade, exposição da Casa de Sefarad, em Córdoba.

²⁴⁶ NIETO CUMPLIDO, “La mezquita-catedral de Córdoba y el ICOMOS”, in: RECIO MATEO, “La Mezquita – Catedral de Córdoba: símbolo universal de alianza de civilizaciones”, <http://www.mezquiticatedral.es/index.php?pag=sanvicente3>.

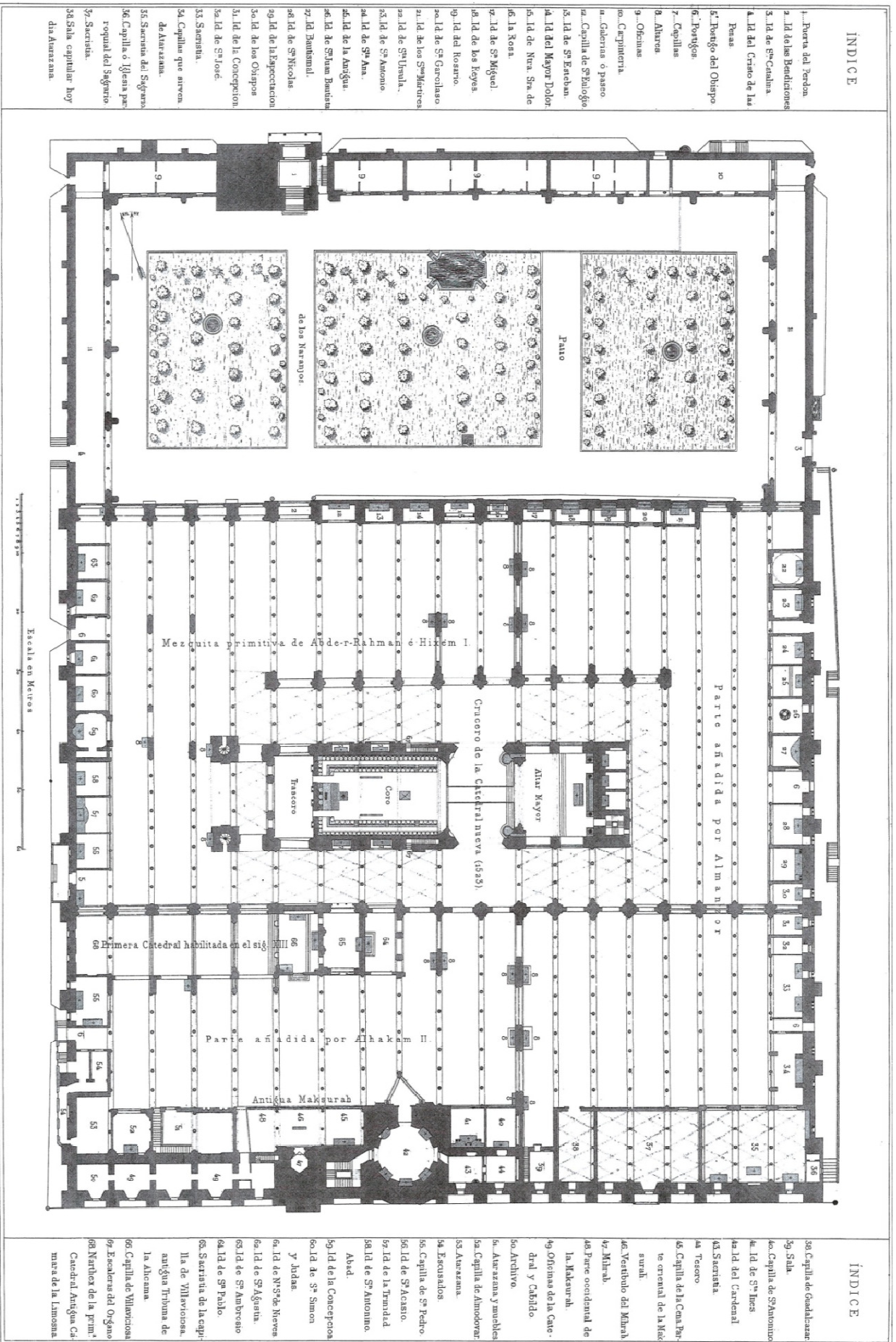


Figura 87 Lopez Sanchez e Perez Baquero, planta da Mesquita e Catedral de Córdoba, 1879.

4.2 Contexto Urbano da Mesquita



“O desenvolvimento do labirinto islâmico de ruelas estreitas e tortuosas [demonstrou uma consciência colectiva] de uma estética urbana.”²⁴⁷ A Medina de Córdoba, “no que diz respeito à sua planta, ficou mumificada muito cedo [e é,] hoje, um autêntico exemplo de traçado muçulmano”²⁴⁸, é uma “simples, agradável e harmoniosa obra de arte urbanística, uma fábula de tempos passados, quando o subtil sentido artístico na subordinação da parte ao todo ainda era comum a todos os que construía.”²⁴⁹

A ponte romana, atribuída a Augusto, impulsionou as formas de uso do solo.²⁵⁰ A apropriação muçulmana da cidade contou com o legado de civilizações anteriores. Aos edifícios e infra-estruturas pré-existentes juntaram-se quatro elementos urbanísticos islâmicos: uma Mesquita Aljama; um palácio para o governador; um mercado bem fornecido; e o respeito entre propriedades privadas.²⁵¹

Das sete portas da muralha da Medina²⁵² restam alguns traçados urbanos que, entre elas, atravessavam a cidade, de forma mais ou menos contínua. O eixo principal atravessava a Medina desde a ponte romana até à Praça de Colón, ladeando a Mesquita, a Nascente pela Rua Magistral González

²⁴⁷ JÜRGENS, “Ciudades Españolas: su desarrollo y configuración urbanística”, p. 43.

²⁴⁸ Ibid., p. 41.

²⁴⁹ Ibid., p. 44.

²⁵⁰ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 69.

²⁵¹ TORRES BALBAS, *Op.cit.*, pp. 9 e 12.

²⁵² As Portas de Córdoba, durante a ocupação muçulmana, eram: a da Ponte, a Sul; a de Zaragoza ou do Ferro e a de Toledo, a Nascente; a de Talavera, de Leão ou dos Judeus, a Norte; e, a Poente, as de Amir, de Badajoz ou do Centro e de Sevilha ou dos Perfumistas. CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 18.

Figura 88 Karvinski e Rillo, planta topográfica da cidade de Córdoba, 1811.



Figura 89 01 vista da Mesquita desde a Rua de la Judería.



Figura 90 02 vista da Mesquita desde a Rua Medina Corella.



Figura 91 03 Rua Amador de los Ríos entre a Biblioteca Pública Provincial e o Seminário Conciliar de San Pelagio.

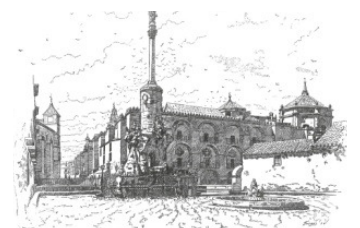


Figura 92 04 Thomas, perspectiva da Mesquita desde o Triunfo de San Rafael, 1884.



Figura 93 05 Praça Canonigo Torres Molina.



Figura 94 06 vista do cruzamento junto ao cunhal sudeste da Mesquita.



Figura 95 07 Rua Corregidor Luis de la Cerda.



Figura 96 08 Praça de Santa Catalina.



Figura 97 09 Rua Encarnación.

Frances, ou a Poente pela Rua de Torrijos. O restante traçado é constituído por um “intrincado labirinto de ruelas e travessas estreitas, tortuosas, sinuosas e com esquinas muito pronunciadas, muitas das quais são ladeadas por fachadas cegas ou desembocam em largos irregulares e inconsequentes”²⁵³.

“A planta da cidade está cheia de pequenos [alargamentos] com uma grande variedade de formas (...). Não existem outras praças maiores, à excepção da superfície livre do denominado Camposanto de los Mártires, um antigo cemitério situado nas imediações do Alcácer.”²⁵⁴ Junto aos edifícios mais significativos e sempre que possível, o passeio público inclui árvores, sobretudo laranjeiras, adicionando mais cor à cidade. “As imagens de ruas e praças [são] muitas vezes animadas pela pintura multicolor das suas casas”²⁵⁵, por uma “fonte decorativa, a imagem de um santo ou uma cruz iluminada por uma lamparina, introduzidos, espontaneamente, na cena urbana, [conferindo-lhe] um encanto (...) pitoresco”²⁵⁶.

“Na época califal, o bazar maior da capital [situava-se] no ângulo sudoeste da Medina [e estendia-se] em torno da rua Maior, [hoje dos Torrijos, numa] calçada de alguma largura. [Ladeando a Mesquita], invadindo-a, por vezes, dispunham-se lojas e oficinas de artesãos agrupadas por ofícios.”²⁵⁷

Em Córdoba, os cidadãos dispunham de fontes, cisternas e noras fluviais, que usavam para a subsistência, a moagem de cereais e abastecimento de banhos públicos. Desde 772, várias canalizações e condutas traziam água desde a Serra de Córdoba até à cidade. “Na envolvente da Mesquita Aljama de Córdoba, emires e califas levantaram edifícios para as abluções. Eram grandes estabelecimentos públicos articulados em torno de pátios e com várias salas de banhos, pias e fontes, além de numerosas latrinas”²⁵⁸. Existia, também, “uma complexa rede de desague das águas residuais.”²⁵⁹

A casa era a metonímia²⁶⁰ do secretismo da vida privada. Esta aspiração era assegurada pelo desenho urbano intensivo. O traçado viário era uma imposição sócio-religiosa e uma medida defensiva, já que promovia o culto da

²⁵³ JÜRGENS, *Op.cit.*, p. 40.

²⁵⁴ *Ibid.*, p. 40.

²⁵⁵ *Ibid.*, p. 43.

²⁵⁶ *Ibid.*, p. 43.

²⁵⁷ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 72.

²⁵⁸ *Ibid.*, p. 58.

²⁵⁹ *Ibid.*, p. 67.

²⁶⁰ Metonímia: figura que usa a causa pelo efeito e vice-versa. in: GOMES, Álvaro. “Gramática pedagógica e cultural da língua portuguesa”. Porto: Porto Editora, 2006. p.277.

intimidade e dificultava a penetração e orientação dentro do bairro. O modelo islâmico de casa manteve-se. Hoje, “ainda se podem percorrer grandes distâncias pelas ruas de Córdoba sem ver outra coisa que não sejam muros despojados e quase cegos, apenas pontuados por uma ou outra entrada das habitações.”²⁶¹

A Mesquita “percebe-se em todas as partes do casco velho da cidade”²⁶². Ela é metonímia da casa, do ponto de vista espacial, e sinédoque²⁶³ da cidade, enquanto espaço público e sagrado que inclui todos os cidadãos e relações culturais. Desempenhava múltiplos papéis “na vida urbana, dir-se-ia que toda a cidade converge para ela. Situada no centro da Medina, se não físico pelo menos simbólico, a Aljama e os seus arredores constituíam, diariamente, um lugar de incessante actividade.”²⁶⁴

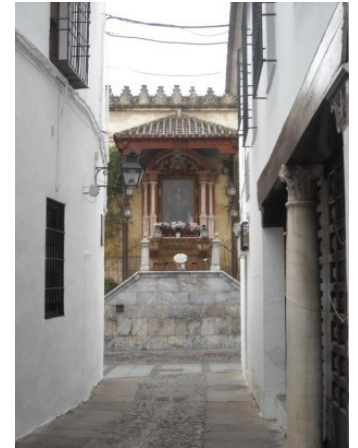


Figura 98 10 Altar cristão na fachada norte da Mesquita, visto desde a Rua Velásquez Bosco.



Figura 99 11 Rua Cespedes.



Figura 100 planta da Córdoba Islâmica.

²⁶¹ JÜRGENS, *Op.cit.*, p. 42.

²⁶² Jerrilynn Dodds. in: ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 5.

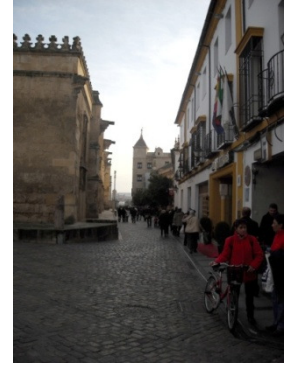
²⁶³ Sinédoque: figura que usa a parte pelo todo ou o todo pela parte; a matéria pelo objecto; o singular pelo plural, etc. in: GOMES, Álvaro. “Gramática pedagógica e cultural da língua portuguesa”. Porto: Porto Editora, 2006. p.277.

²⁶⁴ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 36.



Figura 101 Caballero Ungria, alçado ocidental, 1973.

ALZADO OCCIDENTAL
ESCALA 1:100

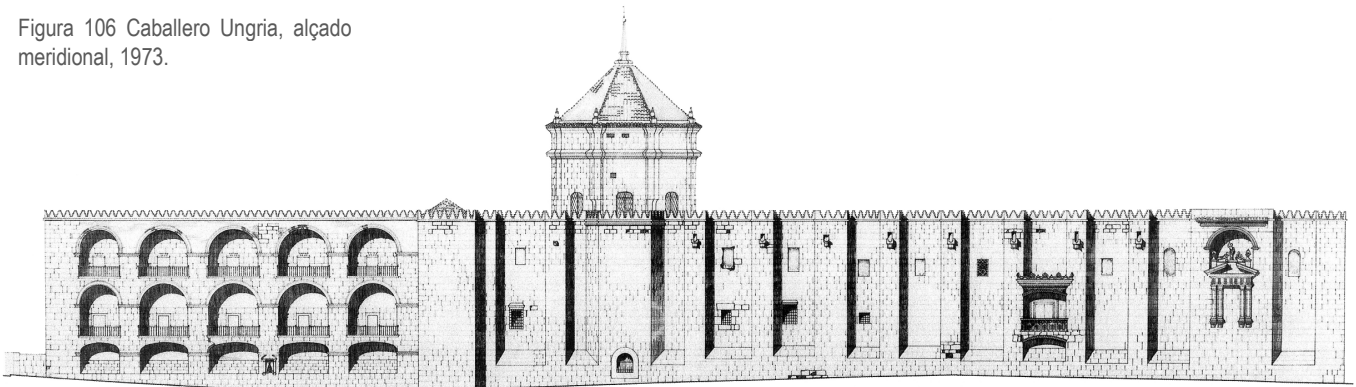


Figuras 102, 103 e 104, Rua dos Torrijos, da esquerda para a direita: Igreja de San Jacinto; largo da Igreja de San Jacinto e perspectiva desde Norte.



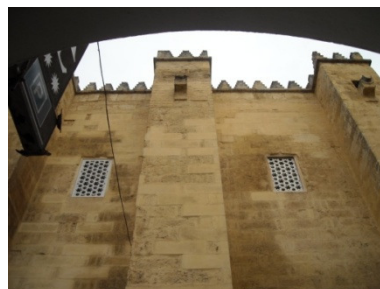
Figura 105 fachadas poente e sul da Mesquita, vista desde o Triunfo de San Rafael.

Figura 106 Caballero Ungria, alçado meridional, 1973.



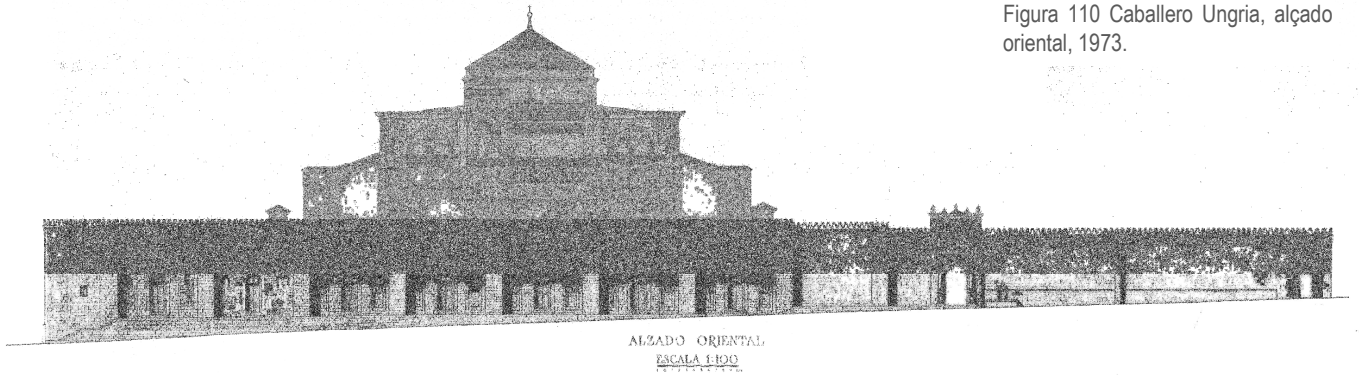
FACHADA MERIDIONAL

ESCALA GRAFICA 1:100



Figuras 107, 108 e 109 Rua Corregidor Luis de la Cerda, da esquerda para a direita: perspiciva desde Nascente; fachada meridional da Mesquita e perspectiva desde o Triunfo de San Rafael.

Figura 110 Caballero Ungria, alçado oriental, 1973.

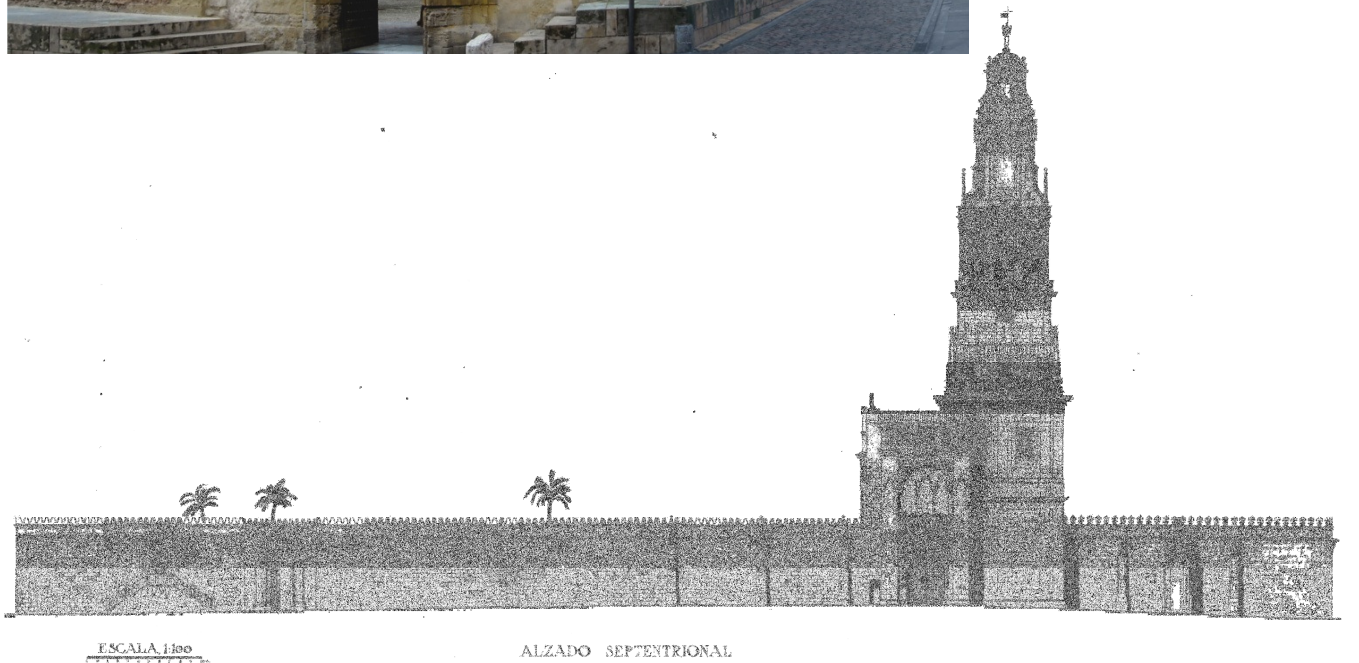


Figuras 111, 112 e 113 Rua Magistral González Francés, da esquerda para a direita: perspectiva desde Sul; perspectiva para Sul e Porta de Santa Catalina.



Figura 114 cunhal nordeste da Mesquita e Rua Cardenal Herrera.

Figura 115 Caballero Ungria, alçado setentrional, 1973.



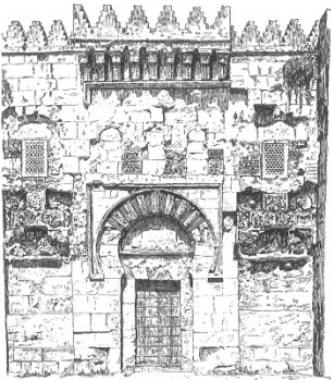


Figura 116 Golvin, Porta de San Esteban ou de San Sebastián, 1979.



Figura 117 Porta de San Esteban.



Figura 118 Porta del Perdón.

A regularidade das ruas que rodeiam a Mesquita é uma particularidade funcional que foi desenhada para “facilitar a afluência dos fiéis.”²⁶⁵ Além do Paço Episcopal, a sudoeste, a Mesquita está, actualmente, rodeada por edifícios de carácter marcadamente turístico com lojas de *souvenirs*, estabelecimentos de restauração, múltiplos hotéis e pousadas e o posto de turismo na Igreja de São Jacinto.

“Sem dúvida que não é fácil adivinhar desde o exterior a variedade de elementos que formam este edifício e a assimetria da sua disposição”²⁶⁶. A forma exterior da Mesquita de Córdoba é uma caixa paralelepípedica. Palmeiras e ciprestes no pátio, o campanário e o cruzeiro da Catedral são as excepções verticais que ultrapassam os muros do edifício.

As fachadas são circundadas por plataformas de acesso, que vencem a topografia local. O desenho dos muros é interrompido “por contrafortes decorados por ameias [que dão] ao conjunto [um] aspecto de fortaleza: a fortaleza da Fé.”²⁶⁷ Os portais repetem-se sem variações em relação ao modelo do mais antigo – o de San Esteban. Em cada um, no “centro, sobre o grande arco com alfiz, dispõem-se três arcos cegos [encimados por] uma cornija sustentada por modilhões de rolos e coroada com merlões escalonados [e as janelas têm] gelosias²⁶⁸ de mármore de desenho geométrico.”²⁶⁹

A Norte, a Porta del Perdón é a entrada principal e é composta por duas folhas de batente. O alfiz que a envolve alinha o seu limite superior pelos merlões que rematam o pátio. Desde esta Porta parte o eixo processional que entra na Mesquita pela nave principal até terminar no mihrab.

²⁶⁵ Ibid., p. 15.

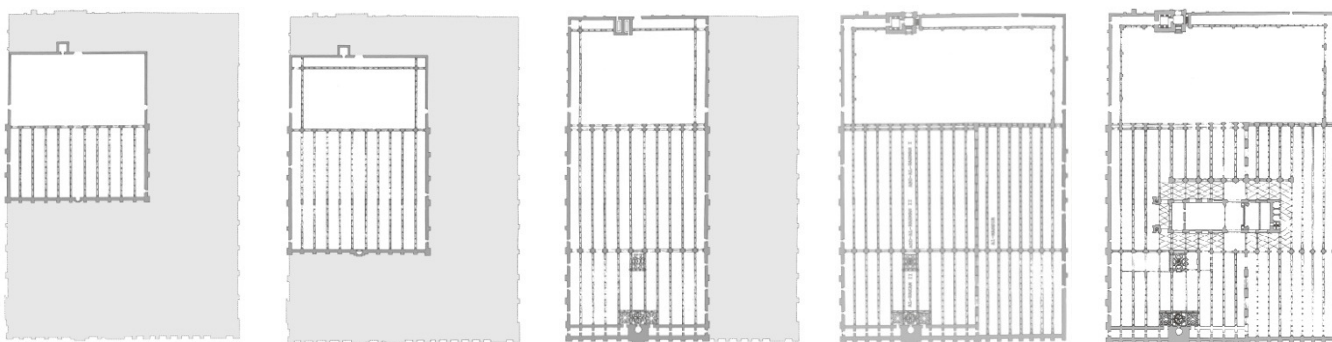
²⁶⁶ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 10.

²⁶⁷ Ibid., p. 5.

²⁶⁸ GELOSIA é um painel em forma de estore que separa fisicamente dois espaços, permitindo apenas o contacto visual através de aberturas talhadas no plano. FIALHO DE SOUSA, MADEIRA RODRIGUES e PEREIRA BONIFÁCIO, *Op.cit.*, p. 146.

²⁶⁹ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 46.

4.3 A Mesquita-Catedral



“Para além da aparência das formas arquitectónicas sensíveis, nos seus aspectos estilísticos e religiosos diferenciados, subsistiu um respeito pela continuidade subjacente, tanto ao nível da estrutura tectónica como da estrutura canónico-geométrica da Mesquita. Esta estrutura latente impõe-se enquanto compreensão da ordem interna do valor genético e matricial do crescimento natural do edifício que na sua combinatória sustém, articula e unifica toda a inserção, elevação formal e construtiva da Catedral na Mesquita. A geometria nas suas diversas análises constitui uma das chaves para a compreensão da origem e sentido dos desenvolvimentos temporais do edifício.”²⁷⁰

Sob as naves da Mesquita “tem assento a alma introvertida da cidade desde há mais de doze séculos.”²⁷¹ “O objecto e a realidade histórica impõem-se por si mesmos [,] não deixar falar o monumento com a sua própria linguagem multi-secular e plural (...) seria apresentar resultados (...) sob a sombra empobrecedora da ideologia.”²⁷²

“De acordo com a tradição islâmica, a Grande Mesquita cordovesa compõe-se de três partes: o Minarete ou torre, o *Saha*, ou Pátio das Abluções e a Sala de Oração.”²⁷³

“Maomé ordenava aos seus seguidores que subissem aos telhados para chamar os fiéis à oração; o minarete cedo se transformou numa torre especial, da qual o muezim proclama as horas de rezar cinco vezes por dia.”²⁷⁴

Figuras 119, 120, 121, 122 e 123 Feduchi, plantas das cinco etapas de construção da Mesquita, 1983.

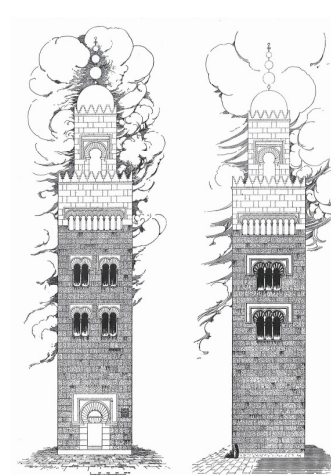


Figura 124 Hernandez, alçados, oriental e meridional, do minarete de Abd al-Rahman III, 1975.

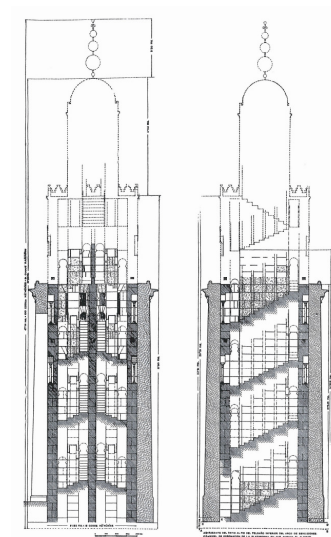


Figura 125 Hernandez, cortes do minarete de Abd al-Rahman III, 1975.

²⁷⁰ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 78.

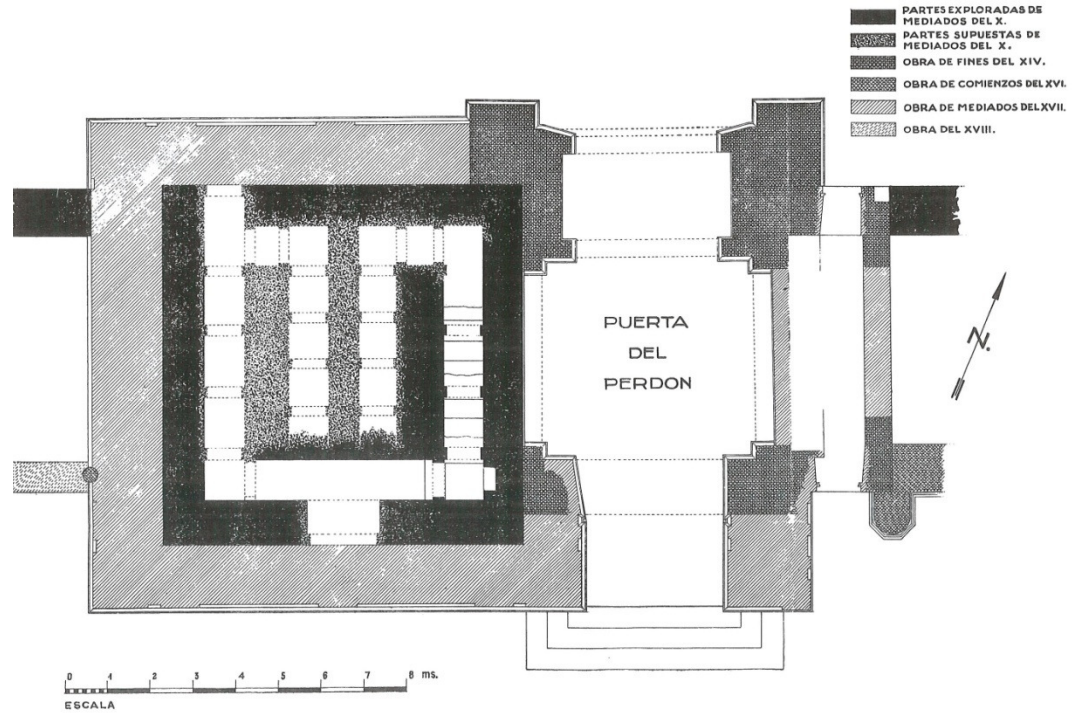
²⁷¹ NIETO CUMPLIDO, “La Catedral de Córdoba”, p. 20.

²⁷² *Ibid.*, p. 19.

²⁷³ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 5.

²⁷⁴ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 96.

Figura 126 Hernandez, planta do piso térreo do minarete de Abd al-Rahman III, 1975.



Na fachada norte, o Minarete de Abd al-Rahman III está, hoje, oculto pelo campanário cristão desenhado por Hernán Ruiz III no século XVI.

O volume da torre está associado ao da Porta del Perdón, que é o acesso principal da Mesquita. Por esta porta, entra-se no pátio sob um arco perfeito, cujo ponto médio alinha pela cornija do muro do pátio. No interior, destaca-se uma abóbada barroca circular de estuque. Acima da abóbada o espaço interno é ocupado pelo acesso ao campanário. Este conjunto é rematado por uma varanda. A Porta del Perdón estabelece um eixo visual desde a Rua Cardenal Herrera até ao mihrab.

O campanário domina o pátio. A implantação é quadrada e dispõe-se, verticalmente, por três volumes decrescentes, subdivididos por falsas cornijas.

O primeiro volume tem quatro nichos de dimensões iguais. Os dois inferiores são reentrâncias emolduradas à face da parede. Os de cima incluem brasões dentro das molduras. É rematado por uma varanda.

Uma varanda divide o segundo corpo. Abaixo, existem dois pisos: um abre-se para a varanda do volume inferior, o outro tem janelas, a Sul, e nichos nas outras fachadas. Acima, fica o campanário, propriamente dito, com três arcos por fachada, dos quais o do meio é o maior. Sobre cada um dos laterais há um óculo. Em cada arco está suspenso um sino.

Em 1618, acrescentou-se o terceiro volume renascentista. Sob um frontão triangular, um arco de volta perfeita abre-se em cada fachada. No



Figuras 127 e 128 campanário da Catedral.

intradorso de dois dos arcos estão suspensos sinos. Desde o topo do segundo volume, um contraforte em cada cunhal decresce até meio deste volume, aumentando a percepção ascensional das formas.

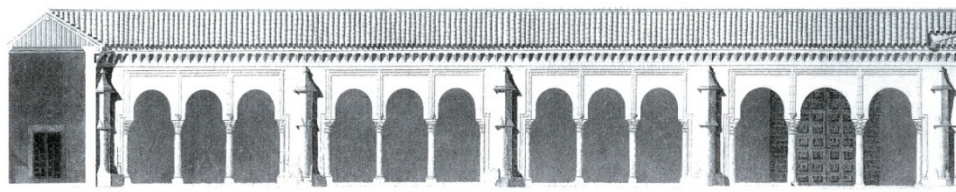
Em 1755, a torre foi restaurada em estilo barroco e foi rematada com uma figura do arcanjo Rafael, patrono da cidade.

“Na travessia entre dentro e fora é sempre necessária uma mediação, uma transição [onde a] luz muda até se perder na intimidade do interior.”²⁷⁵ O “pátio da Mesquita é [a abertura] para a luz do Sol [, as suas] quatro paredes simbolizam as quatro colunas que suportam a cúpula celestial. [Está relacionado] com o céu ou o paraíso e no seu centro encontra-se uma fonte octogonal, que faz eco da forma do trono de Deus, de acordo com o Corão. O chão [é] decorado com representações de pomares atravessados por rios e riachos, (...) todo o pátio representa o paraíso.”²⁷⁶

O Pátio de los Naranjos confina com o muro norte da sala de oração e é circunscrito por três galerias, cobertas por telhados de duas águas, nos restantes lados. As arcadas que o limitam tornam o espaço permeável aos que lhe são adjacentes. Dos dezanove arcos da sala de orações, doze estão entaipados, mantendo-se abertos o do extremo oriental e os seis entre as naves principal e ocidental. Estes estão fechados com gelsias de madeira como na sua forma inicial. O segmento de parede contínua é a exceção da permeabilidade do pátio.

As galerias são compostas por arcarias com grupos de três arcos de volta perfeita, separados entre si por contrafortes. As dimensões dos vãos dos arcos variam mas, em cada conjunto de três arcos, o vão do meio é sempre o mais largo. Cada conjunto de três arcos, entre contrafortes, é envolvido por um alfiz, que fica imediatamente abaixo da cornija.

Nas galerias ocidental e oriental, o arco central do grupo sul é o mais largo de todo o conjunto; são esses que conduzem desde a porta da rua até ao pátio.



²⁷⁵ SIZA, *Op.cit.*, p. 45.

²⁷⁶ HUMPHREY e VITEBSKY, *Op.cit.*, p. 136.



Figura 129 campanário, visto desde o pátio.

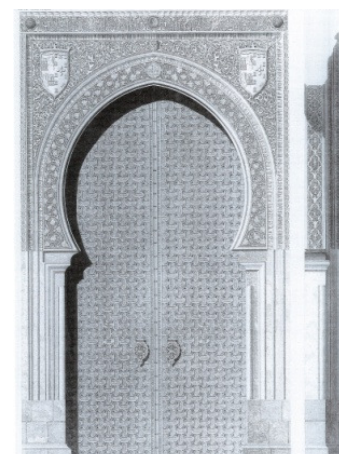


Figura 130 Arredondo e Buxo, Porta del Perdón, 1879.



Figura 131 entrada para a nave principal da Mesquita – Porta de las Palmas.

0 15m

Figura 132 Arredondo e Buxo, galeria nascente do Pátio de los Naranjos, 1879.

Figura 133 Caballero Ungria, alçado meridional do Pátio de los Naranjos – parede setentrional da Sala de Orações, 1973.

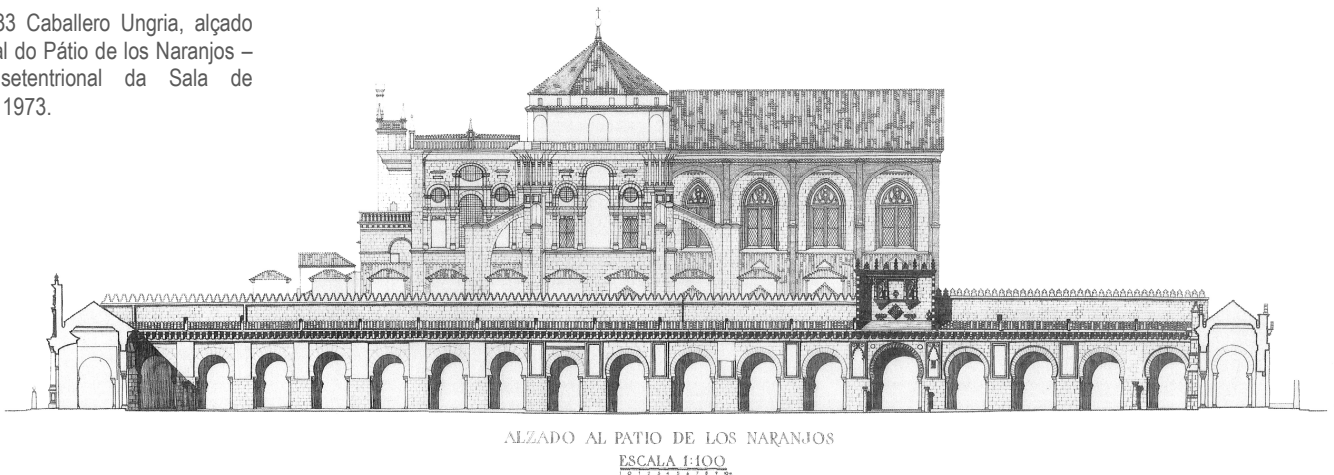


Figura 134 parede setentrional da Sala de Orações.



Figura 135 fonte da oliveira ou de Santa Maria.

A galeria norte é interrompida pelo campanário e pela Porta del Perdón. A Ocidente, a um conjunto de três arcos junta-se um arco isolado que confina com a torre. A Nascente, sete conjuntos de três arcos seguem a composição das outras galerias.

Cada galeria tem duas entradas. Nas menores, as duas portas mais a Sul são perpendiculares aos acessos da Sala de Oração e as portas mais a Norte abrem-se para a galeria setentrional. No muro norte, além da Porta del Perdón que não dá acesso directo a esta galeria, outra porta, a Nascente, serve-lhe de acesso desde a Rua Cardenal Herrera.

A frescura do pátio está associada à vegetação e às cinco fontes que a irrigam. Entre as árvores, do nivelamento criado pelas copas das laranjeiras, destaca-se a verticalidade de palmeiras e ciprestes. Três fontes são de estilo mudéjar, do século XV, e duas são barrocas, do século XVIII.²⁷⁷

Para acolher toda a população de uma cidade, a Mesquita Aljama requer um desenho que suporte aumentos e reduções. Por isso, não era concebida como um edifício definitivo.

“Os princípios formais da Mesquita de Córdoba foram tão claramente estabelecidos na sua origem [que se] tornaram determinantes nas ampliações posteriores [sem inibir, contudo,] transformações radicais.”²⁷⁸ Foi o rigor da malha de colunas que tornou este edifício flexível às suas alterações.

“Não é possível entender [a Aljama de Córdoba sem conhecer] a personalidade (...) de Abd al-Rahman I [e a sua] nostalgia pela terra perdida”²⁷⁹ – a Síria. Este Emir fundou a Mesquita em 785, como “um edifício emblemático

²⁷⁷ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 10.

²⁷⁸ LÓPEZ PALOMO, *Op.cit.*, p. 14.

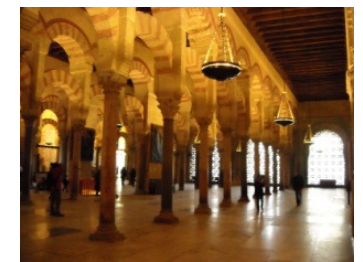
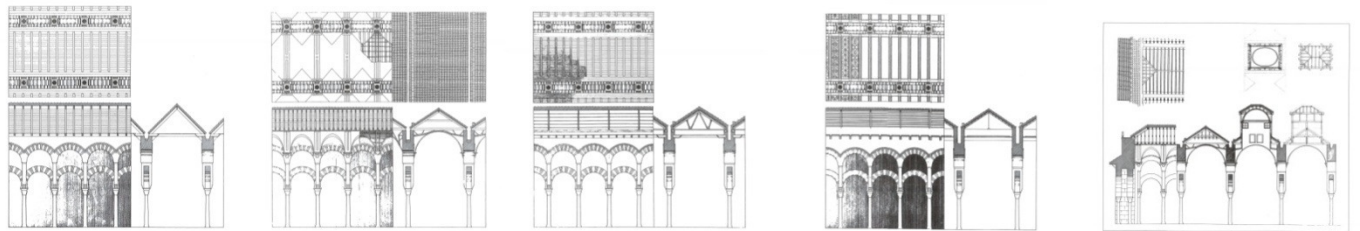
²⁷⁹ *Ibid.*, p.10.

que [servisse] de vínculo emotivo entre a terra dos seus antepassados (...) e a terra que [o] acolheu, um estado independente islâmico, com raízes culturais nos dois extremos do Mediterrâneo.”²⁸⁰

O arco de ferradura, de origem visigótica, marcado por um alfiz, assumiu a verdadeira identidade da arquitectura andaluza. A “hierarquia do espaço baseou-se num eixo longitudinal primordial”²⁸¹, influenciado pela organização espacial da Mesquita “al-Aqsa de Jerusalém, com uma nave central maior, de ascendência basilical”²⁸². Os “arcos duplos sobre colunas antigas”²⁸³ são de influência directa da sala de oração síria, para elevar o pé-direito²⁸⁴. Abd al-Rahman I determinou que se seguissem estas premissas, para reforçar o sentido da orientação e da verticalidade.²⁸⁵

A Mesquita primitiva, por um lado, estabeleceu a nave como unidade da sala hipostila, capaz de identificar a Mesquita; por outro lado, permitiu uma flexibilidade que incluiu sistemas litúrgicos, construtivos e linguísticos diversos. Ficaram definidas as primeiras onze naves, com doze tramos, perpendiculares à qibla²⁸⁶ e a hierarquia do espaço, com a nave central mais larga do que as dos extremos.²⁸⁷

A estrutura consistia em apoios de pequena secção sobre os quais se dispunham outros elementos mais pesados, como os muros de suporte dos tectos, das coberturas e dos canais de recolha de águas pluviais. Inverteu-se a forma clássica; a estrutura, aparentemente, “não se «apoia», mas «penetra» no solo, (...) as maiores dimensões [dos elementos construtivos] estão na parte mais alta, enquanto os apoios buscam a maior graciosidade possível.”²⁸⁸ “As naves [separavam-se] por arcos de ferradura [sob outros] de ponto médio”²⁸⁹.



Figuras 136 e 137 naves da Mesquita de Abd al-Rahman I.

Figura 138 Moneo, muro aqueducto, 1985.

²⁸⁰ SINGUL, “La Gran Mezquita de Córdoba”. in: A. A. V. V. “Santiago - Al-Andaluz, diálogos artísticos para un milenio”, pp. 11 e 12.

²⁸¹ Ibid., p. 7.

²⁸² NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 68.

²⁸³ Ibid., p. 68.

²⁸⁴ SINGUL, *Op.cit.*, p. 27.

²⁸⁵ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 10.

²⁸⁶ QUIBLA é o termo árabe que significa a direcção de Meca ou, mais propriamente, da Ka'aba. Na mesquita fica marcada pela parede de fundo. No centro da qibla abre-se o mihrab. THORAVALL, *Op.cit.*, pp. 193 e 194.

²⁸⁷ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 68.

²⁸⁸ Ibid., p. 69.

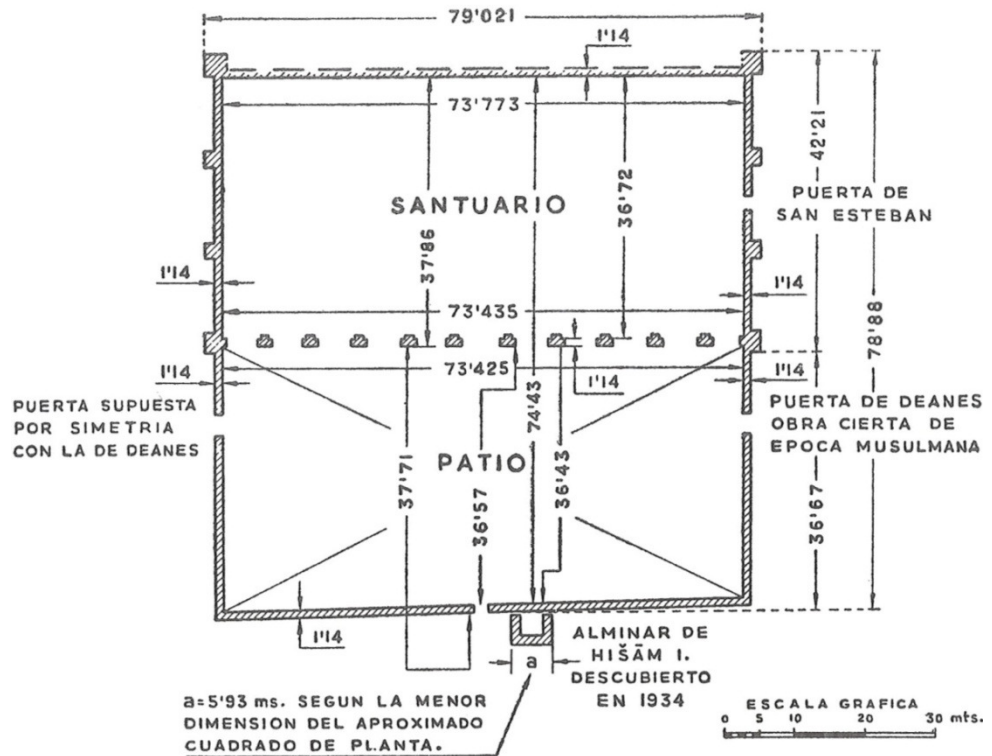
²⁸⁹ Ibid., p. 68.

Figura 139 Ruiz Cabrero, evolução das coberturas partindo da hipótese de Nieto Cumplido, 1985.

Os arcos inferiores controlam os esforços horizontais e os superiores, que elevam o pé-direito, apoiam-se em colunas delgadas que libertam o interior da Mesquita.

O aspecto decorativo interior é reforçado pela alternância de “aduelas de pedra com outras de cerâmica [vermelhas], uma bicromia presente, também,”²⁹⁰ no aqueduto romano dos Milagros de Mérida, do século I.

Figura 140 Hernandez, planta da Mesquita nos finais do séc. VIII, 1961.



A planta de fundação era quase quadrada com uma capacidade para cerca de 5000 fiéis em oração. Os “lados nascente e poente [convergiam], simetricamente, para Norte, em relação ao eixo da nave central”²⁹¹. “O conjunto [da Mesquita] estava dividido em duas partes quase iguais”²⁹²: a Norte, o pátio e a Sul, a sala de oração. Cada espaço era aproximadamente “um rectângulo de proporção dupla”²⁹³. Entre a sala de oração e o pátio, “os arcos das naves estavam abertos para proporcionar iluminação à sala.”²⁹⁴

“O chão do oratório (...) era de argamassa [e cobria-se] com esteiras.”²⁹⁵

²⁹⁰ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 45.

²⁹¹ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 64.

²⁹² *Ibid.*, p.64.

²⁹³ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, “Catedrales de España”, p. 94.

²⁹⁴ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 40.

²⁹⁵ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 72.

Hisham I, o segundo Emir, “concluiu as galerias [do pátio], levantou o [primeiro] minarete e edificou um pavilhão de abluções”²⁹⁶.

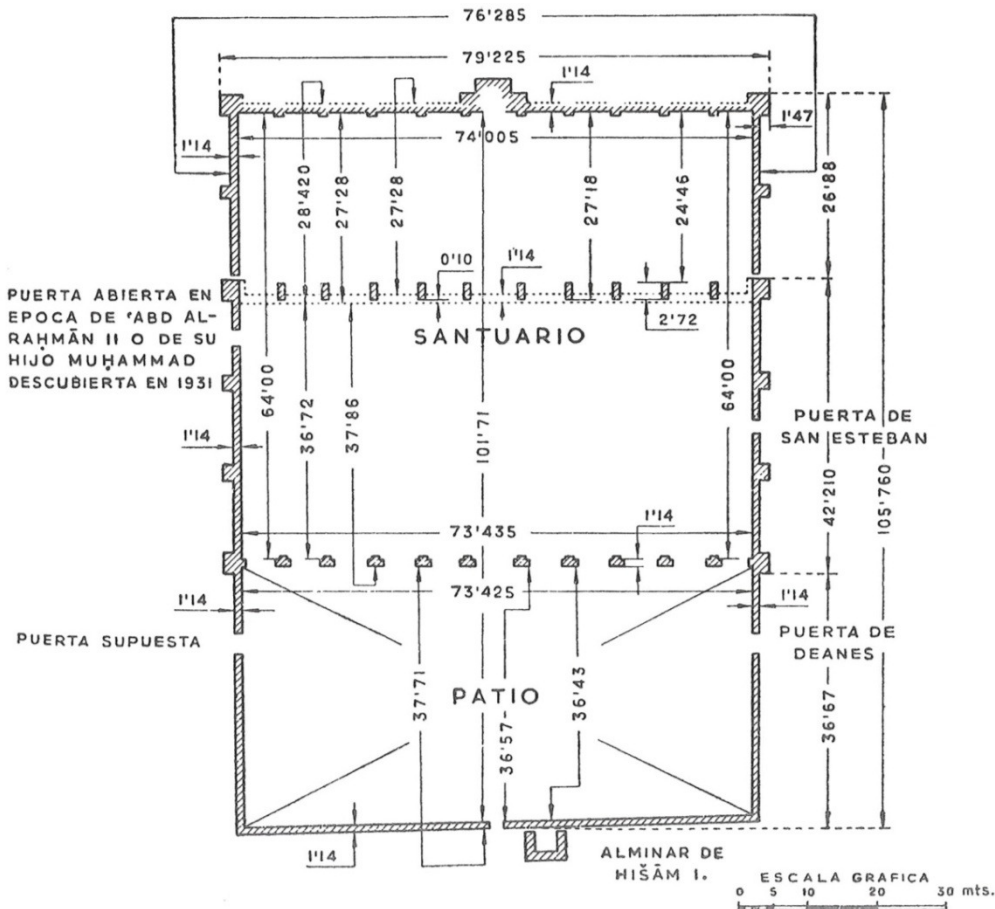


Figura 141 Hernandez, planta da Mesquita com as últimas obras de Abd al-Rahman II e Muhammad I, 1961.



Em 848, Abd al-Rahman II levou a cabo a primeira ampliação. A sala de oração passou a ter capacidade para 9.486 fiéis.

As naves prolongaram-se por mais nove tramos. A qibla primitiva foi demolida mas os seus contrafortes continuaram a funcionar no interior.²⁹⁷

O segundo “mihrab [deixou] de ser o tradicional nicho [simbólico,] para constituir um (...) compartimento”²⁹⁸ “de características monumentais que sobressaía, pelo exterior, do muro da qibla.”²⁹⁹ Este novo elemento originou a macsura³⁰⁰.

Abd Allah mandou construir o primeiro sabat³⁰¹, que ligava o Alcácer à Mesquita, prolongando-se por trás do muro da qibla até chegar a uma porta à direita do mihrab.

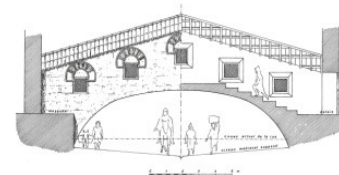


Figura 142 Golvin, hipótese sobre o sabat de Abd Allah, 1979.

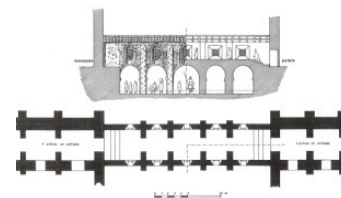


Figura 143 Golvin, hipótese sobre o sabat de al-Hakam II, 1979.

²⁹⁶ IBN IDARI in: NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 62.

²⁹⁷ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 133.

²⁹⁸ SINGUL, *Op.cit.*, p. 16.

²⁹⁹ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 47.

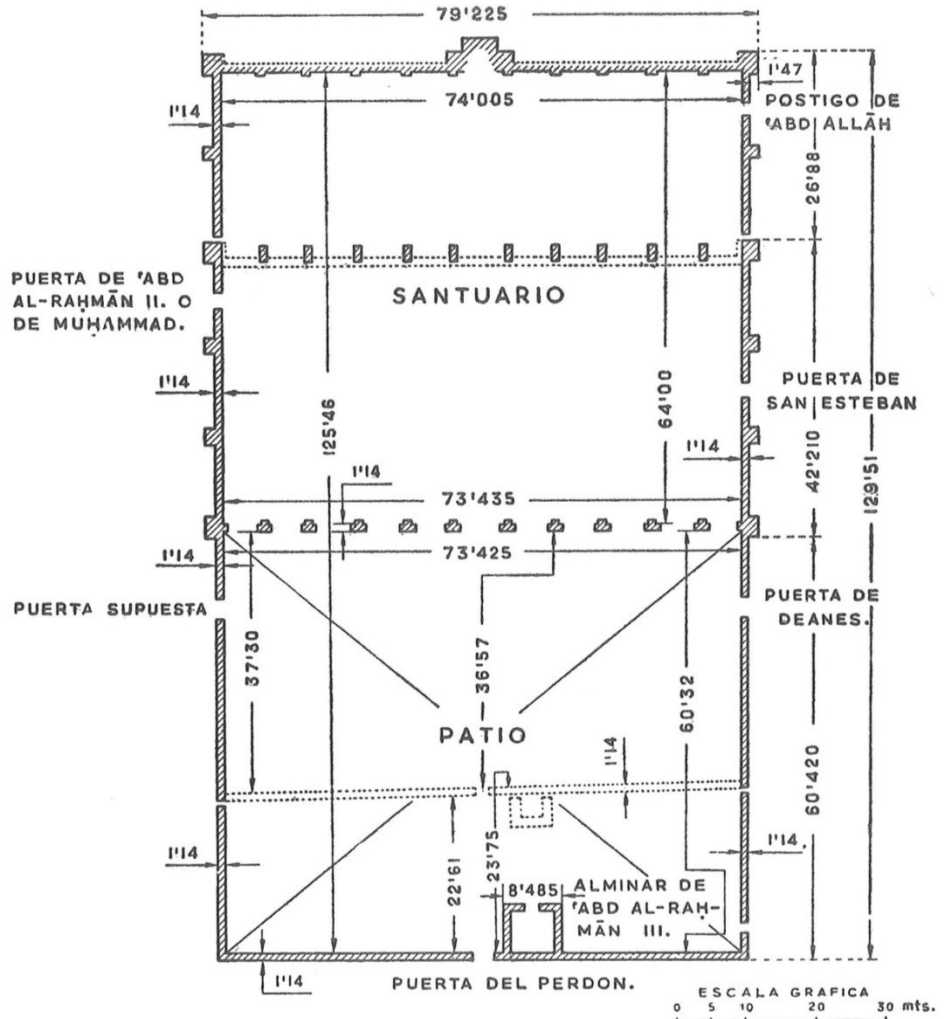
³⁰⁰ MACSURA é um espaço contíguo ao mihrab, reservado ao califa e ao seu séquito, que fica separado da sala de oração por meio de gelosias. PÉREZ HIGUERA, “O melhor da Arte Islâmica”, p. 46.

³⁰¹ SABAT era uma ponte ou passagem que unia a mesquita aljama com o alcácer régio. Era utilizado pelo governante para que este não tivesse necessidade de sair à rua. CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 124.

Entre 951 e 952, Abd al-Rahman III aumentou o pátio da Mesquita e mandou construir o segundo minarete. A sua implantação ficou deslocada “do eixo axial para que a Porta principal da Mesquita [alinhasse] com a nave central da sala hipostila e o mihrab.”³⁰²

Durante este califado, o muro setentrional da sala de oração, que ameaçava ruir, foi reforçado, para suportar os esforços de tracção das naves.

Figura 144 Hernandez, planta da Mesquita depois das obras de Abd al-Rahman III, 1961.



Bizâncio influenciou a ampliação de al-Hakam II enquanto “modelo imperial [conveniente para um] programa artístico [que servisse] de propaganda política do Califado.”³⁰³ Os trabalhos decorreram entre 962 e 966 e aumentaram a área útil para a assistência de mais 6.287 fieis.

Esta ampliação foi profundamente decorativa, mas também aplicou novos elementos arquitectónicos. Estendeu-se para Sul, vencendo a grande pendente por meio de um aterro.³⁰⁴

³⁰² SINGUL, *Op.cit.*, p. 23.

³⁰³ *Ibid.*, p. 22.

³⁰⁴ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, pp. 195 e 196.

As naves prolongaram-se por mais “doze tramos [, acentuando,] definitivamente, o sentido de profundidade”³⁰⁵ e a hierarquia do espaço. A “enorme nave axial [potenciou] a ideia basilical do espaço-tensão, destacando-se em planta pela sua maior largura e em alçado pelo luxo da sua decoração”³⁰⁶. As 134 colunas desta ampliação não têm base e alternam “rosa jaspeado e azul escuro. Os capitéis são uma combinação das ordens coríntia e composta, esculpidos com uma delicadeza sofisticada.”³⁰⁷

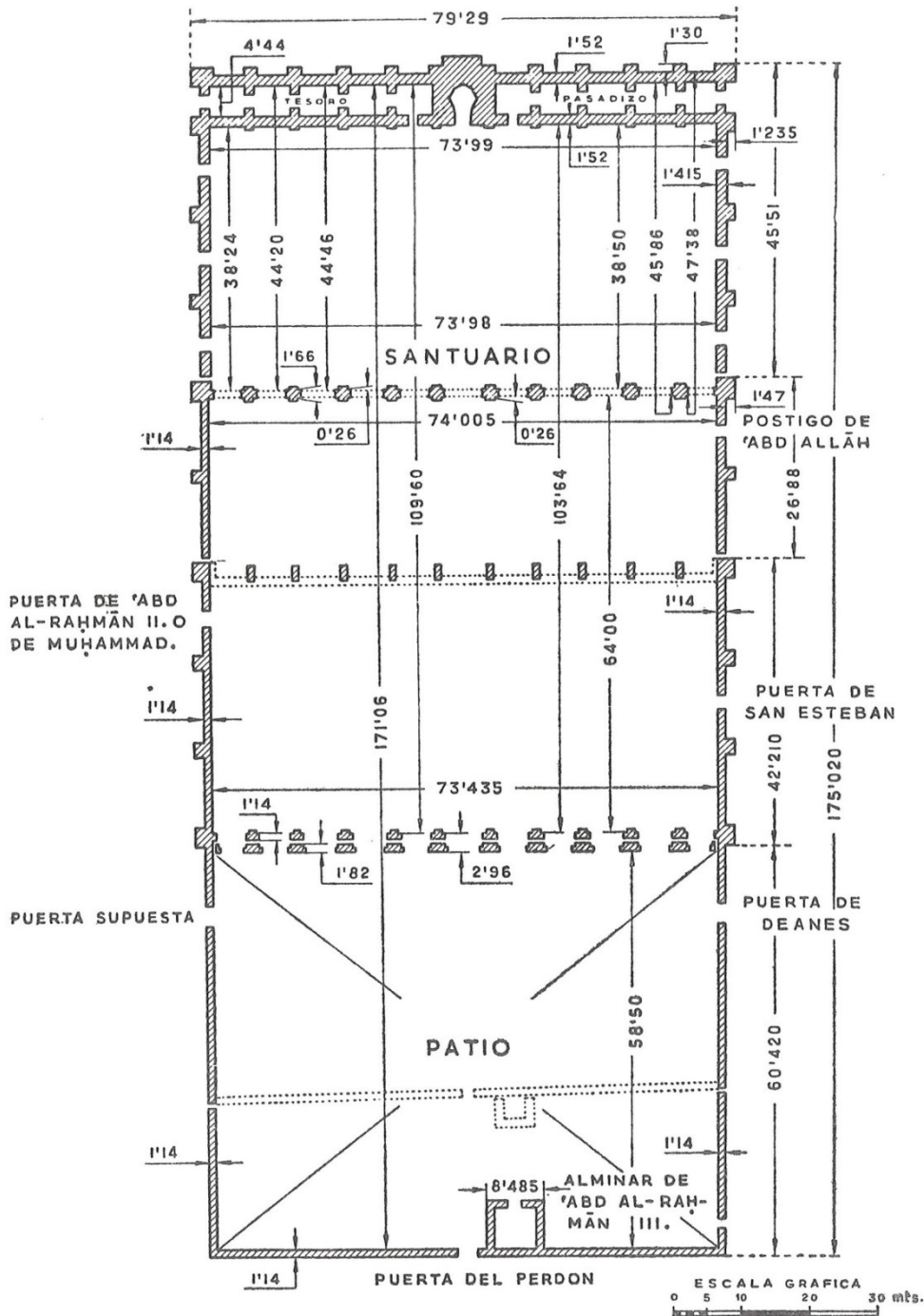


Figura 145 Hernandez, planta da Mesquita depois das obras de al-Hakam II, 1961.



³⁰⁵ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 15.

³⁰⁶ SINGUL, *Op.cit.*, p. 26.

³⁰⁷ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 15.

A qibla passou a incluir o sabat.

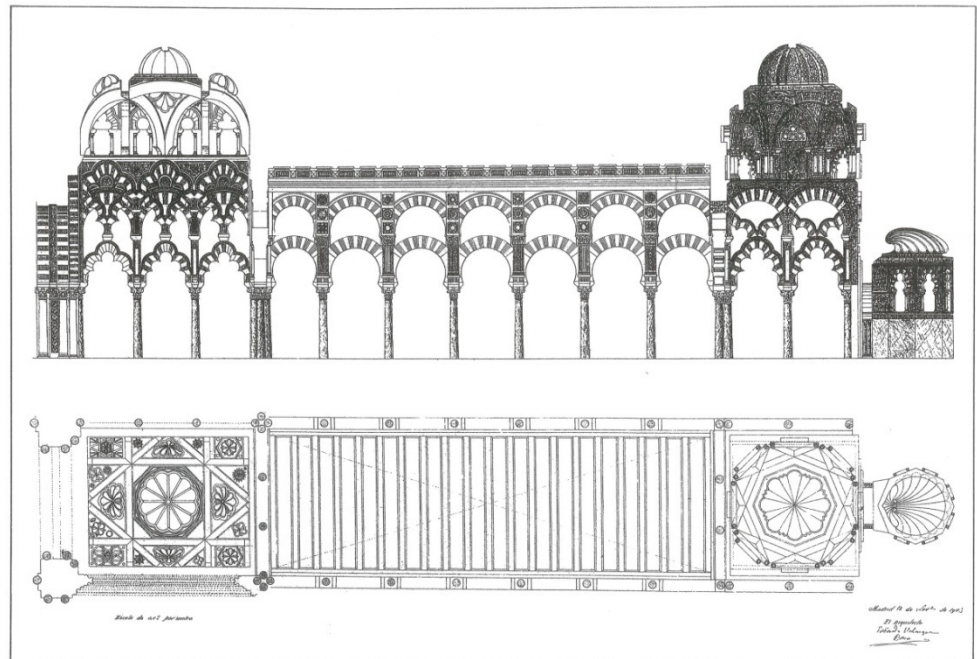
A superfície do pátio passou a constituir pouco mais de um terço da área total da Mesquita.³⁰⁸

“A alteração mais importante [desta ampliação foram os zimbórios], que iriam ter uma influência decisiva [em planta e] no aspecto dos espaços interiores, [ao alternarem] as condições de iluminação [e facilitarem] o percurso até ao mihrab [. Criaram-se novos] espaços independentes [passíveis] de serem apreciados em si mesmos”³⁰⁹. Para suportar as cúpulas de pedra construíram-se “arcarias entrecruzadas, [que são] autênticas redes”³¹⁰ de reforço. A luz que baixa das cúpulas é filtrada pelas arcarias que as levantam e sustentam.

“Nas cúpulas de al-Hakam II, aplicou-se (...) a teoria dos quadrados giratórios à estrutura nervurada que sustém a cúpula”³¹¹.



Figura 146 nave principal da Mesquita: macsura e mihrab.



0 15m



Figura 147 Velazquez Bosco, planta e corte da nave principal da Mesquita, entre a Capela de Villaviciosa e o mihrab, 1903.

A macsura passou a ocupar as três naves centrais, sob “três zimbórios [que, serviam] de referência para indicar”³¹² o mihrab. Este transepto muçulmano ficou separado do resto da sala de oração “por meio de gelsias de madeira”³¹³.

³⁰⁸ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 196.

³⁰⁹ Rafael Moneo. in: ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 15.

³¹⁰ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 17.

³¹¹ “O papel do quadrado na arquitetura islâmica é muito significativo, destacando-se como uma forma relevante, relacionável com a Casa do Profeta e com o Santuário da Ka’ba.”, SINGUL, *Op.cit.*, p. 35.

³¹² NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 97.

³¹³ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 40.

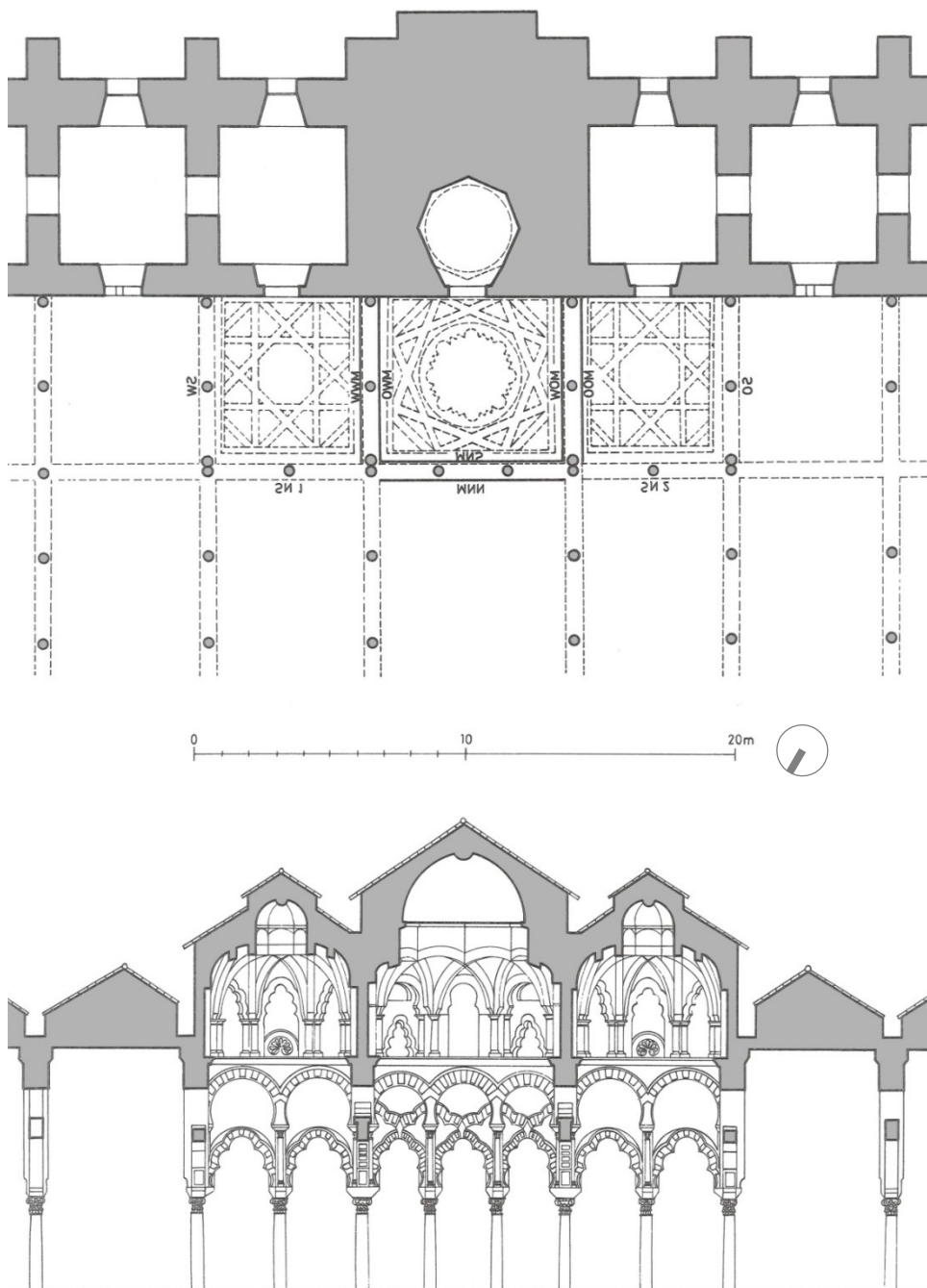
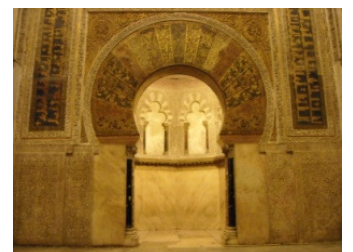


Figura 148 Ewert, planta e corte da macsura e do mihrab, 1981.

“Um grande arco, no centro da quibla, sob a cúpula principal da macsura, dá acesso ao mihrab”³¹⁴. A riqueza da composição deste espaço expressa “valores do sagrado [por associação com] valores materiais [pela exuberância decorativa e] aparência luminosa do ouro.”³¹⁵

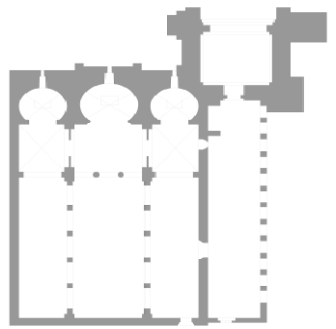
Sobre o mihrab de Abd al-Rahman II, como apologia da localização daquele espaço sagrado e ocupando três intercolúnios da nave central, levantou-se um zimbório. Este espaço, conhecido por Capela de Villaviciosa, era adjacente a outros dois semelhantes, pelo que se depreende que reproduzia a



Figuras 149 e 150, respectivamente, cúpula central da macsura e acesso ao mihrab.

³¹⁴ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 17.

³¹⁵ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 106.



Figuras 151 e 152 San Miguel Escalada: vista, do cruzeiro desde a nave central, e planta.



Figura 153 ampliação de Almanzor.

estrutura da macsura, tratando-se, aqui, “de uma entrada monumental [à ampliação de al-Hakam II, como se esta fosse] uma mesquita dentro de outra.”³¹⁶

Nesta ampliação ressalta a conjugação de “fórmulas e tipologias claramente omíadas, com outras empregadas nos espaços sagrados cristãos,”³¹⁷ como a “planta da igreja de San Miguel de Escalada, em León”³¹⁸, de 913.

A última ampliação da Mesquita foi levada a cabo por Almanzor. “As obras começaram depois do seu êxito militar em Santiago de Compostela [, em 997. Foram acrescentadas] oito naves às já existentes e [ampliou-se] o pátio”³¹⁹.

“Não se atrevendo os arquitectos da época a destruir a incomparável obra [de al-Hakam II], e dado o (...) desnível do terreno [na direcção] do rio, (...) optou por ampliar-se o recinto para Nascente,”³²⁰ o que levou à perda, definitiva, da simetria da Mesquita. Apesar disso, com esta ampliação, o conjunto da sala de orações e do pátio, recuperou “as proporções que (...) tinha antes da ampliação de al-Hakam II”³²¹ e alcançou as “suas dimensões definitivas [divididas,] aproximadamente, por dois terços na sala de oração e um terço no pátio.”³²² A sala de oração passou a ter capacidade para 40.000 fieis.

A fachada do pátio de Almanzor tem menos espessura do que a de Abd al-Rahman III. Os “muros internos da qibla foram suprimidos [permitindo] que a macsura e o mihrab [continuassem a ser o] *sancta sanctorum* na Mesquita.”³²³ Isto levou a que a nova ampliação tivesse uma maior profundidade interna.

As naves desta ampliação são mais estreitas do que as das fases anteriores. Para as suas colunas, foram utilizados três tipos de pedra, dispostas sem um ritmo cromático regular, provocando a perda de contraste característica das outras etapas construtivas.³²⁴

Esta ampliação foi a menos nobre, dos pontos de vista construtivo e artístico, e ficou “subordinada às fases anteriores”³²⁵.

³¹⁶ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 50.

³¹⁷ SINGUL, *Op.cit.*, p. 31.

³¹⁸ *Ibid.*, p. 29.

³¹⁹ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 98.

³²⁰ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 19.

³²¹ SINGUL, *Op.cit.*, p. 38.

³²² LÓPEZ PALOMO, *Op.cit.*, p. 19.

³²³ SINGUL, *Op.cit.*, p. 21.

³²⁴ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, pp. 285 e 288.

³²⁵ SINGUL, *Op.cit.*, p. 39.

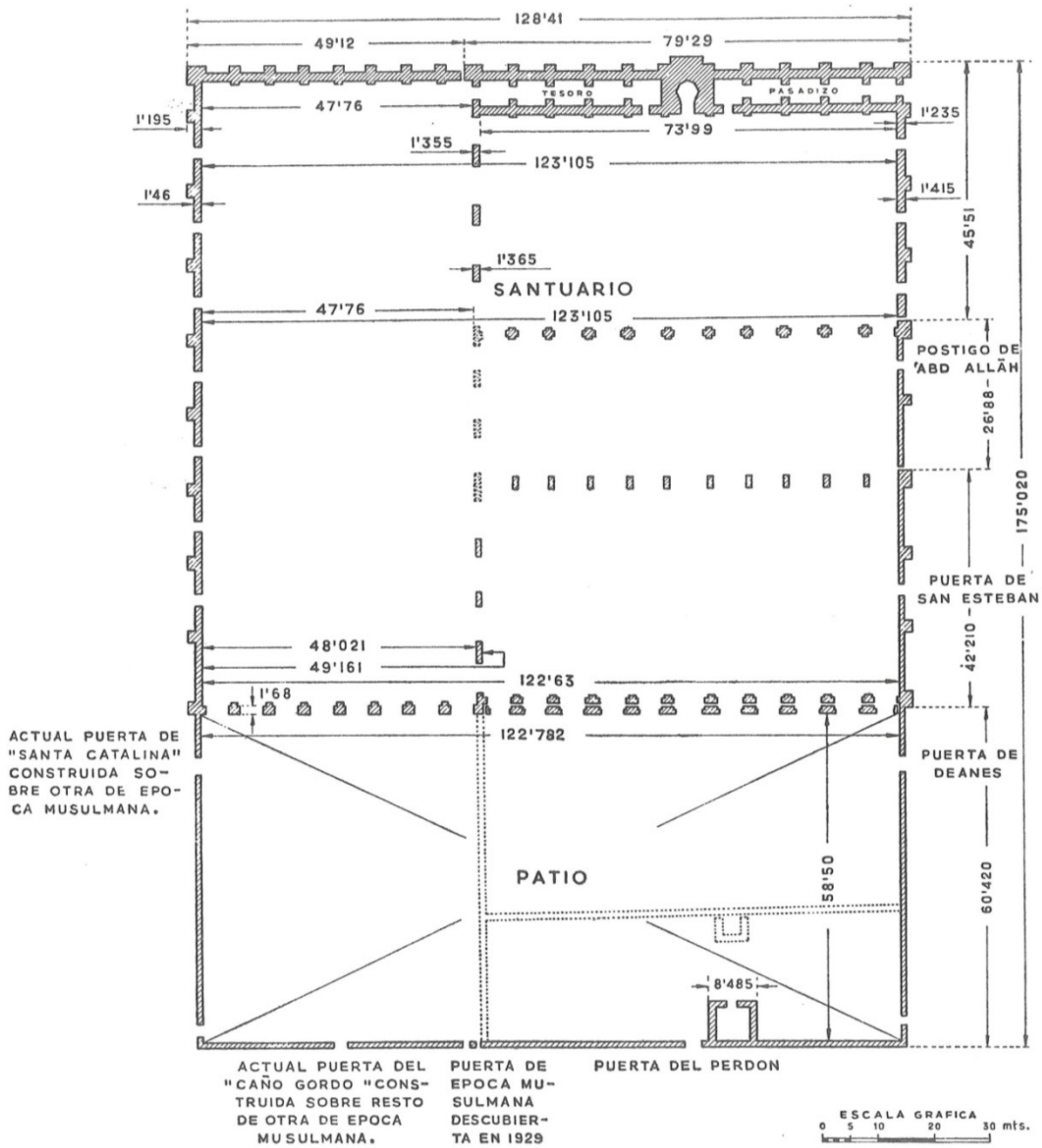


Figura 154 Hernandez, planta da Mesquita depois das obras de Almanzor, 1961.

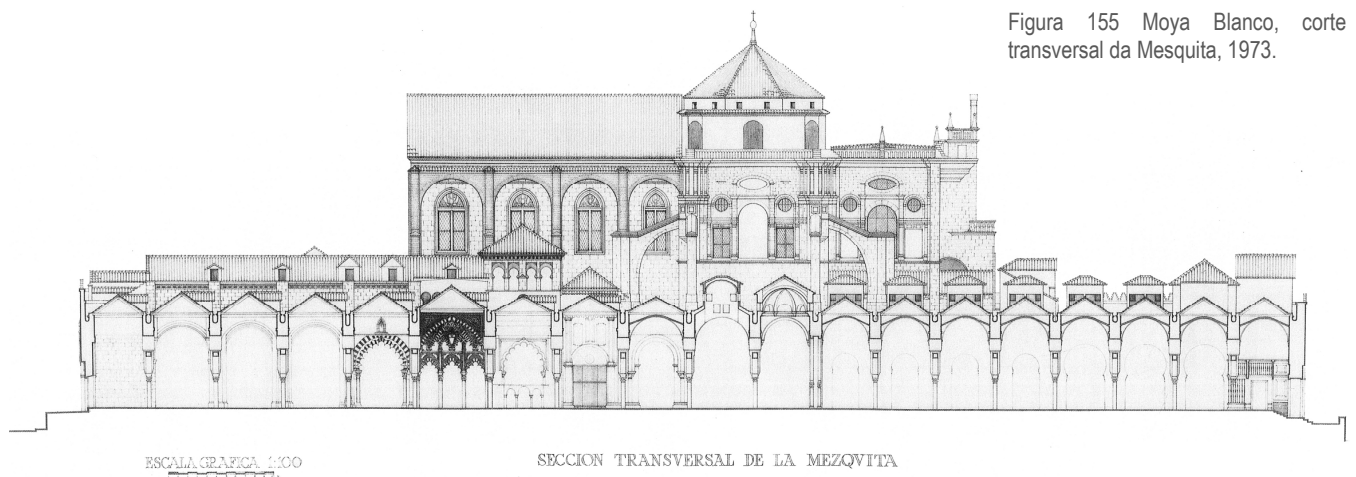


Figura 155 Moya Blanco, corte transversal da Mesquita, 1973.



Figura 156 a Capela de Villaviciosa serviu de altar-mor à primeira Catedral.



Figura 157 nave da Catedral do séc. XV.

Quando um edifício comporta e se adapta às alterações e funções para “os quais não foi concebido, sem alterar a sua estrutura arquitectónica fundamental, [legítima a sua] arquitectura e os seus valores de uso”³²⁶. “Esquecida ou tornada obsoleta a sua função inicial, o essencial permanece nas suas formas e nos fragmentos que as compõem dando indícios das intenções e adequações que presidem à génese [que integra] o sentido poético da obra.”³²⁷

A 29 de Junho de 1236, a Mesquita foi consagrada à religião cristã. Em 1239, converteu-se em Catedral de Santa Maria Madre de Dios.³²⁸

O altar-mor e o coro da primeira Catedral funcionavam sob a Capela de Villaviciosa. No século XV, três tramos de quatro naves foram desmantelados em prol de “uma nave [com] direcção Nascente-Poente, [coberta por uma abóbada quebrada sustentada por] arcos góticos”³²⁹. Este espaço manteve funções até 1607.

Em 1523, sendo já pequena aquela nave, mandou construir-se a Catedral actual. Erguida no centro da sala de oração, esta obra obrigou ao derrube de uma grande parte das ampliações de Abd al-Rahman II e de Almanzor, o que deu origem à “dura contenda entre os Cabildos catedralesco e municipal, que exigiu a intervenção de Carlo V.”³³⁰ A obra começou a 14 de Julho, desse ano.

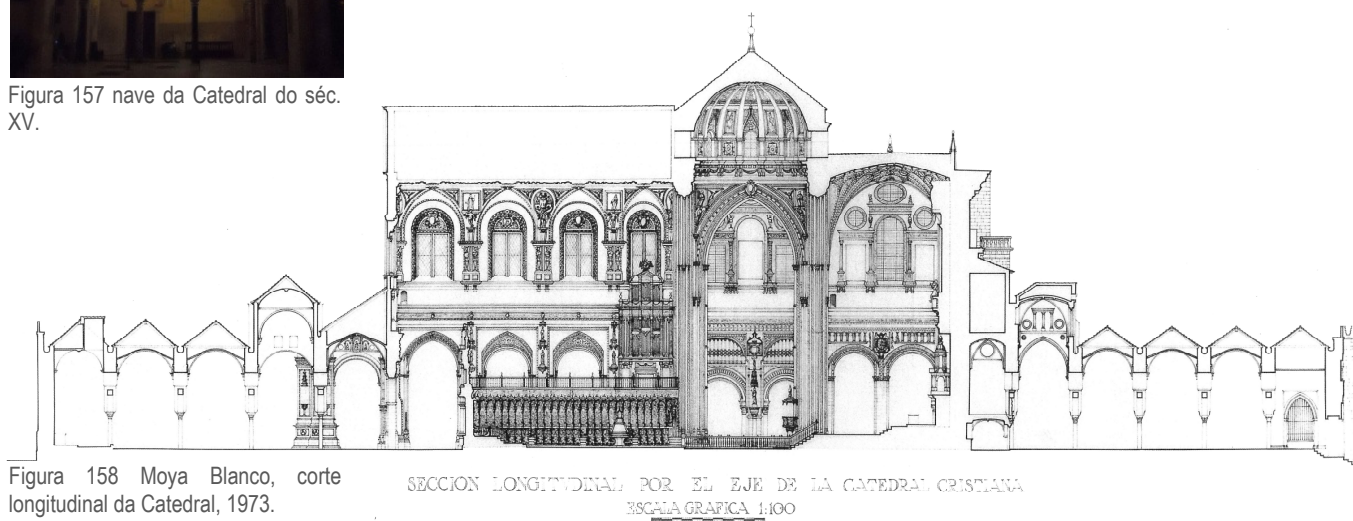


Figura 158 Moya Blanco, corte longitudinal da Catedral, 1973.

³²⁶ CRUZ PINTO, *Op.cit.*, p. 42.

³²⁷ *Ibid.*, p. 53.

³²⁸ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 333.

³²⁹ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 97.

³³⁰ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 92.

Hernán Ruiz, o Velho, “acomodou a única nave oblonga da Catedral ocupando seis tramos de oito naves na difícil incumbência de destruir o mínimo possível (...). Uma nave de cruzeiro afectou outros seis tramos.”³³¹ A obra adaptou-se aos módulos estabelecidos na Mesquita. A “fusão ficou de tal modo perfeita que a nave axial da Mesquita atravessa a [Catedral] sem que esta (...) interrompa a visão do mihrab [e sem] prejuízo”³³² próprio. Especialmente independente, a Catedral fica absorvida na Mesquita.

A planta é em forma de cruz latina, símbolo da Contra-reforma. “A nave central e [o transepto apoiam nos] arcos da Mesquita islâmica”³³³. “A elevada altura da Catedral exigiu o suporte por meio de arcobotantes e contrafortes, habilmente dispostos para não afectar a estrutura ligeira da Mesquita”³³⁴, onde descarregam os pendentes da abóbada central, construída em 1600. “No centro do cruzeiro [, a cúpula ovoidal de] influência italiana, [é composta por] dezasseis arcos adornados com estátuas de santos e bispos; na chave está representada a Santíssima Trindade.”³³⁵

O retábulo barroco da capela-mor foi projectado por Alonso Matías, em 1618.

Concluído em 1757, com planta rectangular, o cadeiral do coro foi “talhado por Duque Cornejo [, com] corpo baixo e alto”³³⁶. “A abóbada do coro é de meio canhão [, com] decoração”³³⁷ renascentista. Três “arcos apontados, [enquadrados] por um alfiz caracterizam os muros laterais que sustêm a abóbada.”³³⁸ Os órgãos dos muros laterais são dos séculos XVII e XVIII.

Outras “zonas da Mesquita alojam capelas e dependências da Catedral”³³⁹, como a Sacristia Maior da Catedral, de 1703³⁴⁰, e várias capelas particulares, adossadas aos muros perimetrais da sala de oração, que datam

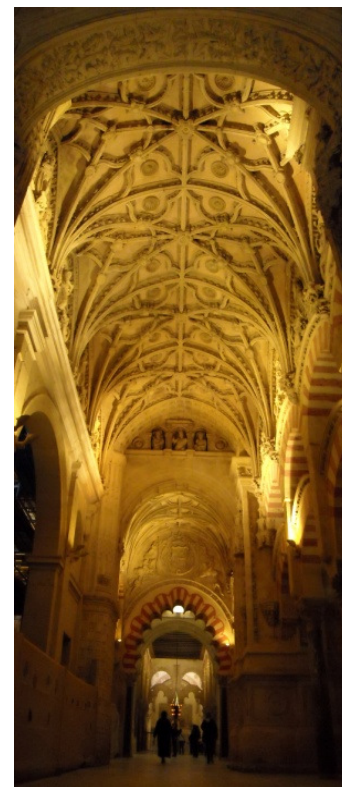


Figura 159 acesso ao coro, à esquerda.



Figura 160 Capela-mor.

³³¹ Ibid., p. 99.

³³² ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 22.

³³³ RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?pag=sanvicente3>.

³³⁴ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 100.

³³⁵ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 24.

³³⁶ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 100.

³³⁷ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 24.

³³⁸ Ibid., p. 24.

³³⁹ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 94.

³⁴⁰ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 24.



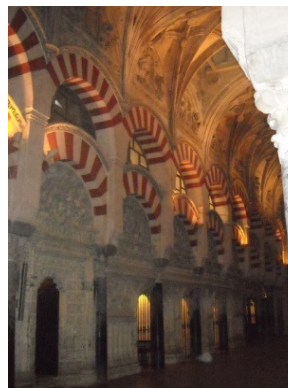
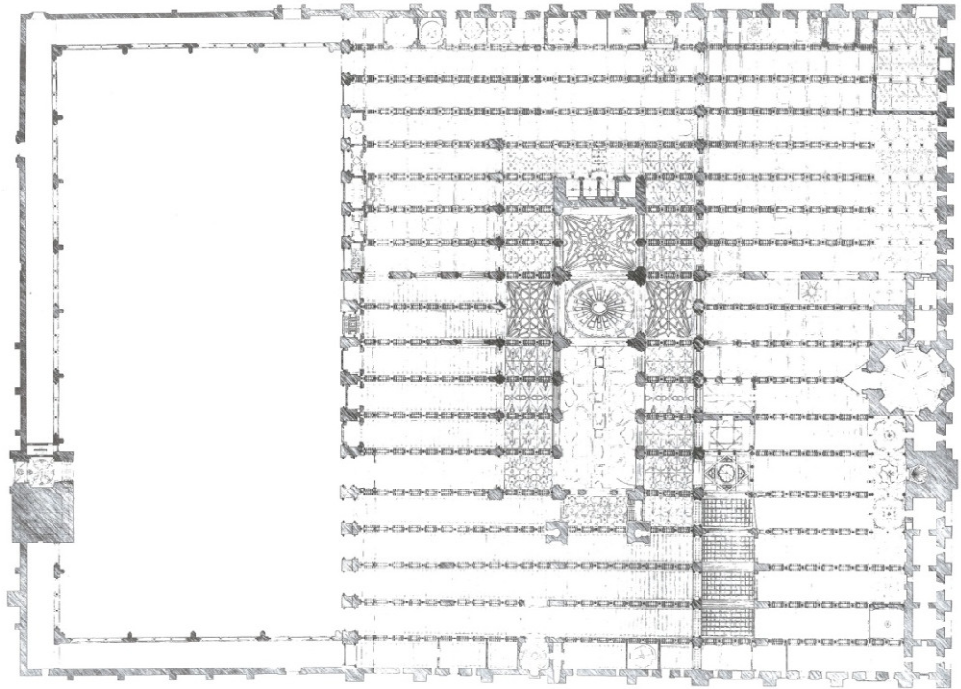
Figuras 161 e 162, respectivamente, a cúpula do cruzeiro e pilar do cruzeiro.



Figura 163 Ruiz Cabrero, planta de tectos da Mesquita-Catedral actual, 1985.

desde o século XIV,³⁴¹ às quais os arcos entaipados da parede norte da sala de oração “servem de cabeceira”³⁴².

“Para solucionar a falta de luz, no século XVIII, [construíram-se] abóbadas de canhão, em gesso, [que formam] aberturas no encontro com cada arco.”³⁴³



Figuras 164, 165 e 166, respectivamente, da esquerda para a direita: capela perimetral; capelas na cabeceira da Catedral e sacristia.

³⁴¹ NAVASCUÉS PALACIO e SARTHOU CARRERES, *Op.cit.*, p. 101.

³⁴² LÓPEZ PALOMO, *Op.cit.*, p. 20.

³⁴³ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 19.

4.4 Assentamento



Figura 167 dimensões gerais da Mesquita.

A Mesquita-Catedral de Córdoba ocupa uma área de $23\,500\text{m}^2$, com um perímetro externo de cerca de 618m.

A Sul, a qibla, com 128m de comprimento, abre-se para a Rua Corregidor Luis de la Cerda. Sobre a cota de implantação mais baixa, é a parede mais alta de todo o conjunto, constituindo uma imagem de muralha que se dilui nas fachadas laterais, à medida que estas sobem até à Porta del Perdón.

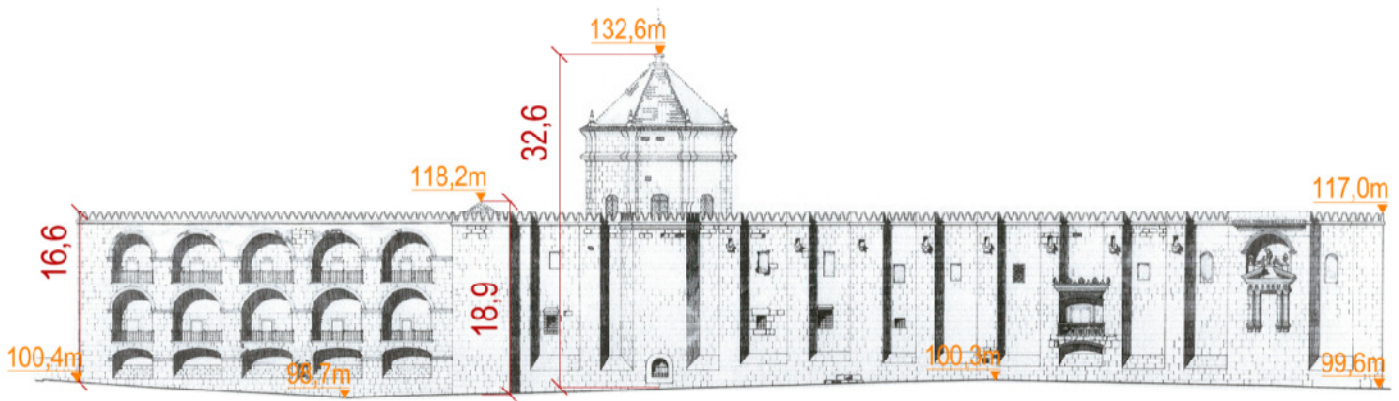


Figura 168 dimensões gerais da qibla e cotas altimétricas relevantes no assentamento da Mesquita.

0 25m

Quase paralela à qibla, a fachada norte, com 124m de comprimento, volta-se para a Rua Cardenal Herrera. Nesta rua há um largo, entre a Porta del Perdón e a Rua de la Judearia. Esta parede inclui um oratório cristão em frente à Rua Velázquez Bosco.

As fachadas laterais medem cerca de 175m.

Na Rua Magistral González Frances, a Praça Santa Catalina, com uma forma triangular, abre-se em frente à Porta da Mesquita com o mesmo nome.

A fachada poente da Mesquita é ladeada pela Rua dos Torrijos, que desce desde a Rua Cardenal Herrera até à Praça del Triunfo. A meio desta rua, um largo arborizado, oblongo, serve de adro à Igreja de San Jacinto.

À excepção da qibla, a Mesquita é envolvida por uma plataforma que distribui pelas portas do edifício e inclui escadas de acesso. A implantação quase rectangular é regularizada por esse passeio que assimila as saliências da fachada.

Na qibla, o embasamento está incluído no desenho da fachada mas não tem acessos directos ao interior do edifício.

A Mesquita de Córdoba não está orientada para Meca, facto que tem sido alvo de muita especulação mas de poucas conclusões.³⁴⁴

Entre as várias hipóteses, uma aponta para um erro de cálculo na utilização do método oriental que, todavia, no século VIII não era rigoroso.

“Outra razão [é de acordo com a] tradição (...) das mesquitas omíadas da Síria e da Palestina”³⁴⁵, que estavam orientadas para Sul.

³⁴⁴ Localizações importantes na consideração da orientação da Mesquita de Córdoba: Meca – 39°49' longitude este; 21°27' latitude norte; Damasco – 36°18' longitude este; 33°30' latitude norte; Jerusalém – 35°15' longitude este; 31°50' latitude norte; Mesquita de Córdoba – 4°46'70" longitude oeste; 37°52'77" latitude norte., NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 68.

³⁴⁵ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 36.

Outra hipótese parte da orientação da Basílica de San Vicente que ocupou o solar da Mesquita antes da construção de Abd al-Rahman I e que durante 70 anos foi partilhado por cristãos e muçulmanos, sendo que os últimos dirigiam as suas orações para Sul.

A quarta remete para o paralelismo entre o “eixo da Mesquita de Córdoba [e o] eixo maior da Ka’aba”³⁴⁶, alvitando a precisão da orientação da qibla cordovesa. Se considerarmos “que o conjunto [da] Mesquita de Abd al-Rahman I formava um quadrado [e] o muro [da qibla estaria] orientado a cerca de 28º a Nascente de Sul, [pode] comprovar-se facilmente que é paralelo aos muros noroeste e sudoeste da Ka’aba. [Sendo a Ka’aba quase quadrada], podemos conjecturar que o quadrado do conjunto arquitectónico [de] Abd al-Rahman I poderia constituir uma intenção [de reproduzir a própria] Ka’aba. [Com cada um dos] lados iguais paralelo ao correspondente do edifício de Meca. [Esta] hipótese [volta] à teoria tradicional (...) das mesquitas sírias”³⁴⁷.

“Em todo o caso, o grande valor simbólico que teve para os andaluzes este oratório fundado por Abd al-Rahman I, o Emigrado, fez com que se respeitasse a sua orientação e que se conservasse e imitasse a sua estrutura”³⁴⁸, em todas as fases da sua construção.

Figura 169 relação entre a direcção das qiblas sírias e das andaluzas.

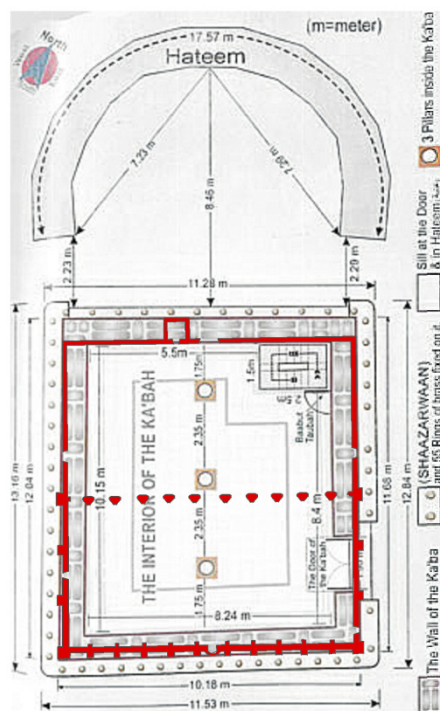
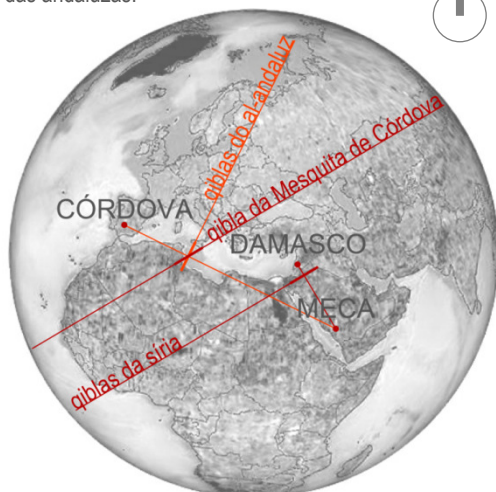


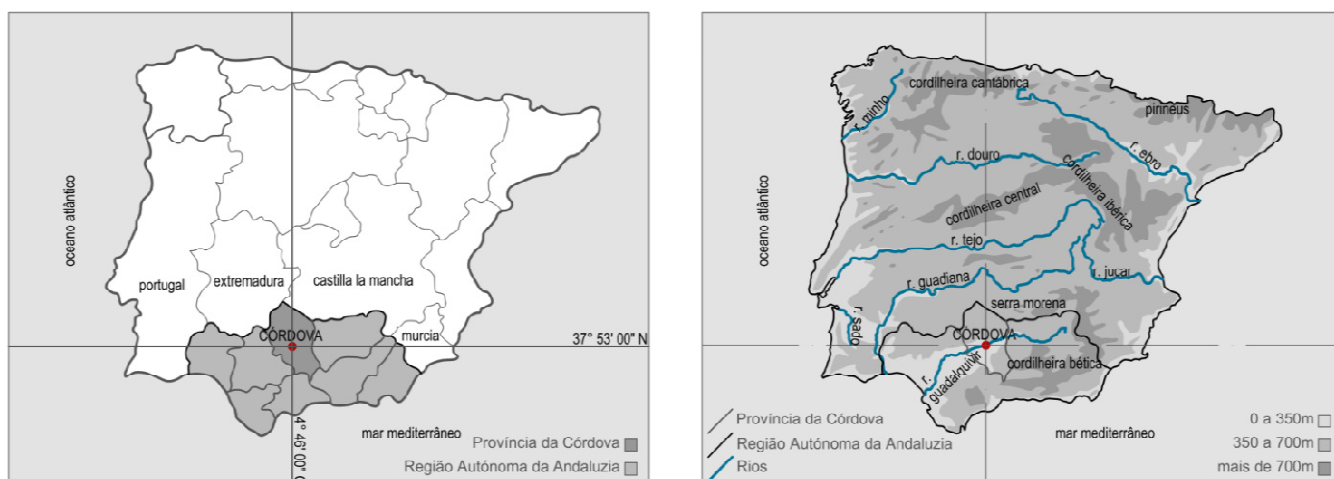
Figura 170 comparação da orientação e das proporções da Ka’aba, em Meca, e da Mesquita de Abd al-Rahman I, em Córdoba. A orientação é, precisamente, a mesma; as dimensões dos dois edifícios são diferentes, sendo a Mesquita Maior do que a Ka’aba, mas o quadrilátero que rodeava o conjunto da Mesquita pelo exterior (incluindo a sala de orações, o pátio e o minarete) tem proporções iguais às da planta da Ka’aba.

³⁴⁶ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, pp. 67.

³⁴⁷ *Ibid.*, pp. 67 e 68.

³⁴⁸ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 37.

4.5 Origens



Os recursos geológicos de Córdova foram uma das principais razões para a escolha do assentamento de vários aglomerados populacionais ali. Na encosta meridional da Serra Morena, há vestígios, desde o Bronze Final. A riqueza geológica da região promoveu intensas trocas comerciais.

O carácter sagrado do lugar onde se ergue a Mesquita-Catedral de Córdova remete para factos históricos e lendários. Dos últimos destacam-se a existência de um templo judaico, mandado construir pelo Rei Salomão, e um templo romano em honra de Jano.³⁴⁹

A tese relativa ao templo judaico chega-nos por uma crónica árabe, do século XIV, cujo autor se baseia em tradições orais. Aí consta que o Rei Salomão, de passagem por Córdova, terá mandado encher e terraplenar aquele lugar, pois ali se ergueria um templo³⁵⁰. Na Idade do Bronze, esse local era uma necrópole dos Tartessos. O Livro dos Reis, do Antigo Testamento, corrobora as relações comerciais entre a corte de Salomão e Tarsich.³⁵¹ Em 961, durante a segunda ampliação da Mesquita, diz-se que o influente ministro das Finanças, o judeu Ibn Shaprut Hasday, não pagou a obra até que fosse representada a estrela de David, na primeira cúpula, recordando o templo que Salomão ali tinha construído.³⁵²

Figura 171 localização de Córdova, vizinhança geográfica e mapa hipsométrico da Península Ibérica.

Córdova é a capital da Província com o mesmo nome que, por sua vez, pertence à região autónoma da Andaluzia, a mais meridional de Espanha. A região faz fronteira com Portugal, a Poente, com as regiões da Extremadura, de Castilla la Mancha e de Múrcia, a Norte e Nascente, com o Mar Mediterrânico, a sudeste, e com o Oceano Atlântico a sudoeste, e, em Tarifa, chega a distar menos de 16 km do Norte de África.

A região da Andaluzia é muito rica em minérios. O seu principal rio é o Guadalquivir que banha as cidades andaluzas mais importantes e que divide a Região por três unidades morfológicas. Tem um clima continental com pouca precipitação e com grandes amplitudes térmicas. A Província de Córdova, a nordeste, ultrapassa os 600m de altitude.

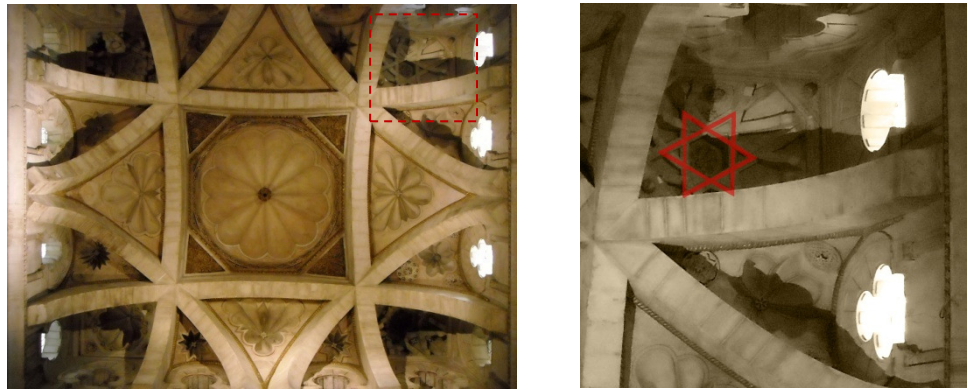
³⁴⁹ NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 35.

³⁵⁰ "Encham e nivelem este lugar, pois aqui se erguerá um templo onde se renderá culto a Deus Altíssimo" Após a construção do templo, Salomão terá mandado que rabinos israelistas povoassem a região e que aí implementassem as leis da Tora e dos Salmos., NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 35.

³⁵¹ RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=1>.

³⁵² *Ibid.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=1>.

Figuras 172 e 173 estrela de David na cúpula da Capela de Villaviciosa.



O segundo templo foi dedicado ao Deus bifronte Jano. Este existiu, de facto, sabe-se que era rectangular, hexastilo e anfiportal mas desconhece-se a sua implantação exacta.³⁵³

Junto a grandes rotas militares, Córdoba era um local estratégico para a implantação de um acampamento romano, em 206 a.C., durante as guerras púnicas.³⁵⁴ O primeiro assentamento urbano remete para um período entre 169 e 152 a.C. O assentamento militar, pré-urbano e a fundação da cidade cívica constituíam dois centros. Segundo Estrabão³⁵⁵, a cidade cívica localizava-se a nordeste do núcleo militar.³⁵⁶

“A Córdoba romana era uma cidade amuralhada, de forma rectangular. [Tinha] dois fóruns e duas vias principais que confluíam [no centro cívico que é] o centro da Córdoba moderna.”³⁵⁷ A cidade tinha dois distritos perfeitamente diferenciados: o primeiro, de origem militar, junto à Mesquita; e o segundo, o cívico, com o fórum junto ao templo da Plaza de las Tendillas.

Com as reformas de Augusto, Córdoba tornou-se capital da Hispânia Ulterior e da Bética. Para a sua pujança contribuiu a construção da Via Augusta, da qual restam a Rua de Torrijos e a Ponte sobre o Guadalquivir.

Durante a Tetrarquia, a capital de Hispânia foi transferida para Sevilha. A distância do governo favoreceu a progressão do Cristianismo, proibido na altura, na região cordovesa.

Córdoba foi conquistada pelos visigodos, em 572, passando a integrar o reino de Toledo. Os espaços públicos do Baixo Império sofreram uma

³⁵³ *Ibid.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=2>.

³⁵⁴ JÜRGENS, *Op.cit.*, p. 39.

³⁵⁵ Estrabão (Amásia, Capadócia, C.58 Ac – C.25 Dc), geógrafo grego autor de “memórias históricas” e de uma preciosa “geografia”. A.A.V.V. “Dicionário Enciclopédico – KLS: Nomes Próprios”. p. 1195.

³⁵⁶ A.A.V.V., “Ayuntamiento de Córdoba”, <http://www.ayuncordoba.es/cordoba-romana.html>.

³⁵⁷ ÁLVAREZ, ELÍAS e FERNÁNDEZ, *Op.cit.*, p. 2.

amortização, com o abandono das estruturas domésticas que levavam à decadência urbana.³⁵⁸

Córdova passou a ser sede episcopal e o complexo religioso principal foi trasladado para Sul. A zona meridional da cidade organizou-se como principal cenário de poder. Sobre o templo de Jano, terá sido construída a Basílica de San Vicente, no século VI. O complexo episcopal emulava os palácios imperiais de Justiano.³⁵⁹

A Igreja visigoda, de planta basilical, tinha uma orientação Nascente-Poente, com três absides à cabeceira, a Oriente. O seu comprimento total não excedia os doze metros.

As constantes guerras civis visigodas, provocadas por revoltas nobiliárias, permitiram a conquista da cidade pelos exércitos árabes e berberes, em 711. Acordos entre mouros e godos favoreceram uma conquista, pacífica, em troca da subordinação do povo conquistado. Em 716, Córdova tornou-se capital do al-Andaluz, uma província do Califado de Damasco.³⁶⁰

A dinastia Omíada, herdeira directa do Califado de Damasco, foi perseguida pelos abássidas³⁶¹ que usurparam o governo. Abd al-Rahman I escapou e chegou ao al-Andaluz, em 756. Proclamou a independência do Emirado e tornou-se autoridade única da Andaluzia.

A Basílica de San Vicente foi dividida em duas partes, passando a desempenhar, simultaneamente, funções de Catedral e de Mesquita Aljama. Cristãos e Muçulmanos partilharam a mesma cidade e o mesmo edifício principal de culto. A partilha da Basílica Paleocristã entre árabes e cristãos distribuía-os no espaço, respectivamente, a Sul e a Norte. O aumento exponencial de população islamizada e o crescente protagonismo político da cidade tornaram o edifício obsoleto e fomentaram a fundação de uma Mesquita Aljama. A Basílica-Mesquita paleocristã ocupava, naturalmente, o local favorito. Em 785, Abd al-Rahman I comprou aos cristãos esse espaço. A construção da

³⁵⁸ MARFIL, "La Mezquita – Catedral de Córdoba: símbolo universal de alianza de civilizaciones", <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=-14>.

³⁵⁹ Ibid., <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=-14>.

³⁶⁰ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p.15.

³⁶¹ A dinastia ABÁSSIDA (750-1258) foi fundada por Abbas, no Irão. Teve um papel fulcral na organização de Bagdad, de um Estado centralizado teocrático e pluriétnico, no seio do qual o árabe constituiu a língua de cultura e de comunicação entre todos os povos do Islão. THORAVALL, *Op.cit.*, pp. 7 e 8.

nova Mesquita durou menos de um ano, para o que foi fundamental a reutilização de elementos arquitectónicos de construções antigas.³⁶²

Córdoba conheceu um extraordinário desenvolvimento urbano, que teve o seu apogeu, em 929, quando Abd al-Rahman III se auto-proclamou o primeiro Califa do Ocidente. No auge do Califado, chegou a ter “mais de um milhão de habitantes, cerca de 100.000 casas, 300 mesquitas, 900 banhos públicos e 80 escolas”³⁶³.

A Mesquita-Catedral é fruto de múltiplas intervenções. Quase “todos os emires e califas omíadas realizaram alguma obra no edifício [, o que era] quase uma obrigação e signo de prestígio”³⁶⁴. Este edifício foi a segunda maior mesquita, apenas ultrapassada pela da Ka’aba.

A cidade, quanto ao fomento e protecção da vida científica, era o lugar mais importante da Europa alto medieval. À sua Madrassa³⁶⁵ chegavam estudantes de todos os lados. A sua biblioteca era uma das mais ricas do mundo, mas a ditadura de Almanzor destruiu grande parte dela.

Entre os séculos VIII e XIII, sob o domínio islâmico, registaram-se quatro períodos políticos diferentes: o Emirado Independente; o Califado; a República dos Banu Yhawar e os Reinos de Taifas³⁶⁶. O governo esteve nas mãos de quatro dinastias: os abásidas, os omíadas, os almorávidas³⁶⁷ e os almóadas³⁶⁸. A Mesquita Aljama cordovesa foi o local de eleição de todos os governos como centro político e religioso.³⁶⁹

No século XIII, Fernando III de Castela reconquistou Córdoba e a Mesquita Aljama foi consagrada como Catedral cristã.

Se, por um lado, a construção da Catedral impôs uma quebra espacial na sala de oração da Mesquita, por outro lado, a sobrevivência do edifício ficaria condicionada pela inadequação de um edifício islâmico com mais de um hectare

³⁶² NIETO CUMPLIDO, *Op.cit.*, p. 62.

³⁶³ JÜRGENS, *Op.cit.*, p. 39.

³⁶⁴ CALVO CAPILLA, *Op.cit.*, p. 37.

³⁶⁵ MADRASSA, geralmente ligada à mesquita, é a escola islâmica onde, entre muitas outras disciplinas, os alunos são ensinados a comportar-se em sociedade, segundo os princípios do Corão. Estas universidades eram mantidas por fundações religiosas ou por mecenas como califas, sultões ou particulares ricos. THORAVAL, *Op.cit.*, pp. 149 e 150.

³⁶⁶ Reinos de taifas é um termo da história Ibérica que designa os cerca de 30 estados muçulmanos que se sucederam entre 1009 e 1091. THORAVAL, *Op.cit.*, pp. 214 e 215.

³⁶⁷ Os ALMORÁVIDAS foram uma dinastia berbere que reinou sobre Marrocos, o Magreb ocidental e parte da Espanha, entre 1055 e 1147. THORAVAL, *Op.cit.*, p. 20.

³⁶⁸ Os ALMÓADAS (1130 a 1269) foram uma dinastia fundada pelo reformista berbere Ibn Tumert em reacção ao maleiquismo dos últimos almorávidas. THORAVAL, *Op.cit.*, pp. 19 e 20.

³⁶⁹ RECIO MATEO, *Op.cit.*, <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=5>.

de área útil, num território exclusivamente cristão. Apesar de polémica, esta intervenção foi o principal elemento da conservação do edifício.³⁷⁰

Não sendo capital da Espanha cristã, Córdova entrou num grande retrocesso urbano. No século XVII, graças ao comércio e a algumas indústrias locais readquiriu um certo protagonismo nacional, mas a principal fonte económica da cidade veio a ser o turismo que a excepcional Mesquita-Catedral atrai.³⁷¹

³⁷⁰ Ibid., <http://www.mezquitacatedral.es/index.php?act=mostrarContenidos&ca=-19>.

³⁷¹ JÜRGENS, *Op.cit.*, p. 40.

5. DO ESPAÇO PÚBLICO E DO SAGRADO

Este trabalho estudou dois casos espacial e culturalmente complementares, cada um com dois hectares e doze séculos. A Praça do Obradoiro é um espaço extrovertido, público, que serve outro sagrado, marcadamente influenciado pela cultura cristã. A Mesquita de Córdoba é um espaço introvertido, sagrado, que inclui funções civis, distinguido pelas suas características islâmicas. Para entender os valores simbólico e prático destes casos foi necessário remontar às circunstâncias da fundação de cada um.

O programa iconográfico do Pórtico da Glória transcreve para a construção o Apocalipse (21, 23): “A cidade não necessita nem de sol nem de lua que a iluminem, porque a ilumina a glória de Deus, e a sua lâmpada é o Cordeiro”.³⁷² Este elemento tornou-se a sinédoque do valor sagrado de Santiago de Compostela. A cidade incluiu outras funções, sem deixar de ser Cidade Santa.

A Catedral impulsionou decisivamente a cidade e o seu urbanismo, reflectindo uma aura sagrada. A Praça do Obradoiro é um espaço público, que se relaciona com vários equipamentos historicamente dependentes da vida da Catedral. Depende dos edifícios que a circundam, principalmente da Catedral, cuja fachada principal monopoliza o espaço, subvertendo o seu carácter público em outro marcadamente sagrado.

A Mesquita-Catedral de Córdoba é um equipamento sagrado. O estudo da fundação de Abd al-Rahman I é fulcral para a compreensão do simbolismo que acarretou, das premissas programáticas a que esteve sujeito, bem como das sucessivas ampliações e assimilações de objectos que lhe eram estranhos. Este edifício representou a independência do Emirado cordovês e a reconquista cristã. Foi ponto de partida de muito do conhecimento artístico e científico da Idade Média. Incluiu várias funções civis e religiosas. Nasceu e cresceu com a Umma e amadureceu com a Igreja. Dentro de uma tipologia de pretexto sagrado é um espaço público coberto, uma escola de valores culturais remotos, um museu vivo e uma grande atracção turística.

O caso galego está subordinado aos edifícios que o envolvem, o andaluz é auto-suficiente; ambos são inegavelmente espaços colectivos. A Praça do

³⁷² PERRÍN, *Op.cit.*, pp.74 e 75.

Obradoiro é o fundo civil que fomenta o destaque da figura sagrada adjacente. A Mesquita é a figura sagrada que se destaca do fundo civil que a envolve.

Com esta investigação observou-se inversão das categorias imediatas de cada caso de estudo. O espaço público da Praça do Obradoiro está de tal modo influenciado pela Catedral que lhe é indissociável o carácter sagrado; o espaço sagrado da Mesquita de Córdoba revelou-se uma fonte inesgotável de actividades cívicas, passadas e actuais, que a tornam um espaço público por excelência.

A arquitectura deve sobreviver ao seu uso inicial. Mas a sua conservação formal não deve ser inflexível ao ponto de levar à desadequação funcional que decreta o final da vida útil do edifício.

Sob a classificação de património da humanidade, a intransigência de conservar uma obra vem, muitas vezes, associada com a sua mumificação. A atribuição de valor museológico aos monumentos classificados inibe as suas adaptações funcionais em prol de uma conservação formal. Quando a arquitectura não tem outra função que não seja a do ornamento é escultura; não deixar o edifício receber uma função pertinente, pode levar ao obsoletismo e ao extermínio da obra.

“O tempo, com muitos arquitectos e inúmeros habitantes, permite [a densidade e a beleza] que vemos (...) nas cidades antigas e que hoje nos parece inatingível. [Esta] condição não representa um drama, mas antes uma lição que torna possível esta lenta construção, de modo a que o resultado não seja frágil.”³⁷³ Esta extraordinária observação corrobora a necessidade de construir de acordo com a vida útil dos espaços. São a paciência e a sabedoria de esperar conclusões, aceitar mudanças e recriar soluções que trazem o melhor património à humanidade.

O papel comercial da sacralização artificial torna as obras mediáticas, lugares preferenciais para acrescentar à lista de locais visitados, mais por vaidade do que por fascínio genuíno. O valor patrimonial eleva os monumentos a uma categoria de espaço intocável e a divulgação desse valor atira-os para um panorama de celebridade que atrai multidões que nem sempre são capazes de respeitar a sua essência.

³⁷³ SIZA, *Op.cit.*, p. 124.

Os casos de estudo deste trabalho são espaços cujo simbolismo e valor monumental e cultural os levou a integrar o património da humanidade da UNESCO. A sua sobrevivência deve-se ao facto de se terem mantido sempre em funcionamento, pela actualização do seu uso, dentro de contentores arquitectónicos que se mantiveram mais ou menos estáveis.

Os edifícios da Praça do Obradoiro adequaram a sua função às necessidades que foram emergindo. A adequação do granito a este local potenciou a sua resistência física. A Praça manteve-se activa, sobreviveu ao tempo e às alterações sociais sem comprometer a sua arquitectura.

Uma Mesquita Aljama é, por natureza, um edifício flexível. Para acolher toda a comunidade de uma cidade, o seu volume depende, directamente, de aumentos ou reduções populacionais. O caso da Mesquita de Córdoba não foi diferente, o genial sistema estrutural árabe potenciou-lhe flexibilidade funcional e adaptabilidade física. Este edifício dominou a cidade durante os cinco séculos de ocupação islâmica. A reconquista cristã integrou-o no conjunto dos seus espaços sagrados. A Catedral, no centro da antiga sala de oração, conservou o valor útil deste edifício, por mais sete séculos.

CRONOLOGIA

1500 a 1200 a.C.	Ocupação pelos Tartessos	Sul	Cemitério Tartesso em Córdoba (não há provas históricas)
s. XII a.C.	Colónias Fenícias	Costa Mediterrânica	
970 a 931 a.C.	Salomão – rei de Israel	Córdoba	Templo Judeu em Tarsich (não há provas históricas)
s. VI a.C.	Ocupações por vários povos:	Iberos	Sul e Este
		Celtas	Norte e Oeste
		Cartagineses	Costa Mediterrânica
		Gregos	
Diáspora Judaica			
218 a.C.	Primeiro desembarque das tropas romanas	Ampúrias - Costa Este	
206 a.C.	Caio Márcio estabelece um acampamento romano em Córdoba	Córdoba	
s. III a.C.	As guerras púnicas fomentam a construção de templos romanos na Península Ibérica	Córdoba	Construção do templo de Jano (de acordo com vestígios de elementos arquitectónicos e não de fundações do edifício)
169 a 152 a.C.	Marco Claudio Marcelo funda a cidade de Córdoba	Córdoba	
19 a.C.	Conquista Romana	Península Ibérica	
c. 44	Morte do Apóstolo Tiago, o Maior	Santiago de Compostela	Construção do mausoleu romano
74	Vespasiano transforma Iria Flavia em municipium	Galécia	
70	Segunda entrada de judeus: Sefardins	Sul	
c. 200	Cristianização	Península Ibérica	
s. III	Constituição das províncias Galécia e Astúrica	Norte	
313	Costantino decreta a liberdade de culto	Império Romano	
390	Teodósio institui o Cristianismo como religião oficial	Império Romano	
395	Cisão do Império Romano		Ocidental com capital em Roma; Oriental com capital em Constantinopla
s. V	Invasão das tribos Germânicas:	Suevos (409 a 585 com capital em Braga)	Noroeste – Galécia Romana
		Alanos (409 a 418 com capital em Beja)	Sudoeste – Lusitânia e Cartaginense Romanas
		Vândalos	Sul – Bética Romana
415	Visigodos chegam em auxílio dos romanos contra os bárbaros	Península Ibérica	
567 a 711	Reino Visigodo	Península Ibérica excepto noroeste	
585	Integração do Reino Suevo no Reino Visigodo	Península Ibérica	
s. VI		Córdoba	Basilíca Paleocristã de San Vicente
605	Morre Recaredo, o primeiro Rei Visigodo cristão		
612	Maomé anuncia-se como Profeta	Meca	

622	Hégira: fuga de Maomé	De Meca para Medina	
624	Os visigodos reinam sobre toda a Península		
629	Os Bizantinos são expulsos da Península		
660 a 750	Damasco é a primeira capital do Califato Omíada	Damasco	Constrói-se a primeira mesquita (705)
756	Abd al-Rahman I vence os abássidas na batalha de al-Musara e instaura o Emirado Omíada de Córdoba	al-Andalus	
756 a 788	Emirado de Abd al-Rahman I	Córdoba	Demolição da Basílica de San Vicente e construção da Mesquita (786 a 787)
788 a 796	Emirado de Hisham I	Córdoba	Pia de abluções e o primeiro minarete da Mesquita Aljama
791 a 842	Reinado de Afonso II, o Casto	Santiago de Compostela	Construção da primeira igreja e do mosteiro de San Paio de Antealtares
813	O eremita Pelaio comunica a Teodomiro, bispo de Iria Flavia, o seu achado	Santiago de Compostela	Descoberta do túmulo do Apóstolo Tiago, o Maior
829		Santiago de Compostela	Já existem várias construções modestas em volta do túmulo do Apóstolo
822 a 852	Emirado Abd al-Rahman II	Córdoba	Primeira ampliação da Mesquita Aljama (833)
s. IX	Início das Peregrinações	Santiago de Compostela	
s. IX (finais)	Afonso III	Santiago de Compostela	Construção da segunda Basílica e do mosteiro de San Martín Pinário
888 a 912	Emirado de Abd Allah	Córdoba	Construção do primeiro passadiço entre o alcazar e a Mesquita
912 a 929	Emirado de Abd al-Rahman III	Córdoba	
929	Abd al-Rahman III instaura o Califado de Córdoba	Córdoba	
929 a 961	Califado de Abd al-Rahman III	Córdoba	
961 a 976	Califado de al-Hakam II	Córdoba	Segunda ampliação da Mesquita Aljama (964)
976 a 108	Califado de Hisham II: Almanzor é primeiro ministro ou <i>hayib</i> do Califado	Córdoba	Terceira ampliação da Mesquita Aljama (987), patrocinada por Almanzor
997	Invasões árabes sob o comando de Almanzor	Santiago de Compostela	Destruição da Basílica de Afonso III
1031	Fim do Califado de Córdoba	Córdoba	
1075 a 1211	Reino Visigodo	Santiago de Compostela	Construção da Basílica Românica
s. XI (último quartel)	Mestre Esteban	Santiago de Compostela	Porta das Praterias – fachada sul da Catedral, na Praça das Praterias
1101	Diego Xelmírez patrocina várias acções urbanísticas	Santiago de Compostela	Palácio de Xelmírez
1146	Afonso VII de Castela conquistou Córdoba aos Muçulmanos	Córdoba	Primeira consagração da Mesquita Ajama como Igreja
1188	Mestre Mateo	Santiago de Compostela	Conclusão do Pórtico da Glória
s. XII	Publicação do "Códice Calixtino"	Santiago de Compostela	Guia dos peregrinos de Santiago de Compostela
1236	Reinado de Fernando III	Córdoba	Mesquita – Igreja torna-se Catedral
1266		Córdoba	Capela Maior gótica
1286		Córdoba	Capela Real mudéjar
s. XVI	Juan de Álava	Santiago de Compostela	Claustro da Catedral

DO ESPAÇO PÚBLICO E DO SAGRADO

s. XVI	Rodrigo Gil de Hontañón	Santiago de Compostela	Casa de las Praterías
s. XVI	Domingo de Andrade	Santiago de Compostela	Torre del Reloj, entre as Praças das Praterías e da Quintana
1511	Enrique Egas patrocinado pelos Reis Católicos	Santiago de Compostela	Hospital Real
1523 a 1607	Reinado de Carlos V	Córdova	Construção da Catedral renascentista dentro da antiga Mesquita
1590 a 1738	Vários arquitectos	Santiago de Compostela	Fachada setentrional do mosteiro de San Martín Pinário
1600	Mateo Lopez e de Fernandez Lechuga	Santiago de Compostela	Fachada poente do Mosteiro de San Paio de Antealtares, na Praça da Quintana
1606	Ginés Martínez	Santiago de Compostela	Escadaria da Catedral
1614	Jácome Fernández	Santiago de Compostela	Conclusão da fachada poente do Claustro e Torre de la Vela
1618		Córdova	Primeira alteração do minarete islâmico
1652	Fernández Lechuga	Santiago de Compostela	Colégio de San Xerome
1680	José Peña de Toro e Domingo Andrade	Santiago de Compostela	Torre de las Campanas
1683	Domingo de Andrade	Santiago de Compostela	Casa da Parra, na Praça da Quintana
1738 - 1750	Casas y Novoa	Santiago de Compostela	Obradoiro – fachada poente da Catedral e Torre da Carraca
1755		Córdova	Reparação do Campanário com um desenho barroco
1757	Duque Cornejo	Córdova	Cadeiral barroco para o coro
1758	Clemente Fernández Sarela	Santiago de Compostela	Casa del Cabildo, na Praça das Praterías
1766 a 1777	Lucas Ferro Caaveiro, Andrés García de Quiñones e Carlos Lemaur	Santiago de Compostela	Palácio de Raxoi
s. XVII e XVIII	Domingo de Andrade e Casas y Novoa	Santiago de Compostela	Casa da Conga, entre as Praças das Praterías e da Quintana
s. XVIII (meados)	Clemente Fernández Sarela	Santiago de Compostela	Porta da Parroquia – fachada setentrional da Catedral, na Praça da Inmaculada
1829	Juan Sanmartín	Santiago de Compostela	Fonte dos Cabalos, na Praça das Praterías
1945		Santiago de Compostela	Banco de España, na Praça das Praterías
1984	UNESCO (ref: 313)	Córdova	A Mesquita de Córdova é classificada como Património da Humanidade
1985	UNESCO (ref: 347)	Santiago de Compostela	Centro Histórico de Santiago de Compostela classificado como Património da Humanidade
1994	UNESCO (ref: 313)	Córdova	A envolvente da Mesquita de Córdova entra na lista do Património da Humanidade por extensão

BIBLIOGRAFIA

bibliografia geral:

A.A.V.V. “A Bíblia Sagrada”

S. Paulo: Edições Paulinas. 1987.

A.A.V.V. “The Holy Qur’an”

Birmingham: Wordsworth Classics of World Literature, 2000.

BENEVOLO, Leonardo. “História da Cidade”

São Paulo: Perspectiva. 2005.

CRUZ PINTO, Jorge. “A Caixa: Metáfora e Arquitectura”

Lisboa: F.A.U.T.L., 2007.

DINIZ, Maria Emília; CALDEIRA, Arlindo; TAVARES, Adérito.
“História 7”

Porto: Editorial O Livro. 1992.

GIDDENS, Anthony. “Sociologia”

Lisboa: Calouste Gulbenkian. 2004.

GUERRA, Maria Luísa. “História: antiguidade”

Porto: Porto Editora. 1976.

HUMPHREY, Caroline; VITEBSKY, Piers. “Arquitectura Sagrada”

Colónia: Evergreen – Taschen. 2002.

JÜRGENS, Oskar. “Ciudades Españolas – su desarrollo y configuración urbanística”

Madrid: Ministerio para las Administraciones Publicas. 1992.

MORRIS, A. E. J. “Historia de la Forma Urbana”

Barcelona: Gustavo Gili. 1984.

NAVASCUÉS PALACIO, Pedro; SARTHOU CARRERES, Carlos.
“Catedrales de España”

Madrid: Esparsa – Calpe. 1990.

PENNICK, Nigel. “Geometria Sagrada”

São Paulo: Pensamento. 1989.

PEREIRA, Paulo. “História da Arte Comparada”

Lisboa: Círculo de Leitores. 1995.

ROSSI, Aldo. “A Arquitectura da Cidade”

Lisboa: Edições Cosmos. 2001. (1ª ed. 1966)

SIMÕES RODRIGUES, António Augusto. “História Comparada”.
volume I

Lisboa: Círculo de Leitores. 1996.

SIZA, Alvaro. “Imaginar a Evidência”

Lisboa: Edições 70. 2000.

bibliografia sobre a praça do obradoiro em santiago de compostela:

GARCÍA FERNANDEZ, José Luis. "La plaza en la ciudad y otros espacios significativos : Galicia : Asturias : Cantabria : País Vasco : Navarra"

Madrid: Hermann Blume. 1986.

LÓPEZ CARREIRA, Anselmo. "A Cidade Medieval Galega"

Vigo: A Nossa Terra. 1999.

MARTÍ ARÍS, Carlos. "Santiago de Compostela : la ciudad histórica como presente"

Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago. 1995.

PERRÍN, Ramon Ysquierdo. "Santiago de Compostela em La Edad Media"

Madrid: Edilupa. 2002.

RINCÓN, Wilfredo. "Plazas de España"

Madrid: Espasa. 1999.

SEOANE PRIETA, José Raúl. "Santiago de Compostela". vol.I – La Catedral

A Coruña: Xuntanza. 1993.

SEOANE PRIETA, José Raúl. "Santiago de Compostela". vol.II – Ciudad.

A Coruña: Xuntanza. 1993.

A.A.V.V. "Catholic.net"

12 de Maio de 2009. 22:37.
<http://es.catholic.net/turismoreligioso/515/1914/articulo.php?id=18229>.

A.A.V.V. "Compostela Virual"

09 de Março de 2009. 16:17.
<http://www.compostelavirtual.com/nuestraciudad/informacion/>.

A.A.V.V. "Galicia, la guía turística"

15 de Março de 2009. 14:22. <http://www.galinor.es/santiago/monum-e.html>.

A.A.V.V. "Santiago de Compostela y su Entorno"

25 de Fevereiro de 2009. 18:49. <http://usuarios.lycos.es/camino/santiago.htm>.

A.A.V.V. "Santiago Historia y Leyenda"

09 de Março de 2009. 15:06. <http://www.red2000.com/spain/santiago/1histor.html>.

plano da cidade de Santiago de Compostela, de 1999, em formato dwg.
Dirección de Área de Urbanismo – Ayuntamiento de Santiago de Compostela

bibliografia sobre a mesquita-catedral de córdoba:

A.A.V.V. “Santiago - al-Andaluz, diálogos artísticos para un milenio: conmemoración do milenario da restauración da cidade de Santiago despois do razzia de Almanzor (997-1997)”

Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, D.L. 1997.

ÁLVAREZ, Luís; ELÍAS, Salvador; FERNÁNDEZ, Enrique. “La Mezquita”

Madrid: Intuco. 1989.

CALVO CAPILLA, Susana. “Urbanismo en la Córdoba Islámica”

Madrid: Edilupa. 2002.

LÓPEZ PALOMO, Luis Alberto. “Mezquita-Catedral de Córdoba – cuaderno del profesor: 2.º ciclo de la E.S.O.”

Córdoba: Junta de Andalucía. 2000.

NIETO CUMPLIDO, Manuel. “La Catedral de Córdoba”

Córdoba: Publicaciones Obra Social y Cultural CajaSur. 1998.

NIETO CUMPLIDO, Manuel; TENA Y ALVEAR, Carlos Luca de. “La Mezquita De Cordoba: Planos Y Dibujos”

Córdoba: Colégio Oficial de Arquitectos de Andalucía Occidental. 1992.

TORRES BALBAS, Leopoldo. “Ciudades Hispano – Musulmanas”

Madrid: Instituto Hispano – Arabe de Cultura. 1985. (1ª ed. 1971)

A.A.V.V. “Ayuntamiento de Córdoba”

14 de Dezembro de 2008. 15:45. <http://www.ayuncordoba.es/cordoba-romana.html>.

A.A.V.V. “La Mezquita – Catedral de Córdoba: símbolo universal de alianza de civilizaciones”

05 de Janeiro de 2009. 20:49. <http://www.mezquitacatedral.es/>.

planos da cidade de Córdoba, de 1992 e de 1997, em formato jpeg e dwg, respectivamente

Gerencia de Urbanismo – Ayuntamiento de Córdoba

outra bibliografia de apoio:

A.A.V.V. “POLIS, Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado – Antropologia Direito Economia Ciência Política”

Viseu: Verbo. 1983.

A.A.V.V. “Teorie della progettazione architettonica”

Bari: Dedalo. 1968.

A.A.V.V. “Dicionário Enciclopédico – KLS: Nomes Próprios”

Rio de Janeiro: Larousse do Brasil. 1979.

FERNÁNDEZ, Manuel. “Amar Córdoba”.

Córdoba: Diario Córdoba. 25 de Fevereiro de 2007.

FIALHO DE SOUSA, Pedro; MADEIRA RODRIGUES, Maria João; PEREIRA BONIFÁCIO, Horácio Manuel. “Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitectura”

Coimbra: Quimera. 1996.

GOLDFINGER, Myron. “Arquitectura Popular Mediterránea”

Barcelona: Gustavo Gili. 1993.

OLIVEIRA, Leonel. “Nova Enciclopédia Larousse”

Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

PÉREZ HIGUERA, Teresa. “O melhor da Arte Islâmica”

Lisboa: G & Z Edições. 1997.

ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni. “Eduardo Souto de Moura”

Milão: Gustavo Gili. 2003.

TRIGUEIROS, Luiz. “Eduardo Souto de Moura”

Lisboa: Editorial Blau Lda. 1994.

THORAVAL, Yves. “Dicionário Temático Larousse: Civilização Muçulmana”

Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000 .

A.A.V.V. “Google Earth”

<http://earth.google.com>.

A.A.V.V. “Wikipedia”

<http://pt.wikipedia.org/wiki>.

A.A.V.V. “World Heritage”

<http://whc.unesco.org/en/list/347>.

SEVEN. “Arquitectura” 2007

25 de Novembro de 2008. 14:19.

http://blog.uncovering.org/archives/2007/12/igreja_de_vikki.html.

CRÉDITOS

Figura da Capa produção com base em fotografias da autora.

Figura 1 produção da autora com base em DIRECIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 2 produção da autora com base em GERENCIA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Córdoba, “PL23515”, ficheiro dwg.

Figura 3 produção da autora a partir de várias fontes.

Figura 4 ZERBST, “Antoní Gaudí”, p. 193

Figura 5 BENEVOLO, “História da Cidade”, p. 231.

Figura 6 fotografia da autora.

Figura 7 fotografia da autora.

Figura 8 fotografia da autora.

Figura 9 fotografia da autora.

Figura 10 produção da autora a partir de várias fontes.

Figura 11 produção da autora a partir de várias fontes.

Figura 12 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.II – Ciudad, p. 100.

Figura 13 produção da autora a partir de várias fontes.

Figura 14 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p. 140.

Figura 15 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p. 140.

Figura 16 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p. 447.

Figura 17 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p. 230.

Figura 18 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p. 388.

Figura 19 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.II – Ciudad, p. 82.

Figura 20 RODRIGUÉZ IGLÉSIAS, “Galicia geografia”; p. 356.

Figura 21 composição da autora: CONANT, “Planta da Catedral de Santiago de Compostela”. in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p.160, sobre DIRECIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 22 produção da autora com base em DIRECIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 23 produção da autora com base em DIRECIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 24 produção da autora com base em DIRECIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 25 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 26 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 27 composição da autora a partir de várias fontes.

Figura 28 composição com base em fotografias da autora.

Figura 29 in: MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente", p27.

Figura 30 produção da autora com base em ESMORÍS GARCÍA, "A fachada do Obradoiro da Catedral". in: TAIN GUZMAN, "Trazas, Planos y Proyetos del Archivo de la Catedral de Santiago", p.315.

Figura 31 produção da autora com base em ESMORÍS GARCÍA, "A fachada do Obradoiro da Catedral". in: TAIN GUZMAN, "Trazas, Planos y Proyetos del Archivo de la Catedral de Santiago", p.315.

Figura 32 produção da autora com base em ESMORÍS GARCÍA, "A fachada do Obradoiro da Catedral". in: TAIN GUZMAN, "Trazas, Planos y Proyetos del Archivo de la Catedral de Santiago", p.315.

Figura 33 fotografia da autora.

Figura 34 fotografia de André Correia a pedido da autora.

Figura 35 SEOANE PRIETA, "Santiago de Compostela", vol.II – Ciudad, p.505.

Figura 36 fotografia da autora.

Figura 37 produção da autora com base em MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente", p. 45.

Figura 38 fotografia da autora.

Figura 39 produção da autora com base em "Alçados do Obradoiro". in: MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente", p. 45.

Figura 40 fotografia de André Correia a pedido da autora.

Figura 41 produção da autora com base em "Alçados do Obradoiro". in: MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente", p. 45.

Figura 42 produção da autora com base em MARTÍ ARÍS, "Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente", p. 134.

Figura 43 fotografia da autora.

Figura 44 fotografia da autora.

Figura 45 fotografia da autora.

Figura 46 fotografia da autora.

Figura 47 fotografia da autora.

Figura 48 fotografia da autora.

Figura 49 fotografia da autora.

Figura 50 fotografia da autora.

Figura 51 fotografia de André Correia a pedido da autora.

Figura 52 MARTÍ ARÍS, “Santiago de Compostela: la ciudad histórica como presente”, p. 19.

Figura 53 SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p.31.

Figura 54 Pasajes construcción”, nº23, p.4.

Figura 55 fotografia de André Correia a pedido da autora.

Figura 56 fotografia da autora.

Figura 57 fotografia da autora.

Figura 58 fotografia da autora.

Figura 59 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p.100.

Figura 60 in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.II – Ciudad, p.100.

Figura 61 fotografia de João Almeida a pedido da autora.

Figura 62 fotografia da autora.

Figura 63 fotografia da autora.

Figura 64 fotografia de João Almeida a pedido da autora.

Figura 65 fotografia da autora.

Figura 66 composição da autora com base em fotografias de João Almeida.

Figura 67 composição da autora com base em fotografias de João Almeida.

Figura 68 fotografia da autora.

Figura 69 fotografia de João Almeida a pedido da autora.

Figura 70 fotografia da autora.

Figura 71 fotografia da autora.

Figura 72 fotografia da autora.

Figura 73 fotografia da autora.

Figura 74 fotografia da autora.

Figura 75 fotografia da autora.

Figura 76 produção da autora com base em DIRECCIÓN DE ÁREA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Santiago de Compostela, “Zona Histórica”, ficheiro dwg.

Figura 77 produção da autora com base em CONANT, “Planta da Catedral de Santiago de Compostela”. in: SEOANE PRIETA, “Santiago de Compostela”, vol.I – La Catedral, p.160.

Figura 78 produção da autora com base em ESMORÍS GARCÍA, “A fachada do Obradoiro da Catedral”. in: TAIN GUZMAN, “Trazas, Planos y Proyetos del Archivo de la Catedral de Santiago”, p.315.

Figura 79 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 80 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 81 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 82 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 83 fotografia de Leonel Serra a pedido da autora.

Figura 84 fotografia de Andreia Arada a pedido da autora.

Figura 85 in: NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, "La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos", p. 12.

Figura 86 fotografia da autora.

Figura 87 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, "La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos", p. 26.

Figura 88 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, "La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos", p. 18.

Figura 89 fotografia da autora.

Figura 90 fotografia da autora.

Figura 91 fotografia da autora.

Figura 92 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, "La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos", p. 51.

Figura 93 fotografia da autora.

Figura 94 fotografia da autora.

Figura 95 fotografia da autora.

Figura 96 fotografia da autora.

Figura 97 fotografia da autora.

Figura 98 fotografia da autora.

Figura 99 fotografia da autora.

Figura 100 CALVO CAPILLA, "Urbanismo en la Córdoba Islámica", pp. 8 e 9.

Figura 101 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, "La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos", p. 109.

Figura 102 fotografia da autora.

Figura 103 fotografia da autora.

Figura 104 fotografia da autora.

Figura 105 composição com base em fotografias da autora.

Figura 106 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 109.

Figura 107 fotografia da autora.

Figura 108 fotografia da autora.

Figura 109 fotografia da autora.

Figura 110 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 110.

Figura 111 fotografia da autora.

Figura 112 fotografia da autora.

Figura 113 fotografia da autora.

Figura 114 composição com base em fotografias da autora.

Figura 115 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p.108.

Figura 116 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 115.

Figura 117 fotografia da autora.

Figura 118 fotografia da autora.

Figura 119 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 144.

Figura 120 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 144.

Figura 121 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 145.

Figura 122 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 145.

Figura 123 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 146.

Figura 124 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 117.

Figura 125 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 117.

Figura 126 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 118.

Figura 127 fotografia da autora.

Figura 128 fotografia da autora.

Figura 129 fotografia da autora.

Figura 130 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 42.

Figura 131 fotografia da autora.

Figura 132 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 27.

Figura 133 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 111.

Figura 134 fotografia da autora.

Figura 135 fotografia da autora.

Figura 136 fotografia da autora.

Figura 137 fotografia da autora.

Figura 138 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 150.

Figura 139 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, pp.158 e 159.

Figura 140 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 168.

Figura 141 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 168.

Figura 142 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 127.

Figura 143 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 127.

Figura 144 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 168.

Figura 145 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 168.

Figura 146 fotografia da autora.

Figura 147 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 164.

Figura 148 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 133.

Figura 149 fotografia da autora.

Figura 150 fotografia da autora.

Figura 151 fotografia do autor José Manuel Higuera “San Miguel de Escalada (León)” in: Google Earth, <http://www.panoramio.com/photo/606622>.

Figura 152 produção da autora com base em LAMPEREZ, “Historia da Arquitectura Cristiana Española”, vol.I, p. 258.

Figura 153 fotografia da autora.

Figura 154 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 169.

Figura 155 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 114.

Figura 156 fotografia da autora.

Figura 157 fotografia da autora.

Figura 158 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 113.

fotografia da autora.

Figura 159 fotografia da autora.

Figura 160 fotografia da autora.

Figura 161 fotografia da autora.

Figura 162 fotografia da autora.

Figura 163 NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 157.

Figura 164 fotografia da autora.

Figura 165 fotografia da autora.

Figura 166 fotografia da autora.

Figura 167 composição da autora com base em GERENCIA DE URBANISMO – Ayuntamiento de Córdoba, “Mezquita-1992”, ficheiro jpeg.

Figura 168 composição da autora com base em NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 109.

Figura 169 produção da autora com base em “Google Earth”, <http://earth.google.com>.

Figura 170 composição da autora com base em NIETO CUMPLIDO e TENA y ALVEAR, “La Mezquita de Cordoba: Planos y Dibujos”, p. 144., e “Kaaba_plan”, http://upload.wikimedia.org/wikipedia/en/0/0e/Kaaba_plan.jpg.

Figura 171 produção da autora a partir de várias fontes.

Figura 172 fotografia da autora.

Figura 173 produção da autora com base na figura 172.

